

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DENNER MARIANO DE ALMEIDA

A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O CAPITAL SOCIAL DO MOVIMENTO
APRENDIZES DA SABEDORIA: DA (IN)VISIBILIDADE AO EMPODERAMENTO

CURITIBA

2013

DENNER MARIANO DE ALMEIDA

A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O CAPITAL SOCIAL DO MOVIMENTO
APRENDIZES DA SABEDORIA: DA (IN)VISIBILIDADE AO EMPODERAMENTO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação, no Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Celsi Brönstrup Silvestrin

CURITIBA

2013

Catálogo na publicação
Fernanda Emanóela Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Almeida, Denner Mariano de
A comunicação pública e o capital social do Movimento
Aprendizes da Sabedoria : da (in)visibilidade ao empoderamento /
Denner Mariano de Almeida. – Curitiba, 2013.
141 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Celsi Brönstrup Silvestrin
Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. Movimentos sociais - Comunicação. 2. Capital social
(Sociologia). 3. Movimento Aprendizes da Sabedoria. I. Título.

CDD 303.484



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Rua Bom Jesus, 650 – Juvevê - Fone: 3313-2025

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) candidato(a) **Denner Mariano de Almeida**, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "**A comunicação pública e o capital social do movimento aprendizes da sabedoria: da (in)visibilidade ao empoderamento**" é de parecer favorável à *...Aprovação com distinção* do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Comunicação, linha de pesquisa "Comunicação, Política e Atores Coletivos" da área de concentração em Comunicação e Sociedade. Curitiba, 15 de abril de 2013.



Profª Drª Rodrigo Horochovski



Profª Drª Kelly Cristina de Souza Prudencio



Profª Drª Celsi Brönstrup Silvestrin
Orientadora e presidente da banca examinadora

A toda minha família, amigos e professores, pelo apoio, carinho e paciência.

Ao Movimento Aprendizes da Sabedoria, pelo acolhimento e pelas bênçãos.

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como é construída a situação de (in)visibilidade do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), que organiza detentores de ofícios tradicionais de cura (benzedadeiras, benzedores, costureiros e costureiras de machucadura, etc.) na região centro-sul do Paraná desde 2008. O trabalho parte da hipótese de que a invisibilidade sofrida pelos movimentos sociais é política e tem relação direta com o estreitamento das portas do sistema político, não dependendo exclusivamente de sua entrada na cena pública e do acesso aos meios de comunicação de massa. Assim, procura sistematizar os processos políticos que favorecem o empoderamento do grupo e também caracterizar os processos de comunicação desenvolvidos pelo MASA em seus contextos de mobilização, com destaque para sua relação com o capital social e a comunicação pública. Em relação aos procedimentos metodológicos, adota-se o estudo de caso único integrado, na perspectiva de classificação do MASA enquanto movimento social. Além disso, há o desenvolvimento de sua relação com as noções de empoderamento, capital social e a comunicação pública como subunidades. A partir disso, o estudo aponta os movimentos sociais como um espaço de mobilização permanente, numa relação bastante complexa com suas bases e também em relações sociais com outros atores através de redes, objetivando conquistar o empoderamento formal (como aprovação das leis e aberturas de espaços de diálogo com o Estado), poderes identitários, econômicos, sociais, políticos e a capacidade de tomar decisões efetivas para uma resolução de seus problemas e conflitos.

Palavras-chave: comunicação pública; movimentos sociais; capital social; empoderamento; invisibilidade social; MASA

ABSTRACT

This research aims at understanding how the situation of (in)visibility of Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) is built. MASA is a group that has been organizing people who have traditional healing abilities (healers, sorcerers, wound sewers – people who symbolically suture muscular bruises, etc.) in the south central region of Paraná since 2008. This paper assumes that the invisibility social movements encounter is political and directly linked to the narrowing that has been observed as far as the doors of the political system are concerned, and it does not exclusively depend on its entry in the public scenario and its access to mass media. It, thus, tries to systematize the political processes which help the empowerment of the group and also characterizes the communication processes developed by MASA in its contexts of mobilization, pointing out its relation to social capital and public communication. Regarding methodological procedures, the integrated case study was adopted, in the perspective of classifying MASA as a social movement. Besides, there is the development of its relation with the notions of empowerment, social capital and public communication as subunits. Thereafter, the study defines social movements as a space of permanent mobilization, very complexly related to its bases and also to other social actors through networks, aiming at achieving formal empowerment (such as the approval of laws and the opening of some space for dialogue with the State), identity, economic, social and political powers and the capability of making effective decisions that can solve their problems and conflicts.

Keywords: public communication; social movements; social capital; empowerment; social invisibility; MASA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – GRÁFICOS DE PARTES DO SISTEMA DE REFERÊNCIA DAS AÇÕES COLETIVAS.....	23
FIGURA 2 – FASCÍCULO QUE TRATA DAS BENZEDEIRAS.....	66
FIGURA 3 – CARTA DO 1º ENCONTRO REGIONAL DAS REZADEIRAS, BENZEDEIRAS, CURADORES, COSTUREIRAS.....	71
FIGURA 4 – CARTA FINAL DO 1º ENCONTRO MUNICIPAL DE DETENTORES DE OFÍCIOS TRADICIONAIS DE REBOUÇAS.....	76
FIGURA 5 – CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO DOS DETENTORES DE OFÍCIOS TRADICIONAIS DE SAÚDE POPULAR DE REBOUÇAS.....	78
FIGURA 6 - CARTEIRINHA DE RECONHECIMENTO DOS DETENTORES DE OFÍCIOS TRADICIONAIS DE SAÚDE POPULAR DO MUNICÍPIO DE REBOUÇAS.....	76
FIGURA 7 – MATÉRIA SOBRE AS BENZEDEIRAS PUBLICADA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.....	86

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – MAPEAMENTO SOCIAL EM SÃO JOÃO DO TRIUNFO	53
FOTOGRAFIA 2 – BENZEDEIRA EXIBINDO SUA CARTEIRINHA DE IDENTIFICAÇÃO EM REBOUÇAS	54
FOTOGRAFIA 3 – BENZEDEIRAS NO 2º ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS CENTRO-SUL DO PARANÁ	55
FOTOGRAFIA 4 – ENCONTRO COMUNITÁRIO NO BAIRRO VILA LINHA, EM REBOUÇAS, COM A PRESENÇA DE REPRESENTANTES DA ORGANIZAÇÃO HEIFER INTERNACIONAL, QUE APOIOU UM PROJETO DE DIREITOS ÉTNICOS E COLETIVOS DA REDE PUXIRÃO, DA QUAL O MASA FOI BENEFICIÁRIO INDIRETO	79
FOTOGRAFIA 5 – BENZEDORES E BENZEDEIRAS PARTICIPANTES DE OFICINA DE DIREITOS ÉTNICOS E COLETIVOS OFERTADA PELA ASSESSORIA JURÍDICA DA REDE PUXIRÃO	80
FOTOGRAFIA 6 – REPRESENTANTES DO MASA EM MANIFESTAÇÃO PELAS RUAS DE CURITIBA DURANTE O 1º ACAMPAMENTO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS	81
FOTOGRAFIA 7 – REPRESENTANTES DE POPULAÇÕES E COMUNIDADES TRADICIONAIS DURANTE MANIFESTAÇÃO PELAS RUAS DE CURITIBA	82
FOTOGRAFIA 8 – LIDERANÇAS E ASSESSORES DA REDE PUXIRÃO DURANTE A MANIFESTAÇÃO	82
FOTOGRAFIA 9 - 2º ENCONTRO MUNICIPAL DE BENZEDEIRAS DE REBOUÇAS	84
FOTOGRAFIA 10 – CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO DOS INDICADOS A 24ª EDIÇÃO DO PRÊMIO RODRIGO MELO FARIA DE ANDRADE, REALIZADA PELA SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO IPHAN	85
FOTOGRAFIA 11 - CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO DOS INDICADOS A 24ª EDIÇÃO DO PRÊMIO RODRIGO MELO FARIA DE ANDRADE, REALIZADA PELA SUPERINTENDÊNCIA ESTADUAL DO IPHAN	85
FOTOGRAFIA 12 – MÍSTICA DE ABERTURA DO 2º ENCONTRO REGIONAL DAS BENZEDEIRAS, EM REBOUÇAS	87
FOTOGRAFIA 13 - MÍSTICA DE ABERTURA DO 2º ENCONTRO REGIONAL DAS BENZEDEIRAS, EM REBOUÇAS	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - REIVINDICAÇÕES DO MASA NO 2º ENCONTRO REGIONAL DE BENZEDEIRAS DO CENTRO SUL DO PARANÁ.....	89
QUADRO 2 - SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AO CONCEITO DE MOVIMENTO SOCIAL PROPOSTO POR MELUCCI.....	98
QUADRO 3 - SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AOS CONCEITOS DE EMPODERAMENTO PROPOSTOS POR LISBOA E HOROCHOVSKI E MEIRELLES.....	99
QUADRO 4 - SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AOS CONCEITOS DE CAPITAL SOCIAL E COMUNICAÇÃO PÚBLICA.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MOVIMENTOS SOCIAIS, INVISIBILIDADE E EMPODERAMENTO	16
2.1 A ABORDAGEM CULTURALISTA SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS	16
2.2 A CONSTRUÇÃO ANALÍTICA DO CONCEITO DE MOVIMENTO SOCIAL POR MELUCCI	18
2.3 INVISIBILIDADE SOCIAL, UM BREVE RELATO	25
2.4 O SIGNIFICADO DE EMPODERAMENTO	27
2.5 EMPODERAMENTO COMO CATEGORIA EMPÍRICA	28
3 A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O CAPITAL SOCIAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	32
3.1 PERSPECTIVAS PARA A COMPREENSÃO DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA	33
3.2 COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL E SEUS DIÁLOGOS COM A INCLUSÃO POLÍTICA E O CAPITAL SOCIAL	38
3.3 AS BASES DO CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL CONTEMPORÂNEO	42
3.4 CAPITAL SOCIAL NO CONTEXTO DE EMPODERAMENTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	47
4 O MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	50
4.1 O MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA: SURGIMENTO, ORGANIZAÇÃO E AVANÇOS	50
4.1.1 Formas de organização e atuação	52
4.1.2 Contexto político no qual o MASA está inserido atualmente	54
4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
4.2.1 Das fontes de evidência	59
4.2.2 Análise das evidências	61
5 A ANÁLISE DOS DADOS	63
5.1 AS FASES QUE CONTROEM A HISTÓRIA POLÍTICO-ORGANIZATIVA DO MASA	63
5.1.1 O período pré-APF (2002 a 2005)	63

5.1.2 Período Aprendizizes da Sabedoria	65
5.1.3 Período pós-primeiro encontro – Surgimento e consolidação do MASA.....	69
5.1.3.1 O 1º Encontro Regional das Benzedeiras da Região Centro-sul do Paraná.....	70
5.1.3.2 Os mapeamentos sociais de Rebouças e São João do Triunfo	73
5.1.3.3 O período que antecede o 2º Encontro Regional das Benzedeiras.....	77
5.2 A LEITURA DA NARRATIVA HISTÓRICA DO MASA SOB A ÓTICA DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA	91
5.2.1 A construção analítica enquanto movimento social segundo Melucci	91
5.2.2 O empoderamento do grupo	92
5.2.3 Capital social e redes sociais: como são constituídos e o papel fundamental no comportamento político do MASA	94
5.2.4 Os processos comunicacionais (públicos) e a relação: base, Estado e sociedade.....	96
5.2.5 Quadros-síntese das análises por categoria	98
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE.....	107
ANEXOS	108

1 INTRODUÇÃO

Diversos grupos sociais vêm sofrendo um processo histórico de invisibilidade social, o qual é posto em prática através da violência simbólica de grupos dominantes sobre grupos dominados, o que resulta em um sentimento de humilhação social a partir da exploração econômica, da negação de acesso aos recursos políticos da sociedade e também na desvalorização da cultura das classes menos favorecidas. Agindo de forma a não aceitar essa imposição externa, esses mesmos grupos, organizados de diversas maneiras, enquanto movimentos sociais buscam reverter este quadro apresentado e resgatar os espaços e recursos que lhes são negados por seus antagonistas sociais, em um caminho oposto ao que gera a invisibilidade: o empoderamento. Essa inquietude dos grupos faz com que os movimentos sociais sejam vistos como os principais denunciadores das contradições da sociedade e também como os grandes proponentes de sua transformação, percorrendo um longo caminho desde sua organização inicial até a chegada à cena pública, com a consecução de seus objetivos políticos. O olhar destinado para essa dinâmica, sob a ótica da comunicação, oferece diversas oportunidades, dentre as quais se pode destacar a forma como esses movimentos desenvolvem suas relações com a comunicação no percurso que parte da invisibilidade e segue até o empoderamento.

Esta pesquisa tem como finalidade investigar e compreender como são desenvolvidos e a que fim chegam os processos comunicacionais do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA), neste contexto específico. O movimento organiza, desde 2008, indivíduos que são portadores de ofícios tradicionais de cura (benzedoras, benzedores, costureiros e costureiras de machucadura, etc.) na região centro-sul do Paraná, e é vinculado à Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná e de Santa Catarina (REDE PUXIRÃO), a qual articula oito segmentos (indígenas, benzedores e benzedoras, quilombolas, pescadores e pescadoras artesanais, ribeirinhos, cipozeiros e cipozeiras, faxinalenses, e religiosos de matriz africana) atuantes em diversas regiões dos dois estados do sul do país.

Com dois eixos bem claros de atuação, sendo o primeiro a expansão das bases e o segundo o reconhecimento jurídico formal dos indivíduos atuantes, o

MASA vem realizando o mapeamento social dos detentores de práticas populares de cura e já mapeou inclusive mais de trezentos praticantes. Além disso, promove uma mobilização dos grupos através de encontros regionais, municipais e comunitários, além realizar ações políticas juntamente com os governos municipais para promover o reconhecimento da atividade, como a proposição e aprovação de Lei Municipal reconhecendo a atividade nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo – nessas cidades os praticantes dos ofícios tradicionais de saúde popular, indicados pelo movimento e por suas comunidades, recebem certificado da prefeitura e têm emitida em seu nome uma carteira de reconhecimento do ofício.

A Rede Puxirão, por sua vez, busca a inserção dos movimentos que representa no cenário político regional e nacional, fortalecendo a defesa dos direitos étnicos e coletivos dos povos e comunidades tradicionais através da atuação em bloco junto a diversos órgãos federais, estaduais e organizações não governamentais, além de oferecer estrutura para o fortalecimento dos segmentos em nível local. Um dos principais resultados desta atuação foi a criação do Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná, no início do ano de 2013.

Um olhar mais atento sobre o MASA e também sobre a rede da qual faz parte justifica a escolha desse grupo como fonte para a investigação desta pesquisa. O histórico dos movimentos da região e sua forma de agir, buscando construir sua cidadania, relacionam-se com muita proximidade às fases de organização dos movimentos sociais do Brasil (organização nas bases da igreja, novos movimentos sociais, influência de ONGs, articulação em rede de movimentos e novíssimos movimentos sociais por demandas étnicas e culturais), conforme aponta Gohn (2010). Essa possibilidade deixa no ar um questionamento: como se caracteriza e desenvolve a comunicação utilizada por esses movimentos sociais em seus contextos de mobilização?

Peruzzo (1998), compreendendo a comunicação desenvolvida pelos movimentos sociais como uma das correntes da pesquisa em comunicação popular, enfatiza a importância do contexto nos estudos dos meios de comunicação. Para a autora é necessário procurar uma teoria que abarque os processos de comunicação no contexto mais amplo em que se realizam.

Assim, é com essa preocupação de inserir a comunicação dentro de um

contexto e não somente elaborar a análise do meio pelo meio, ou do instrumento pelo instrumento, que a presente investigação será conduzida, ampliando a forma de compreensão da comunicação ligada aos movimentos sociais e, mais especificamente, buscando caracterizá-la quando a mesma acontece nos contextos de mobilização social propostos pelo movimento em questão, quando desenvolve ações para escapar da situação de invisibilidade social e alcançar seu empoderamento.

A partir da questão colocada, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender como se constrói a situação de (in)visibilidade dos movimentos sociais, a partir da experiência do Movimento Aprendizes da Sabedoria. Aliado a isso, também se busca sistematizar os processos políticos que favorecem o empoderamento do grupo, bem como caracterizar os processos de comunicação desenvolvidos pelo MASA.

Para alcançar tal objetivo, parte-se da hipótese de que a invisibilidade dos movimentos sociais é política, forçada por seus antagonistas sociais e não depende somente do acesso aos meios de comunicação, ou da pura e simples entrada na cena pública. É um processo que vai mais além e tem relação direta com o alargamento das portas do sistema político. Paralelo a isso, ao objetivar uma transformação social, os movimentos despertam o interesse público em seus processos de mobilização, conferindo à comunicação nesses contextos características de uma comunicação pública. Além disso, ao praticar essa mobilização em redes, acumula-se capital social, o qual é tido como o elemento gerador e o principal produto desse mesmo processo de comunicação.

Ao procurar compreender a complexidade de uma situação particular, investigando um fenômeno empírico em seu contexto específico e privilegiando microprocessos que envolvem muitas variáveis, adotou-se nesta pesquisa uma proposta de procedimento de análise qualitativo, através de um estudo de caso único integrado. Assim, o trabalho foi desenvolvido sob a luz de Yin (2010), considerando a comunicação pública e o capital social como subunidades de análise do MASA. Para tanto, foram desenvolvidos pressupostos teóricos relacionados ao entendimento de *movimento social* (MELUCCI, 1996; GOHN, 2010); *comunicação pública* (BRANDÃO, 2007; DUARTE, 2007; MATOS, 2009; KOÇOUSKI, 2012) e *capital social* (BOURDIEU, 1980; MATOS, 2009). O *corpus* selecionado para a

pesquisa foi formado por entrevistas coletadas com as principais lideranças do movimento, publicações, como fascículos e boletins informativos, mapas sociais e notícias de jornal. Os documentos foram analisados através da estratégia de construção da explanação, confrontando proposições teóricas com os dados levantados, explicando os acontecimentos através dos elos de causa entre os mesmos.

E é a partir desses fatores que o trabalho chega ao seu formato final de apresentação, com a fundamentação teórica apresentada em dois capítulos e os procedimentos metodológicos e a análise dos dados correspondendo a um capítulo cada, seguidos das considerações finais. No Capítulo II são apresentados os caminhos para a construção analítica do conceito de movimento social e do empoderamento como categoria empírica, além da introdução do conceito de invisibilidade social. O Capítulo III incorpora o cerne desta pesquisa, ou seja, as discussões sobre comunicação, representadas pela Comunicação Pública e pelo Capital Social. A partir disso, o Movimento Aprendizes da Sabedoria e os procedimentos metodológicos são apresentados (Capítulo IV) e desencadeiam o Capítulo V, no qual são apresentadas as análises dos dados. Por fim, seguem as considerações finais, que acabam por relacionar todas as questões apresentadas, trazendo indicações sobre o papel fundamental da comunicação na trajetória política do grupo, onde se evidencia a importância da apropriação dos processos comunicacionais e articulação em redes sociais para alcançar o seu empoderamento.

2 MOVIMENTOS SOCIAIS, INVISIBILIDADE E EMPODERAMENTO

Ao trabalhar a comunicação dos movimentos sociais em contextos de invisibilidade e empoderamento, torna-se necessário discutir o que pode ser compreendido como movimento social, invisibilidade e empoderamento. Assim, concordando que o sentido desses termos não pode ser simplesmente dado, ou melhor, tomado como pressuposto, foi feita a opção de escolha por construções conceituais e categorizações de base analítica, com exceção da invisibilidade social, discutida de maneira direta através de um conceito apresentado, e também trabalhada indiretamente através do que se considera como o seu oposto: o empoderamento.

Essa escolha ajuda a contornar dois problemas encontrados. O primeiro deles consiste na escassez de discussões teóricas para a definição e apresentação de um conceito mais homogêneo de invisibilidade social. A literatura trabalha a ideia a partir de seus antônimos, ou seja, da não invisibilidade, que é entendida de maneiras diferentes através de termos como emancipação, reconhecimento ou empoderamento, o qual foi selecionado por esta pesquisa. Assim, essa escolha ajuda a evitar certa redundância, caso fosse feita a opção de confrontar sempre os diferentes lados de um mesmo objeto.

Tendo as bases para a pesquisa delineadas, são apresentados a partir desse momento os caminhos escolhidos como ponto de partida para apontar, ou negar, o Movimento Aprendiz da Sabedoria enquanto um movimento social em processo de empoderamento e desconstrução de sua invisibilidade social, já destacando os vieses da comunicação, que serão trabalhados no Capítulo II.

2.1 A ABORDAGEM CULTURALISTA SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Dentro das possibilidades de estudo dos movimentos sociais, Maria da Glória Gohn nos apresenta três grandes correntes teóricas: (1) histórico-estrutural, (2) culturalista-identitária e (3) a institucional/organizacional-comportamentalista

(GOHN, 2010, p. 27). Com atenção especial para a segunda corrente, bastante aceita no Brasil, é destacado o fato de que a mesma recebe um leque variado e complexo de influências, que vai de Kant a Weber e também abarca autores da teoria crítica, além de Habermas, Bobbio, Giddens e Bourdieu, que deixaram como legado a construção da “chamada novidade dos 'novos movimentos sociais' ao destacar que novas ações abriam espaços sociais e culturais, e eram compostas por sujeitos e temáticas que não estavam na cena pública ou não tinham visibilidade, como mulheres, jovens índios, negros, etc.” (GOHN, 2010, p. 29).

Ao desenvolver a abordagem culturalista, esses autores destacaram a questão da identidade dos movimentos sociais e criticaram as abordagens estruturais ortodoxas que se detinham excessivamente na análise das classes sociais como categorias econômicas; criticaram os estudos que se preocupavam apenas com as ações da classe operária e dos sindicatos, deixando de lado as ações coletivas de outros atores sociais relevantes. É importante registrar que eles teceram críticas ao marxismo, mas tiveram com ele um diálogo permanente, não descartando. O grande saldo desta corrente foi apresentar ao mundo a capacidade dos movimentos sociais de produzir novos significados e novas formas de vida e ação social (GOHN, 2010, p. 29-30).

O destaque aos movimentos sociais em situação de invisibilidade e o reconhecimento de sua capacidade de produção de novos significados, formas de vida e ação social convergem para a abordagem desta pesquisa. Nesse sentido, convém trazer à discussão algumas contribuições do francês Alain Touraine. De acordo com Gohn (2002, p. 146-147) os movimentos sociais, segundo Touraine, “são fruto de uma relação de produção e organização social, uma relação dupla – de identidade e oposição –, e não se dirigem fundamentalmente contra o Estado, pois não são lutas por meras conquistas de poder”. Assim, “um movimento social é ao mesmo tempo um conflito social e um projeto cultural” (p. 147). Goss e Prudêncio (2004) resgatam que Touraine evidencia três categorias de movimentos na contemporaneidade: sociais, culturais e históricos.

O autor distingue os movimentos societais dos movimentos culturais — ações voltadas para a afirmação de direitos culturais mais que no conflito com o adversário —, e dos movimentos históricos — que põem em questão uma elite e apelam ao povo contra o Estado. A partir disso, afirma que o que se forma, sobretudo, são movimentos históricos de defesa contra a globalização, mesmo porque eles são mais visíveis que os movimentos societais. Estes, por sua vez, se caracterizam por estarem ligados não a uma situação revolucionária, mas à capacidade do ator de elaborar uma práxis, de comprometer-se num conflito societal e erigir-se em defensor dos

valores sociais, que não podem reduzir-se aos interesses do ator nem conduzir ao aniquilamento do adversário (Touraine, 2003). Ou seja, num conflito social, a contestação é permanente (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p. 79).

É verdade que, apesar de sempre alicerçado na teoria da ação social, o conceito de movimento social de Touraine tenha passado por revisões feitas pelo próprio autor, década após década. Entretanto:

Apesar de Touraine ter alterado sua análise ao longo do tempo, permaneceram nela certos traços um tanto quanto normativos sobre os movimentos. Tratam-se de ações orientadas para interações entre adversários em conflito, de interpretações e modelos sociais opostos, assim como de campos culturais divididos, separados. Os movimentos sociais são ações coletivas que se desenvolvem sob a forma de lutas ao redor do potencial institucional de um modelo cultural, num dado tipo de sociedade. Assim, os conflitos sociais entre os atores devem ser entendidos em termos normativos e culturais (GOHN, 2002, p. 149).

Embora a abordagem culturalista dos movimentos sociais, principalmente a contribuição de Alain Touraine, possa facilitar a compreensão do sentido de movimento social e indicar uma linha conceitual a ser seguida neste trabalho, ainda não se tem satisfeito uma questão muito importante, que é a apreensão objetiva de movimento social. É possível compreender o que ele pode vir a ser, perceber sinais de sua presença, indícios, mas o movimento social em si, enquanto objeto concreto, não é passível de apreensão empírica, diferentemente de uma fotografia, ou um aparelho de televisão.

Em razão desta dificuldade, de trabalhar um movimento social como categoria empírica, será adotada a possibilidade da sua categorização analítica, desenvolvida pelo italiano Alberto Melucci, que mantém um diálogo próximo de Touraine.

2.2 A CONSTRUÇÃO ANALÍTICA DO CONCEITO DE MOVIMENTO SOCIAL POR MELUCCI

Melucci (1996) apresenta seus estudos sobre movimentos sociais através do olhar da teoria da ação social, compreendendo a análise dos movimentos a partir da

teoria da ação coletiva. Nesse sentido, ação coletiva é para o autor definida como um conjunto de práticas sociais envolvendo simultaneamente um número de indivíduos, ou de grupos, que possui características morfológicas similares numa mesma contiguidade de espaço e tempo, o que implica em um campo social de relações e na capacidade de as pessoas envolvidas encontrarem sentido naquilo que estão fazendo (MELUCCI, 1996, p. 20). Essa perspectiva abre caminho para a compreensão das múltiplas possibilidades de ações coletivas, sendo necessário distinguir os movimentos sociais dentro do rol possível dessas mesmas ações.

I specifically propose to use the notion of 'social movement' not as an empirical categorization of certain types of behavior but as an *analytical concept*: understood this way, it addresses a *particular level* of collective action that should be distinguished from other levels present in the empirical collective phenomena¹ (MELUCCI, 1996, p. 21, grifos do autor).

Para esta análise e distinção, são propostos sete princípios. O primeiro deles faz referência à necessidade de distinção entre uma ação coletiva que surge pela reação a uma crise ou pela expressão de um conflito, o que é imprescindível para dar sentido a diversas ações do passado e do presente (MELUCCI, 1996, p. 22). A presença do conflito é um elemento de grande importância para a compreensão dos movimentos sociais a partir de Melucci. O autor destaca primeiramente que a ação coletiva é frequentemente vista como uma patologia no sistema social, além disso, define conflito como sendo

[...] a struggle between two actors seeking to appropriate resources regarded by each as valuable. The actors in a conflict join battle in a shared field for control of same resources. For an event to constitute a conflict, the actors must be definable in terms of a common reference system, and there must be something at stake to which they both, implicitly, or explicitly refer² (MELUCCI, 1996, p. 22).

Sob essa ótica, o conflito não se distingue de uma crise, mas é entendido como um tipo de [crise], em que adversários são antagonistas em seus objetivos,

¹ Proponho especificamente o uso da noção de 'movimento social' não como uma categorização empírica de certos tipos de comportamento, mas como um *conceito analítico*: entendido desta forma é levado a um *nível particular* de ação coletiva que deve ser diferenciado de outros níveis presentes no fenômeno coletivo empírico (tradução nossa).

² [...] uma luta entre dois atores buscando apropriar-se de recursos valorizados por ambos. Os atores de um conflito lutam num terreno compartilhado por ambos, para controlar o mesmo recurso. Para um evento constituir-se como conflito, os atores devem ser definíveis em termos de um sistema de referência comum, e deve haver algo em jogo ao qual ambos, implicita ou explicitamente, se referem (tradução nossa).

relações e no significado para a produção social. Se por um lado crises do sistema podem fazer emergir esses conflitos, por outro, quando essa visibilidade for causada intencionalmente, não devem ser confundidas com uma simples reação à crise em questão, provocadora ou catalisadora da ação. A compreensão das especificidades que envolvem crises e conflitos antagônicos possibilita visualizar a tendência de os grupos dominantes definirem os movimentos sociais como simples reações às crises, uma disfunção do sistema. Por outro lado, também é possível interpretá-los como demandas coletivas desafiadoras da legitimidade do poder e aplicação dos recursos sociais (MELUCCI, 1996, p. 21-22).

O segundo princípio de análise indica que se deve fazer uma distinção entre as diferentes orientações da ação coletiva a partir de três aspectos: solidariedade, conflito e rompimento dos limites de compatibilidade do sistema de relações sociais nos quais a ação está inserida. Solidariedade neste caso deve ser entendida como a habilidade de os atores reconhecerem outros, serem reconhecidos e, ainda, pertencerem à mesma unidade social. Em casos nos quais não existe solidariedade, é encontrada a agregação de comportamentos atomizados – contingência coletiva espaço-temporal que pode ser reduzida ao nível individual sem perda das suas características morfológicas, orientada para o exterior e não para o grupo (MELUCCI, 1996, p. 23). A questão do conflito, cujo entendimento já foi trabalhado acima, deve ser confrontada com a possibilidade de se estar perante um consenso sobre as regras e procedimentos de domínio do controle dos recursos valorizados. Por fim, os limites de compatibilidade devem ser entendidos como *“the range of variability in systemic states that enables a system of social relationships to maintain its structure (or the set of elements and relations that identify the system as such)”*³ (MELUCCI, 1996, p. 24). Assim, as orientações da ação coletiva rompem os limites de compatibilidade ao serem projetadas para além do que é suportado pelo sistema, contrapostas por ações coletivas de manutenção de ordem, cujos efeitos ficam dentro do limite aceitável de variação estrutural de determinado sistema de relações sociais (MELUCCI, 1996, p. 24).

Ao trazer o terceiro princípio de análise, Melucci explicita que o campo analítico da ação coletiva depende do sistema de relações dentro do qual cada ação

³ O intervalo de variabilidade em estados sistêmicos que permite a um sistema de relações sociais manter a sua estrutura (ou o conjunto de elementos e relações que identificam o sistema como tal) (tradução nossa).

toma lugar. Além disso, depende também do sistema para o qual é direcionada, reforçando o entendimento de que os sistemas de ações coletivas devem ser compreendidos “*as analytical structures, as specific forms of social relationships which can be differentiated in terms of the nature of the social link binding individuals or groups together*”⁴ (MELUCCI, 1996, p. 25). Ainda de acordo com o autor, esses mesmos sistemas recebem definições de acordo com as relações que os caracterizam e são eles: sistemas de produção de recursos sociais (relações antagônicas ligadas à produção, apropriação e destinação dos recursos sociais básicos), sistema decisório sobre a distribuição dos recursos sociais básicos (ligado à política, é o nível social no qual normas são instituídas mediante competição de interesses), sistema organizacional (sistema de papéis que regula a troca e a implantação do sistema de tomada de decisões, buscando equilíbrio e adaptação ao ambiente) e o sistema do mundo da vida (reprodução da vida cotidiana através da interação e da comunicação).

This set of analytical distinctions enable us to differentiate among the multiple fields of collective action that combine in various ways with the orientations listed above in the concrete phenomena that are currently called by the observers, or call themselves, 'social movements'⁵ (MELUCCI, 1996, p. 28).

Ao chegar ao quarto princípio, o autor delinea sua abordagem sobre os movimentos sociais a partir dos elementos já expostos no segundo princípio.

I propose, instead, to define a concept of 'social movement' only when these analytical conditions required by de definition are met. Or, better yet, one can employ the concept as an analytical tool to detect in the variety of empirical behaviours the presence of those analytical dimensions that identify a specific type of collective action.⁶ (MELUCCI, 1996, p. 29)

Dessa forma, Melucci (1996, p. 29-30) define movimento social como um conceito tridimensional envolvendo obrigatoriamente a mobilização de um ator

⁴ Como estruturas analíticas, como formas específicas de relações sociais as quais podem ser diferenciadas em termo da natureza do laço social ligando indivíduos ou grupos (tradução nossa).

⁵ Este conjunto de distinções analíticas nos permite diferenciar entre os vários campos de ação coletiva, que combinam de diversas maneiras com as orientações acima nos fenômenos concretos que estão atualmente chamados pelos observadores, ou chamam a si mesmos, "movimentos sociais" (tradução nossa).

⁶ Proponho, em vez disso, definir um conceito de "movimento social" apenas quando estas condições de análise necessárias para definição tiverem sido encontradas. Ou, melhor ainda, pode-se empregar o conceito como uma ferramenta analítica para detectar na variedade de comportamentos empíricos a presença dessas dimensões analíticas que identificam um tipo específico de ação coletiva.

coletivo através de uma solidariedade específica, que conflita com um adversário na busca pelo controle e apropriação de um recurso social valorizado por ambos. Isso se dá em uma ação que rompe os limites de compatibilidade do sistema no qual está inserida a ação, subverte as regras do jogo e tem objetivos não negociáveis, desafiando a legitimidade do poder.

No quinto princípio, o autor ressalta a necessidade de distinção de um 'movimento social' dentre outras ações coletivas, pois envolvem orientações e terrenos de ação diferentes (MELUCCI, 1996, p. 30). A partir dos sistemas de referência das ações coletivas, o autor nos apresenta diferentes possibilidades de ações conforme a combinação de fatores: movimento social (ação envolvendo conflito, solidariedade e rompimento dos limites do sistema), competição (envolve conflito e solidariedade, mas sem rompimento dos limites do sistema), desvio (ação que desafia os limites do sistema, sem solidariedade entre os membros, e tampouco identificação de conflito), cooperação (ação que envolve solidariedade, mas sem apontar um conflito e dentro dos limites de compatibilidade do sistema), reação (ação coletiva que envolve solidariedade seja para defender a ordem social, ou mesmo romper os limites do sistema), resistência individual (evidencia um conflito e busca o rompimento do sistema, mas os indivíduos são unidos por agregação), mobilidade individual (indivíduos expressam conflito, sem propor rompimento do sistema, unidos por agregação na busca de vantagens individuais) e, por último, rituais coletivos (ação coletiva envolvendo agregação e consenso e é localizada dentro dos limites do sistema).

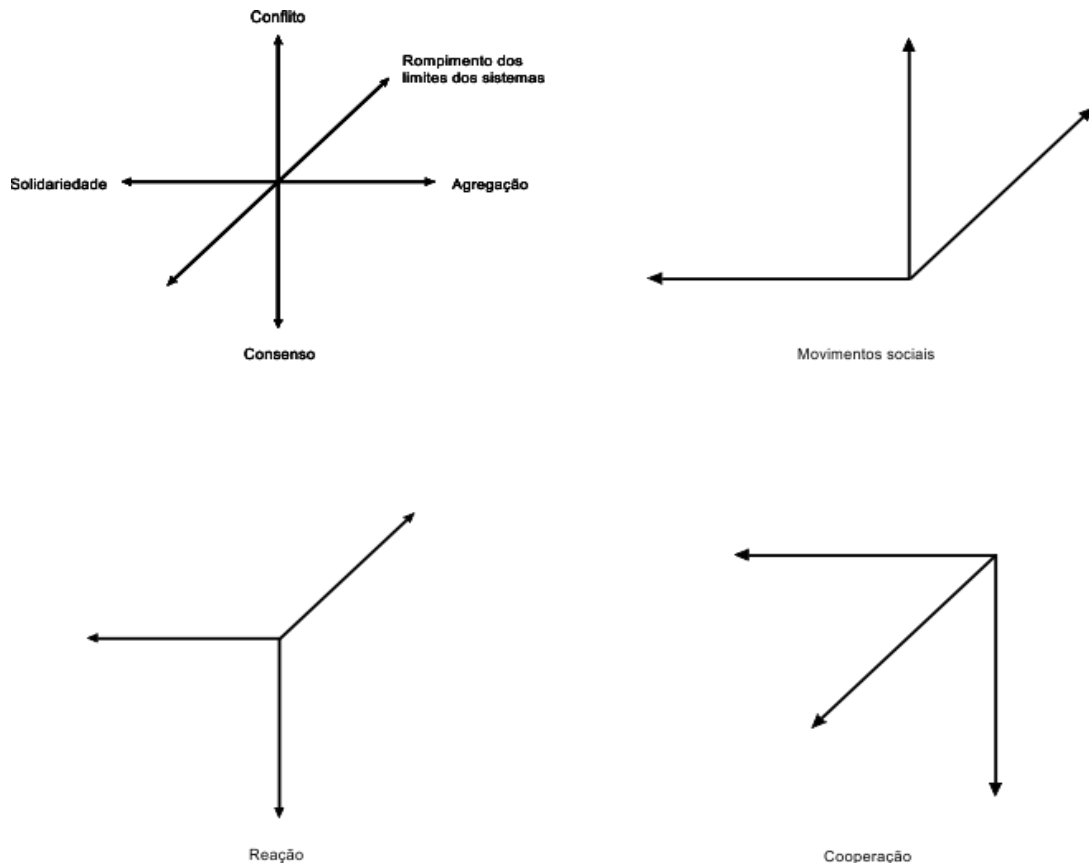


FIGURA 1 - GRÁFICOS DE PARTES DO SISTEMA DE REFERÊNCIA DAS AÇÕES COLETIVAS
 FONTE: MELUCCI, 1996

O sexto princípio de análise (MELUCCI, 1996, p. 34-35) orienta a distinção dos movimentos sociais de acordo com seu campo de ação. Dessa forma, eles podem ser analisados a partir de quatro categorias: redes de conflito (movimento caracterizado por apresentar seu conflito e subversão às regras no nível do cotidiano, criando redes de relações sociais conflitivas), movimento reivindicatório (o ator coletivo busca uma nova distribuição dos recursos, um funcionamento mais eficiente do aparato social), movimento político (procura o acesso aos processos de tomada de decisão, ou aumento de sua influência neles, mesmo que seja preciso alargar os limites do sistema político em que está inserido) e movimento antagonista (ação conflitual coletiva, apontada para a produção dos recursos sociais, questionando os objetivos da produção social e também a direção proposta de desenvolvimento social).

O sétimo e o oitavo princípios retomam o olhar da análise para o contexto

geral das ações coletivas. Enquanto o de número sete prega que toda forma concreta de ação coletiva tem uma pluralidade de significados analíticos, o de número oito, por sua vez, pede atenção ao fato de que toda forma de ação coletiva é um sistema de ação (MELUCCI, 1996, p. 37-38).

Em relação à pluralidade de significados analíticos das ações coletivas, é necessário observar que *“a concrete collective actor is always a complex and heterogeneous process which unfolds in reality and which contains meanings of action that are addressed by the various analytical categories”*⁷ (MELUCCI, 1996, p. 37). Para a compreensão desses significados e direções da ação coletiva, devem-se desconstruir analiticamente os seus elementos empíricos para reconstruí-los num sistema de relações significativas. Assim, a resposta do sistema ao conflito é o primeiro indicador de significado da ação coletiva, ocorrendo nas áreas em que os antagonistas (detentores do maior número de recursos) sentem-se mais ameaçados. Por exemplo, “protestos dentro de um sistema organizacional e que desafiam diretamente a configuração do poder provocam intervenção do sistema político e do aparato repressor do estado”. Outro indicador de significado é a resposta do movimento antagonista, cuja linguagem montada através de sua bagagem cultural descreve a situação como “uma luta entre aqueles que produzem recursos sociais cruciais e a aqueles que se apropriam deles”. O terceiro elemento trazido pelo autor faz referência ao espectro de mudança pelo qual passam os movimentos, “de redes do cotidiano para movimento reivindicatório, para movimento político e então para movimento antagonista” (MELUCCI, 1996, p. 38).

Melucci ainda complementa que este processo acontece dentro das seguintes dimensões: o aumento do conteúdo simbólico (um conflito antagonista busca atingir as bases culturais da sociedade), os objetivos tornam-se inegociáveis (movimento em conflitos organizacionais internos ou de sistemas políticos facilmente repartem estrategicamente ou negociam seus objetivos, ao contrário dos movimentos antagonistas), há conflitos menos reversíveis (a dificuldade de resolução do conflito marca a passagem de um movimento reivindicatório para um movimento antagonista), custos e benefícios da ação tornam-se menos valoráveis (quanto mais o movimento se aprofunda nas questões culturais da sociedade, fica

⁷ Um ator coletivo concreto é sempre um processo complexo e heterogêneo que se desdobra na realidade e que contém significados de ação que são abordados pelas diferentes categorias analíticas (tradução nossa).

ainda mais difícil medir o valor de suas ações) e a solução do conflito tende a zero (quanto mais próximo de ser um movimento antagonista, menos o conflito se aproxima de sua resolução).

Por fim, em seu último princípio de análise das ações coletivas, em que considera a todas as análises apresentadas como um sistema de ação, o autor evidencia os movimentos sociais.

The empirical unity of a social movement should be considered as result rather than a starting point, a fact to be explained rather than something already evident. Collective action is a multipolar system of action which combines different orientations, involves multiple actors, and encompasses as system of opportunities and constraints which shapes the actor's relationships. Actors produce collective action because they are able to define themselves and their relationship with the environment (other actors, available resources, present opportunities and obstacles). The process of creating such definitions is, however, not linear: the events in which a number of individuals act collectively are the product of the interaction, negotiation, and opposition between different action orientations⁸ (MELUCCI, 1996, p. 40).

Este caminho longo fornecerá, adiante, condições para que se compreenda o MASA como um movimento social. Também merecem atenção elementos aqui colocados, como exteriorização do conflito, a atuação em redes com outros atores e a solidariedade, tais conceitos serão adiante resgatados na apresentação dos conceitos de comunicação pública e capital social. Além disso, boa parte das questões relacionadas ao poder e à visibilidade será relacionada logo abaixo.

2.3 INVISIBILIDADE SOCIAL, UM BREVE RELATO

O termo invisibilidade social, apesar de bastante citado, tem o seu conceito e

⁸A unidade empírica de um movimento social deve ser considerada como resultado, em vez de um ponto de partida; um fato a ser explicado, em vez de algo que já está evidente. A ação coletiva é um sistema multipolar de ação que combina diferentes orientações, envolve múltiplos atores e abrange como um sistema de oportunidades e dificuldades que moldam as relações dos atores. Atores produzem ação coletiva porque eles são capazes de definir a si mesmos e sua relação com o ambiente (outros atores, recursos disponíveis, oportunidades atuais e obstáculos). O processo de criar tais definições é, entretanto, não linear: os eventos nos quais um número de indivíduos agem coletivamente são o produto de sua interação, negociação e oposição entre as orientações de ação diferentes.

definição pouco desenvolvidos pela literatura. Utilizado tanto por pesquisadores da área da psicologia social, quanto por aqueles das ciências sociais, faz referência à falta de visibilidade, factual ou simbólica, de indivíduos e grupos sociais.

Dentre os pesquisadores brasileiros, Fernando Braga Costa⁹ toma papel de destaque nessa discussão ao expor sua experiência de ocupar o lugar de um gari dentro da Universidade de São Paulo, comprovando assim a invisibilidade sofrida pelo grupo. O autor busca referência para seu trabalho na *invisibilidade pública* de Gonçalves Filho:

Invisibilidade Pública é expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente de classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: a violação da terra, a perda dos bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação dos engenhos ou depois nas fazendas e nas fábricas (GONÇALVES FILHO, 2004 *apud* COSTA, 2008, grifo do autor).

Fraser ([199-] *apud* LIMA, 2010) discutindo sobre o reconhecimento, relaciona a humilhação social a um tipo de injustiça, a injustiça simbólica, que é “operada por meio de práticas interpretativas, comunicativas e representacionais autoritárias sobre a cultura de alguém” (LIMA, 2010, p. 18). Dessa situação resulta diretamente a invisibilidade social, justamente por sua interferência na autoestima daqueles que sofrem esta injustiça. Assim, os elementos simbólicos de violência e poder (BOURDIEU, 2009) também se fazem presentes nesse contexto. Para a autora, o remédio para esta injustiça simbólica “é algum tipo de mudança cultural ou simbólica. Isto poderia envolver reavaliar positivamente identidades desrespeitadas e os produtos culturais de grupos execrados. Também poderia envolver reconhecer e positivamente valorizar a diversidade cultural”. Com esse processo, os padrões sociais de representação, interpretação e de comunicação seriam totalmente transformados, conferindo novos sentidos ao “eu” e ao “todos”.

A partir dessa discussão, pode-se propor o entendimento da invisibilidade social para este trabalho como o processo histórico e simbólico, imposto violentamente por um grupo social dominante a um grupo social dominado, causando sofrimento político, humilhação social e esfacelamento de sua identidade

⁹ A experiência resulta na publicação do livro “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, em 2004, e em sua tese de doutorado, defendida na USP, em 2008.

cultural.

2.4 O SIGNIFICADO DE EMPODERAMENTO

Do lado oposto ao entendimento de invisibilidade social, tem-se o conceito de empoderamento. Oriundo do termo da língua inglesa *empowerment*, passou a ser utilizado no Brasil com dois sentidos principais:

o significado da categoria “*empowerment*” ou empoderamento, como tem sido traduzida no Brasil, não tem um caráter universal. Tanto poderá estar referindo-se ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades - no sentido de seu crescimento, autonomia, melhora gradual e progressiva de suas vidas (material e como seres humanos dotados de uma visão crítica da realidade social); como poderá referir-se a ações destinadas a promover simplesmente a pura integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, atenção pessoal etc., em sistemas precários, que não contribuem para organizá-los – porque os atendem individualmente, numa ciranda interminável de projetos de ações sociais assistenciais. (GOHN, 2004, p. 23)

A primeira perspectiva, emancipatória, é a que vai possibilitar a ligação com os demais conceitos trabalhados nesta pesquisa, uma vez que, de acordo com Horochovski e Meirelles (2007), ao se aproximar da noção de autonomia, referindo-se “à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas – política, econômica, cultural, psicológica, entre outras”, o empoderamento pode ser pensado como “resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e dos grupos”, processos estes marcados pela obtenção de recursos para que os mesmos indivíduos e grupos possam ter “voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (HOROCHOVSKI; MEIRELES, 2007, p. 486), conferindo a eles uma possibilidade de agendamento dos temas que afetam suas vidas, equilibrando as relações de poder.

Lisboa (2007) oferece uma importante contribuição para a compreensão do processo de empoderamento ao trazer os cinco momentos nos quais ele ocorre (da impotência à pró-atividade). O primeiro, chamado Contexto, é caracterizado por um

evento que coloca os indivíduos e grupos diante de uma grande contradição, acompanhado por um “sentimento de revolta, inconformismo, não aceitação, e, ao mesmo tempo, de competência para a participação, ou seja, a pessoa passa a sentir que está apta para agir em prol de uma transformação”. O segundo momento, a Motivação, refere-se à identificação com outros indivíduos que vivem a mesma situação, “resultando mudanças no cotidiano e críticas às estruturas de poder vigentes”. O terceiro momento é chamado Engajamento e reivindicação: “constitui-se por uma mobilização seguida de uma fase crítica. Atividades ou reações espontâneas precisam evoluir para um engajamento estável” (LISBOA, 2007, p. 645). Nesse passo, as espontaneidades devem caminhar para um compromisso estável com vínculos duradouros entre os que vivem a mesma situação, levando à compreensão da dimensão coletiva da situação e abrindo espaço também para a intervenção de agentes externos. Agindo como mediadores, têm a função de desenvolver as potencialidades do grupo, encorajando a ação sociopolítica.

Na quarta etapa acontecem a Integração e a Ação: há o compartilhamento de conflitos e a relação com grupos diversos é intensificada, proporcionando novos sentimentos de pertencimento, trocas de experiência e o surgimento de redes sociais. Por último, acontece a Conscientização, que consiste na formação de uma consciência política que reflete no entendimento das pessoas como sujeitos ativos do processo de transformação, de condução de um novo modelo de desenvolvimento. De acordo com a autora, a chegada nesta etapa requer tempo e paciência, pois a superação da opressão histórica não ocorre imediatamente. De qualquer forma, os conhecimentos e a experiência vivida podem ser acumulados e compartilhados com outros membros e futuras lideranças.

2.5 EMPODERAMENTO COMO CATEGORIA EMPÍRICA

Ao trazer o conceito de empoderamento para este trabalho, também se busca compreender as relações que ele estabelece com o movimento social em questão. Dessa maneira, torna-se indispensável a discussão do empoderamento enquanto categoria empírica.

Empoderamento é uma variável multidimensional, de escopo variável – indo desde os indivíduos até a esfera global. Não pode, portanto, ser generalizada, como algo que se tem ou não de forma absoluta. Entre esses dois extremos há uma miríade de possibilidades, enfim, de graus de empoderamento, na medida em que o mesmo pode ser dito para categorias que lhe são correlatas, como autonomia e emancipação – nunca se é totalmente autônomo ou emancipado (tampouco empoderado), pois todos os que vivem numa sociedade defrontam-se com coerções maiores ou menores. Tampouco se vive em condições de total heteronomia. A questão que normativamente se coloca é equilibrar o jogo, para que a distância entre os mais e menos empoderados se reduza. Esses esclarecimentos são essenciais quando se quer utilizar o empoderamento como variável operacional em pesquisas sociais empíricas (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 494).

Embora reconheçam a multiplicidade de dimensões que envolvem o assunto, Horochovski e Meirelles (2007) apresentam apenas quatro delas: níveis ou sujeitos de empoderamento, motivações do empoderamento, poderes (ou recursos do empoderamento) e modalidades de empoderamento.

A primeira dimensão, que trata dos níveis ou sujeitos do conceito, apresenta três variáveis: a primeira é o empoderamento individual ou intrapessoal (quando os indivíduos ou grupos de indivíduos semelhantes tomam noção, por si próprios, de que possuem recursos para influenciar e controlar o rumo das ações que lhes afetam, em um processo de mediação com o ambiente, resultando na participação desses indivíduos nas organizações da sociedade); a segunda é o empoderamento organizacional (relacionado ao compartilhamento de poder de decisão e liderança, coletivizando e horizontalizando as decisões) e como terceira variável é apresentado o empoderamento comunitário (faz relação com o processo participativo – envolve sujeitos individuais ou coletivos – e consensual de construção das estratégias e ações coletivas para o alcance dos objetivos traçados, resultando no acesso de recursos governamentais e comunitários).

A segunda dimensão, relacionada às motivações do empoderamento, abre duas possibilidades de compreensão. Primeiramente, o empoderamento pode ser considerado reativo, quando provocado por reação a uma ameaça (geralmente externa), ou então, como segunda possibilidade, pode ser proativo, quando é alcançado através de ações desejadas conscientemente.

Essas duas motivações para o empoderamento variam principalmente quanto aos custos enfrentados para a realização de seus objetivos, substancialmente maiores no primeiro caso, embora haja uma tendência de

indivíduos e grupos, principalmente os desempoderados, se mobilizarem mais pela primeira motivação, ou seja, a reação a alguma ameaça (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 497).

Os poderes, ou recursos de empoderamento, devem ser encarados sob uma perspectiva que considere o poder como a capacidade de suprir desejos, vontades e objetivos relacionados a pessoas ou objetos. Além disso, assim como as demais dimensões, aqui há uma subcategorização dos poderes. Os primeiros apresentados são os poderes identitários, relacionados ao aumento da autoestima e do autorreconhecimento do grupo ou do indivíduo sob um ponto de vista étnico-cultural. Têm-se também os poderes econômicos, diretamente relacionados à sustentação material, garantindo condições mínimas de dignidade para tornar possível a mobilização; e os poderes sociais, que fazem alusão ao *status* do ator e a seu acesso a informações e decisões racionais nos contextos de alcance de seus objetivos. Ou seja, esse poder está relacionado diretamente com a visibilidade adquirida e a coesão grupal, demandando também adesão à instituições e mecanismos de associação, aproximando-se da noção de capital social. Por fim, são apresentados os poderes políticos, materializados na participação (ativa, consciente e eficaz) das decisões que vão afetar os indivíduos e grupos envolvidos, fortalecidos por uma cultura política democrática. Aí, na cultura democrática, há bons níveis de capital social e sofisticação política, além de um desenho institucional e uma estrutura política

em que a participação cidadã não se restrinja a processos eleitorais para escolha de representantes, mas que preveja a existência de mecanismos formais de participação mais direta e contínua no controle (*accountability*), formulação e implementação de políticas (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007, p. 498 - 499).

A última dimensão a ser analisada, ao considerar o empoderamento enquanto categoria analítica, de acordo com os autores citados, é a que faz relação com as modalidades de empoderamento. Assim, o conceito em questão pode ser formal, quando instituições formais – governos e empresas – abrem-se publicamente através de mecanismos de influência externa em suas decisões, e também pode ser instrumental, uma vez que o indivíduo obtenha capacidade de participar e interferir num processo de tomada de decisão, determinada pelos recursos (materiais, intelectuais, etc.) que dispõe para isto. Por fim, o empoderamento substantivo, que é

marcado pela habilidade de tomadas de decisão que efetivamente venham a resolver os problemas enfrentados e produzir os resultados esperados.

3 A COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O CAPITAL SOCIAL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Este capítulo objetiva explicar a abordagem da comunicação nesta pesquisa, lembrando que se parte da premissa de investigar a comunicação dos movimentos sociais em contextos de mobilização.

Vizer (2007), amparado em Giddens, fala da constituição dos processos e agentes sociais “mediante uma dupla face das práticas sociais”. Desse fator resultam duas práticas, sendo “a prática como ação social 'objetiva', e, em segunda instância, a prática como o sentido da ação, entendida como comunicação humana e social” (VIZER, 2007, p. 47).

Segundo o autor, a perspectiva de análise pelo viés sociocomunicacional, como a que é aqui utilizada, resulta na proposição de três diferentes funções nos processos discursivos e comunicacionais: função referencial, entendida como “dispositivo de construção discursiva de 'representações objetais' (de que se fala)”; função inter-referencial, relacionada com a “construção de relações e vínculos entre atores sociais que se 'referenciam' mutuamente (quando se fala, fala-se com alguém, com um interlocutor que pode ou não estar presente na comunicação)”; e, por último, a função autorreferencial, ou seja, “o processo de apresentação do sim, mesmo em sociedade, e como marcas de identidade – e identificação – de uma organização e/ou um movimento social como sujeito e ator social (quem é e o que fala; já que o reconhecimento social implica a representação de um sujeito social)” (VIZER, 2007, p. 47). Ou seja:

As práticas sociais se expressam então comunicacionalmente em três dimensões (funções): a) como referenciação e construção simbólica do mundo dos objetos (a dimensão do discurso que se refere à “realidade externa”; b) como função de inter-referenciação entre os agentes sociais, ou seja, as modalidades de estabelecimento de relações entre atores sociais (geralmente denominada interação social). E por último, c) uma dimensão autorreferencial dos próprios agentes sociais, os modos, estilos e termos que empregam as organizações – ou empregamos como indivíduos (consciente ou inconscientemente) – para “apresentar-nos” perante os demais e perante o mundo (como as mulheres, os políticos e os artistas “se reproduzem” para construir uma imagem pública de si mesmos).

Essa apresentação (de um indivíduo, de uma comunidade, uma instituição ou um movimento social enquanto “agente”) perante os outros vai gerando as marcas da representação social que identifica o agente como ator social diferenciado (VIZER, 2007, p. 47).

É esse entendimento da questão comunicacional, dentro das práticas sociais, que funciona como o elemento central e promotor da conexão entre as demais partes deste trabalho. A partir disso, é aberto o caminho para não somente responder à questão inicial da pesquisa, mas também para apontar como essa resposta deve vir estruturada.

Quando é feita a pergunta sobre o que é falado pelo MASA dentro do contexto específico pretendido, aponta-se para respostas múltiplas, mas de uma raiz comum: fala-se de propostas de transformação social, que, por sua vez, são falas de interesse público. Nesse sentido, torna-se possível analisar a sua comunicação pelo viés da comunicação pública, uma vez que essa é fundamentalmente sua base.

Ao trazer à tona a segunda dimensão, focando o olhar sobre as relações que o ator social Movimento Aprendiz da Sabedoria estabelece com os outros ao seu redor, a compreensão disto pode ser feita através do capital social e das relações de conflito, o que justifica a escolha de Melucci, além de abrir espaço para a concepção de capital social de Bourdieu, que será introduzida na sequência.

Por último, a dimensão autorreferencial é contemplada na medida em que o MASA busca o rompimento de sua situação de invisibilidade e diferenciação perante os outros atores do cenário, buscando construir uma imagem pública de si enquanto sujeito empoderado, conquistando respeito e reconhecimento dos demais.

3.1 PERSPECTIVAS PARA A COMPREENSÃO DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA

A comunicação pública é compreendida a partir de diferentes contextos. Isso se apresenta como um fator de dificuldade e soma-se também a outros, como a abrangência a diversas áreas do conhecimento e a influência cultural de cada região ou país.

A expressão *comunicação pública* (CP) vem sendo usada com múltiplos significados, frequentemente conflitantes, dependendo do país, do autor e do contexto em que é utilizada. Tamanha diversidade demonstra que a expressão ainda não é um conceito claro, nem mesmo uma área de atuação profissional delimitada. Pelo menos por enquanto, comunicação pública é uma área que abarca uma grande variedade de saberes e atividades e pode-se dizer que é um conceito em construção (BRANDÃO,

2007, p. 1, grifo da autora).

Elizabeth Brandão considera duas vias para a construção do conceito de comunicação pública. A primeira delas leva em consideração a diversidade de significados (especialmente em âmbito internacional). A segunda proposta leva à conceituação a partir do que vem sendo discutido para a formação do conceito no Brasil, “tendo como paradigma a construção da cidadania, em amplo e histórico sentido” (BRANDÃO, 2007, p. 29).

Ao trabalhar a primeira via, identifica-se a comunicação pública com cinco diferentes áreas do conhecimento e de atividade profissional. Primeiramente, percebe-se que em vários países da América Latina, Central e Estados Unidos, “o entendimento de CP está claramente identificado com a comunicação organizacional, isto é, a área que trata de analisar a comunicação no interior das organizações e entre ela e seus públicos, buscando estratégias e soluções” (BRANDÃO, 2007, p. 1). A segunda relação feita pela autora é entre comunicação pública e comunicação científica. Neste sentido:

[...] a comunicação pública está inserida no âmbito das discussões que dizem respeito à gestão das questões públicas e pretende influir na mudança de hábitos de segmentos da população, bem como na tomada de decisão política a respeito de assuntos da ciência que influenciam diretamente a vida do cidadão (BRANDÃO, 2007, p. 4).

Também é feita a identificação com a comunicação do Estado e/ou comunicação governamental, “uma dimensão da comunicação pública que entende ser de responsabilidade do Estado e do Governo estabelecer um fluxo informativo e comunicativo entre seus cidadãos” (BRANDÃO, 2007, p. 4). A quarta relação apresentada pela autora identifica comunicação pública com a comunicação política, essa última devendo ser compreendida como o uso partidário e governamental da comunicação para a expressão pública dos ideais e posicionamentos e, também, “as disputas perenes entre proprietários de veículos e detentores das tecnologias de comunicações e o direito da sociedade de interferir e poder determinar conteúdos e o acesso a esses veículos e tecnologias em seu benefício” (BRANDÃO, 2007, p. 6). A quinta perspectiva apresentada, por sua vez, traz a comunicação identificada com as estratégias de comunicação da sociedade civil organizada, abrindo o primeiro caminho para o entendimento da comunicação dos movimentos sociais como

comunicação pública.

O tempo e as mudanças políticas na estrutura do Estado democrático levaram à evolução de temas e polêmicas que eram discutidos na área de Política de Comunicação para um novo sentido que contemporaneamente marca também o significado de comunicação pública. Trata-se de práticas e formas de comunicação desenvolvidas pelas comunidades e pelos membros do terceiro setor e movimentos sociais ou populares que também é conhecida como comunicação comunitária e/ou alternativa. Aqui, entende-se a prática da comunicação a partir da consciência de que as responsabilidades públicas não são exclusivas dos governos, mas de toda a sociedade (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Essa abordagem é a que mais merece destaque pela convergência com os objetivos deste trabalho, uma vez que “no centro desta perspectiva encontra-se a comunicação como parte integrante e fundamental da dinâmica desses movimentos e como instrumento de mobilização das comunidades” (BRANDÃO, 2007, p. 8).

Marina Koçouski (2012) percorre um caminho semelhante em sua tentativa de construção de um conceito para comunicação pública. Além disso, também reconhece as dificuldades e a amplitude de interpretações do mesmo, iniciando sua pesquisa pelas diversas correntes internacionais antes de entrar propriamente em como o conceito vem sendo formatado no Brasil. Em relação à influência internacional trazida pela autora, destacam-se os seguintes autores: Jaramillo López (Colômbia), Paolo Mancini (Itália) e Pierre Zémor (França).

López (2004 *apud* KOÇOUSKI, 2012, p. 78) faz seu entendimento de comunicação pública a partir do conceito de esfera pública de Habermas, na intersecção entre comunicação e política (a arte de construir consensos). Sua concepção também é influenciada pelo “modelo macrointencional da comunicação” (elementos básicos da comunicação aplicados à ideia de mobilização social), de José Bernardo Toro, e pelo princípio das mediações (KOÇOUSKI, 2012, p. 78). O autor ainda concebe a comunicação pública a partir de cinco dimensões, semelhantes ao que fora proposto por Brandão (2007): há a dimensão política (ligada à construção de bens públicos e propostas políticas), mediática (relacionada aos meios de comunicação, gestão da informação e criação da agenda pública), uma estatal (dimensão predominante, relacionada à comunicação entre governo e sociedade), organizacional (faz relação com comunicação privada das organizações, mas de interesse coletivo) e uma da vida social (lançamento de propostas de interesse público e coletivo pelos movimentos e organizações sociais).

A autora, ao tratar de Paolo Mancini (2008 *apud* KOÇOUSKI, 2012), evidencia as três dimensões que ele usa para definir o campo da comunicação pública: promotores/emissores, finalidade e objeto.

Sua percepção é de que os *promotores ou emissores da comunicação pública* podem ser organizações públicas, privadas ou semipúblicas. Essa classificação não se dá estritamente pela natureza jurídica, mas também pela combinação desta com o campo de intervenção das organizações. Para Mancini, a *finalidade* é a dimensão que mais delimita o campo da comunicação pública: a comunicação não deve ser orientada para o alcance de uma vantagem econômica imediata, como a venda de produtos ou a troca para fins comerciais (KOÇOUSKI, 2012, p. 81, grifos da autora).

Em relação à última dimensão, os objetos delimitados pela comunicação pública são os de interesse geral: “aqueles que dizem respeito à comunidade como um todo, que produzem efeitos, antes de tudo, sobre as interações entre os diversos subsistemas sociais nos quais a comunidade se articula e, mais adiante, sobre as esferas privadas consequentemente envolvidas” (KOÇOUSKI, 2012, p. 82). Tais objetos são ainda entendidos a partir de duas dimensões, sendo a sociedade civil e a publicidade (entendida como o fato de as instituições estarem potencialmente abertas para fornecer – ativa ou passivamente – informações de interesse geral).

Por fim, também Koçouski dá destaque à dupla sistemática (taxionomia) de análise da comunicação pública proposta pelo autor italiano. A primeira, tida como responsável por ressaltar a capacidade da comunicação pública em desenvolver tarefas de integração social, é dividida em dois eixos: “a) comunicação funcional, que tem por objetivo estabelecer e tornar conhecidas as tarefas desempenhadas em cada sistema social; e b) comunicação com funções de integração simbólica, destinada à circulação de valores e símbolos de interesse geral” (KOÇOUSKI, 2012, p. 82).

Já a segunda taxionomia propõe o intercruzamento entre promotores/emissores, finalidade e objeto. Assim, distinguem-se três tipologias diferentes de análise: a) *a comunicação de instituição pública – aquela realizada por organizações que são unicamente públicas* e que têm por objeto a sua atividade; b) *a comunicação política*, que apresenta os argumentos controversos de interesse geral sob os quais existem pontos de vista contrastantes; e finalmente c) *a comunicação ou publicidade social* – realizada por instituições públicas, semipúblicas ou privadas, nesse último caso, principalmente organizações não governamentais (ONGs) e instituições de caridade (KOÇOUSKI, 2012, p. 82-83, grifos da autora).

Dessa forma, a autora reforça que o conceito de comunicação pública de Mancini “considera que a publicidade não pode mais ser assegurada, como foi nos decênios passados apenas pela informação jornalística, que é cada vez mais dependente da comunicação proveniente de outras organizações” (KOÇOUSKI, 2012, p. 83).

A terceira influência estrangeira, a do francês Pierre Zémor, é a que mais tem ganhado espaço na produção brasileira sobre a temática da comunicação pública, principalmente por seu entendimento de que a mesma é uma informação para a construção de cidadania (BRANDÃO, 2007, p. 14).

La communication publique (1995 [2005]) é o título mais conhecido de Pierre Zémor e referência nos estudos brasileiros sobre *comunicação pública*. A análise do autor parte da ideia de que a comunicação está presente em toda a parte. Para ele, a *comunicação pública* é definida pela legitimidade do interesse geral e estende-se para além do domínio público segundo o estrito senso jurídico. Ela acompanha a aplicação de uma regra, o desenvolvimento de um procedimento e a elaboração de uma decisão. As mensagens são, por princípio moral, emitidas, recebidas e tratadas por instituições públicas “em nome do povo” (KOÇOUSKI, 2012, p. 75, grifos da autora).

Da mesma maneira, Brandão (2007) também traz as principais contribuições do autor francês:

Em seu livro, Zémor apresenta os conceitos do que seria uma comunicação pública, afirmando que sua legitimidade se determina pela “legitimidade do interesse geral”, razão pela qual acontece no espaço público, sob o olhar do cidadão. Para ele, as finalidades da comunicação pública não podem estar dissociadas das finalidades das instituições públicas, que são as de: (a) informar (levar ao conhecimento, prestar conta e valorizar); (b) ouvir as demandas, as expectativas, as interrogações e o debate público; (c) de contribuir para assegurar a relação social (sentimento de pertencer ao coletivo, tomada de consciência do cidadão enquanto ator); (d) e de acompanhar as mudanças, tanto as comportamentais quanto as da organização social. Zémor ressalta a necessidade de “ouvir o cidadão”, pois na sua concepção a comunicação pública diz respeito à troca e à partilha de informações de utilidade pública, assim como à manutenção do liame social cuja responsabilidade é incumbência das instituições públicas (BRANDÃO, 2007, p. 14).

É notória a influência das correntes de pensamento estrangeiras nas discussões para construção de um conceito de comunicação pública propriamente brasileiro. Entretanto, sua forma final depende do diálogo de tais discussões com a realidade vivida pelos sujeitos públicos nacionais, sua forma particular de organização e relação com os problemas enfrentados.

3.2 COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL E SEUS DIÁLOGOS COM A INCLUSÃO POLÍTICA E O CAPITAL SOCIAL

O termo comunicação pública vem sendo utilizado no Brasil há mais de quarenta anos. Inicialmente esteve ligado à comunicação governamental, mas ganhou novos sentidos à medida que a democracia brasileira amadureceu e tomou novos rumos.

A expressão, afinal, nada tem de novo. Vem sendo usada no Brasil, pelo menos, desde que se começou a discutir direito e políticas de comunicação, ainda na década de 70. No início da década de 80, a Frente Nacional de Luta pela Democratização da Comunicação, movimento civil que congregou entidades, profissionais e intelectuais, pretendia apresentar propostas de políticas de comunicação à constituição Federal. Neste contexto de discussão sobre direitos de comunicação, especialmente a necessidade de formular políticas públicas de comunicação, a expressão *comunicação pública* já era utilizada, mas, como explicou Daniel Herz, “entendida como comunicação estatal, própria do Estado, ou seja, como uma forma de distingui-la da comunicação realizada pelo setor privado”. Houve, portanto, uma ampliação do significado da expressão, na medida em que novos atores começaram a participar ativamente da construção da democracia. Porém, se o cenário político explica busca por um termo cujo significado seja mais adequado a um novo tempo, ele não explica per si a facilidade com que ele tem sido adotado e cultuado. (BRANDÃO, 2007, p. 20)

De maneira geral, a produção acadêmica nacional aponta para uma tendência no trato da comunicação pública. “Uma característica de quase todos os autores da área é o cuidado extremo em citar o que a comunicação pública não é, apesar de não se ter chegado a um acordo sobre o que ela é ou deveria ser” (BRANDÃO, 2007, p. 15). O reconhecimento desse impasse leva a uma reflexão sobre como então caminhar para a compreensão daquilo que pode ser entendido como comunicação pública. Para Brandão, a saída está na análise a partir das teorias democráticas contemporâneas:

Para entender e clarear o conceito de comunicação pública, é preciso integrá-lo nas análises proporcionadas pelas novas teorias de democracia que incluem a capacidade e as formas de comunicação da sociedade como parte integrante da formação democrática dos Estados contemporâneos. Neste sentido caminham as propostas teóricas de Miguel, Nancy Fraser, Iris Marion Young e outros autores que estudam as novas formas de construção

da democracia. (BRANDÃO, 2007, p. 31)

Um reflexo direto disso é a aproximação do entendimento de comunicação pública a conceitos e definições ligados a essas teorias, tais como esfera pública, sociedade civil, direitos de cidadania, entre outros. Há dois conceitos que ilustram bastante bem essa aproximação. O primeiro é o da própria Elizabeth Brandão, que conceitua comunicação pública como o “processo de comunicação que se instaura na esfera pública entre o Estado, o Governo e a Sociedade e que se propõe a ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias de poder constitutivas da vida pública no país” (BRANDÃO, 2007, p. 31). Também podemos encontrar a mesma convergência no conceito trazido por Marina Koçouski:

comunicação pública é uma estratégia ou ação comunicativa que acontece quando o olhar é direcionado ao interesse público, a partir da responsabilidade que o agente tem (ou assume) de reconhecer e atender o direito dos cidadãos à informação e participação em assuntos relevantes à condição humana ou vida em sociedade. Ela tem como objetivos promover a cidadania e mobilizar o debate de questões afetas à coletividade, buscando alcançar, em estágios mais avançados, negociações e consensos. (KOÇOUSKI, 2012, p. 92, grifo da autora)

Heloiza Matos, uma das pioneiras a tratar da comunicação pública no Brasil, também propõe seu entendimento nesse sentido, diferenciando-se por conseguir aproximar o conceito de capital social ao de comunicação pública. Isso em uma perspectiva que a inclui dentro da comunicação política e abre possibilidade de ampliação da participação dos grupos sociais emergentes (MATOS, 2009). Esse entendimento de Matos se alinha com a proposta central desta pesquisa. Segundo a autora, além da comunicação tradicionalmente reconhecida como pública, ou seja, o “modelo teórico-instrumental do sistema político para mediar interações comunicativas entre o Estado e a sociedade”, que tem o governo como agente central do processo, é possível também abrir espaço para a compreensão de uma “comunicação pública do ponto de vista da sociedade organizada e do cidadão, sendo ambos os elementos essenciais para a implementação do conceito” (MATOS, 2009, p. 101-102). A autora ainda explica:

Assim, por um lado, existe uma *comunicação política*, sendo influenciada pelo que podemos chamar de *processo comunicativo moderno* (BLUMLER, 1999, p. 101-3): adentra-se em uma batalha para influenciar e controlar as percepções do tema político pela ação dos meios de comunicação de

massa. A conquista da atenção do público por meio de técnicas de marketing acaba definindo os assuntos e com que formato eles serão apresentados ao cidadão. Por outro lado, há a possibilidade de uma *comunicação pública*, que envolveria o cidadão de maneira diversa, participativa, estabelecendo um fluxo de relações comunicativas entre o Estado e a sociedade (MATOS, 2009, p. 102, grifos da autora).

Dessa forma, para Matos (2009), a construção de um conceito de comunicação pública deve ser conduzida pela inclusão dos atores sociais que emergem na esfera pública, “de modo que possam debater e formular propostas de ações ou de políticas públicas que beneficiem a sociedade”. Ou seja, um processo que engloba Estado, governo e sociedade para debate, negociação e tomadas de decisões ligadas à vida pública nacional (MATOS, 2009, p. 105).

É justamente ao trazer a comunicação pública para o terreno de disputa de poder que Matos propõe seu estudo através da comunicação política (processos comunicacionais que lidam com as relações de poder, buscando a legitimação ou a manutenção do poder econômico, social ou político), referenciando-se teórica e metodologicamente na ciência política para jogar luzes à sua conceituação.

A autora (MATOS, 2009, p. 117-118) aborda a comunicação política através de Gerstlé (2005), com suas três concepções de abordagem do processo de comunicação política: a instrumental (conjunto de técnicas de manipulação da opinião pública, utilizadas por políticos e governantes, abrangendo também a comunicação governamental, com sua propaganda ideológica e institucional); a ecumênica (comunicação política relacionada a um processo interativo e à troca de informações entre a mídia, o público e demais atores políticos); e a competitiva (disputa para controlar e influenciar midiaticamente as percepções públicas dos acontecimentos políticos, gerando competição pelo controle das representações políticas). Nessa última concepção, a mídia e seus aspectos cognitivos e simbólicos ganham centralidade.

Matos discute esse viés baseada em Blumler (1999 *apud* MATOS, 2009, p. 118), o qual alinha a mídia ao conjunto de forças de poder, ficando ela também sujeita às demais forças, tornando possível o entendimento de que o processo moderno de comunicação, além de alterar a recepção das mensagens, dos temas e dos termos utilizados no embate político, também tem a capacidade de influenciar nas perspectivas e escolhas dos cidadãos. A partir disso, Matos vê a possibilidade de inclusão de mais uma concepção de abordagem do processo de comunicação

política: a concepção deliberativa, pois para a autora

[...] é a concepção deliberativa que viabiliza a proposição de Blumler, incluindo a participação no debate num espaço público ampliado: a mídia de massa não deixa de ser considerada no processo de formação das opiniões políticas. Contudo, segundo a teoria da deliberação, é por meio do debate coletivo que se criam as condições para uma democracia ampliada, em que a participação os cidadãos (independente dos critérios de sexo, nacionalidade, raça religião e idade) permite a formação de um autêntico espaço público. (MATOS, 2009, p. 119)

Ao trazer para discussão a ideia geral de autores que defendem o modelo deliberativo de democracia, Matos destaca a defesa dos mesmos na possibilidade que a democracia deliberativa tem de lidar com a complexidade de problemas e a multiplicidade das demandas nas sociedades contemporâneas. Além disso, demonstra também a compreensão através da deliberação, pois “é possível que os cidadãos construam sua autonomia pública e política por meio do desenvolvimento de suas habilidades comunicativas e racionais, em processo cooperativo de busca do entendimento das diferentes nuances do problema em questão” (MATOS, 2009, p. 120). É a partir desse viés que a autora propõe a relação pública com a comunicação política.

A meu ver, a comunicação pública é também um tipo específico de comunicação política: o poder, os interesses, os temas, os benefícios, os custos, os processos (engajamento e participação), os suportes, tudo isso se refere a todos os atores sociais. Se isso parece ser muito amplo por um lado (a universalidade do acesso), do ponto de vista político é restritivo: trata-se de privilegiar o interesse público.

Dos vários conceitos propostos sobre comunicação política que podem ajudar no entendimento da comunicação pública, reafirmo que o poder é arena comum aos dois conceitos. Dentre as dimensões propostas para a análise da comunicação política por Gerstlé (2005) e Maia (2004), a visão deliberativa considera o debate coletivo como condição necessária para a legitimidade do exercício do poder e da racionalidade na tomada de decisões política (MATOS, 2009, p. 122).

Essa aproximação propõe um novo olhar para a comunicação pública, e ela passa a exigir maior participação de todos os segmentos da sociedade (terceiro setor, mídia, mercado e demais agentes – formalmente institucionalizados ou não). Ou seja, esses segmentos devem participar como produtores ativos do processo, invertendo o seu papel tradicional de receptores do governo/Estado (MATOS, 2009, p. 123), ampliando ainda mais a quantidade de elementos necessários à sua compreensão.

Considero que uma compreensão mais complexa da comunicação pública deve ser construída, considerando-a não só como ação isolada do governo, das organizações ou da mídia, mas como resultado da força das redes sociais, em que a confiança e a continuidade das interações entre os agentes sociais podem oferecer a possibilidade de uma interação contínua e rica entre Estado e a sociedade (MATOS, 2009, p. 130).

Esse olhar aproxima a comunicação pública do conceito de capital social, numa relação ambivalente, na qual o mesmo pode ser entendido como causa e consequência dela. Assim, pela relação já descrita com a concepção deliberativa de comunicação política, à diretriz da comunicação pública acrescentamos também o conceito de esfera pública. Desta maneira:

Se todos os agentes participarem do debate das questões de interesse comum, se essa participação for possível pela existência de uma infraestrutura que materialize a esfera pública, se esses agentes se sentirem aptos e motivados a participarem graças à cultura de valorização do seu papel social, se os critérios de instituição do processo do debate forem claros e equitativos, então será possível preencher os requisitos mínimos para o reconhecimento da *comunicação pública* (MATOS, 2009, p. 131).

Ao assumir essa articulação da comunicação pública com o capital social, concordando com a relação em que um é diretamente ligado ao surgimento do outro, tem-se o viés necessário para a introdução do conceito de capital social na perspectiva desta pesquisa.

3.3 AS BASES DO CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL CONTEMPORÂNEO

O pioneirismo no emprego da expressão ‘capital social’ é atribuído a L. J. Hanifan, ainda em 1916. Tal conceito é definido como “um conjunto de relações sociais marcadas pela boa vontade, camaradagem e simpatia, atributos muito próximos do *goodwill* utilizado para definir as relações públicas na sua origem” (MATOS, 2009, p. 35). No entanto:

Efetivamente, a história do conceito de capital social tem raízes profundas e

diversas nas ciências, económica, social e política e está relacionada com autores e pensadores de grande relevância como Alexis Tocqueville, John Stuart Mill, Ferdinand Tönnies, Emile Durkheim, Max Weber, Karl Marx, John Locke, Jean-Jacques Rousseau, Adam Smith e Georg Simmel, entre muitos outros (SILVA, 2008, p. 68).

O conceito vem sendo muito trabalhado nas últimas décadas, principalmente para explicar a articulação em redes, engajamento cívico e participação política na sociedade contemporânea.

Ainda que o capital social seja um termo relativamente antigo, que se verifique um crescente interesse, nos últimos anos, pelo conceito e pela teoria que lhe está associada, ocorrendo ainda uma frequente aplicação deste em diversas áreas do conhecimento, um dos problemas com que todos os autores que estudam o tema do capital social se deparam prende-se com dificuldades de definição e operacionalização do conceito. De facto, o conceito só foi reconhecido no final do século XX (anos 80) e investigadores de diversas disciplinas e áreas do conhecimento abordam a teoria do capital social e dão-lhe várias aplicações; ou seja, cada definição particular usada em determinado estudo depende da disciplina, do investigador e do grau de investigação.

O resultado é uma teoria do capital social incrivelmente complexa, repleta de controvérsia, não existindo uma definição universalmente aceita do conceito, nomeadamente no que se refere às dimensões, níveis, tipos, determinantes e efeitos (SILVA, 2008, p. 69).

A base moderna de desenvolvimento conceitual de capital social é formada por três principais autores: Pierre Bourdieu (1980, 1986), James Coleman (1988, 1990) e Robert Putnam (1993, 1995).

A primeira análise sistemática do conceito de capital social surgiu no campo da sociologia, no artigo "*Le capital social: notes provisoires*" (1980), de Pierre Bourdieu. O autor o definiu como "o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento" (p.2). Para ele, o capital social descreve circunstâncias nas quais os indivíduos podem se valer de sua participação em grupos e redes para atingir metas e benefícios. Assim, além de atributo individual, o capital social é visto como componente da ação coletiva, ativando as redes sociais. Ele representa um conjunto de elementos com os quais uma classe social garante sua reprodução, incluindo o capital económico, o capital cultural (como o reconhecimento de dado *status* social), o capital simbólico (relacionado ao reconhecimento do prestígio de quem o detém). O conjunto desses tipos de capital circula em redes sociais e possui características que justificam a adoção do termo *capital*: passibilidade de acumulação (capital mobilizável), convertibilidade (capital humano transformado em capital social) e reciprocidade (indicadores de confiança) (MATOS, 2009, p. 35, grifos da autora).

Heloiza Matos (2009, p. 35-36) ainda destaca que Bourdieu relaciona

intimamente os capitais social e cultural, “sendo que o volume de capital social concentrado por um agente seria determinado pela extensão das redes cívicas que ele pode mobilizar e do capital (econômico, cultural e simbólico), do qual ele se apropria nas relações com os outros”. Dessa maneira, o capital social pode ser entendido como “um atributo do indivíduo inserido em um contexto social, ou seja, seria algo passível de ser apropriado por atores e grupos”. Nesse sentido, o capital social ganha características de capital simbólico.

Bourdieu draws a parallel between the concept of symbolic capital and legitimate capital; because it is symbolic capital that defines what forms and uses of capital are recognized as legitimate bases of social positions in a given society. The effectiveness of symbolic capital depends on real practices of communication. In that respect symbolic capital cannot be institutionalized, objectified or incorporated into the habitus. It exists and grows only in intersubjective reflection and can be recognized only there¹⁰ (SIISIÄNEN, 2000, p. 13).

Esse conjunto de características, de acordo com Silva (2008, p. 71), confere ao capital social de Bourdieu uma “natureza instrumental, centrando-se nos benefícios angariados pelos indivíduos em virtude da participação em grupos sociais, por um lado, e na construção deliberada de sociabilidades, tendo em vista a densificação da rede relacional”.

Por sua vez, James Coleman concebe capital social a partir de outra perspectiva, “de uma abordagem egocêntrica para uma abordagem sociocêntrica” (SILVA, 2008, p. 72). Para o autor, “*social capital is defined by its function. It is not a single entity, but a variety of different entities having two characteristics in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors - whether persons or corporate actors - within the structure*”¹¹ (COLEMAN, 1990 *apud* SILVA, 2008, p. 72). Assim, o capital social pode ser entendido como um bem público, localizado na estrutura das relações individuais, nas densas redes sociais, e pode também ser visto como o responsável pela garantia da confiança e

¹⁰ Bourdieu traça um paralelo entre o conceito de capital simbólico e capital legítimo, porque é o capital simbólico que define quais formas e usos de capital são reconhecidos como bases legítimas de posições sociais de uma determinada sociedade. A eficácia do capital simbólico depende de práticas reais de comunicação. Nesse sentido capital simbólico não pode ser institucionalizado, objetivado ou incorporado ao *habitus*. Ele existe e cresce apenas em reflexão intersubjetiva e só pode ser lá reconhecido (tradução nossa, grifo do autor).

¹¹ Capital social é definido por sua função. Não é uma entidade única, mas uma variedade de diferentes entidades que têm duas características em comum: todos eles consistem de algum aspecto das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores - pessoas ou atores corporativos - dentro da estrutura (tradução nossa).

da geração de solidariedade (COLEMAN, 1990 *apud* MATOS, 2009, p. 36).

Apoiando-se em Granovetter (1983), Coleman ofereceu uma distinção entre o capital físico, o capital humano e o capital social. O capital social seria constituído por três características: as obrigações e expectativas que ajudam a estruturar a confiança entre os membros da rede; a capacidade da estrutura social para gerar e colocar em funcionamento os fluxos de informação; e as normas que regem o processo. Assim como o capital físico e o humano, o capital social não é completamente perecível, embora possa sê-lo em certas circunstâncias, podendo gerar e/ou facilitar algumas ações (MATOS, 2009, p. 36-37).

Coleman associa a intangibilidade ao capital social da mesma forma que Bourdieu o faz. Uma de suas grandes contribuições foi aplicar o enfoque sociológico e econômico em seus estudos. “O autor indica que, assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, pois permite atingir certos objetivos que não seriam alcançados sem a sua presença, diferentemente de outras formas de capital” (MATOS, 2009, p. 37-38). Nessa perspectiva, o capital social pode assumir três diferentes formatos, que correspondem:

1) Às expectativas e obrigações recíprocas, que dependem do grau de confiança que permeia dada estrutura social; 2) às redes de comunicação nas quais circulam as informações. Que facilitam a articulação das ações coletivas; 3) às normas que garantem a aplicação dos itens apontados anteriormente (COLEMAN, 1990 *apud* MATOS, 2009, p. 37-38).

Não se pode deixar de perceber em Coleman, de acordo com Matos (2009), que em seu conceito permeia um caráter funcional, no qual o capital social, relacional, busca facilitar as transações no mercado e também as ações (individuais e coletivas).

Da análise efectuada sobre as teorias de Bourdieu e Coleman apraz concluir que, enquanto Bourdieu se preocupa mais com as questões da disposição para adquirir, manter e transmitir o capital social que gera reconhecimento e representação, sendo, por isso, capital simbólico; Coleman está mais interessado no modo como o capital social se pode tornar um recurso, nas estruturas sociais, que pode ser utilizado (tal como outras formas de capital) para os indivíduos atingirem certos objectivos/interesses (SILVA, 2008, p. 73).

Embora ambos os autores já citados tenham sido os pioneiros na discussão, a popularização do conceito de capital social é atribuída a Putnam, que desenvolve seus trabalhos a partir dos postulados de Coleman.

A noção de capital social assumida por Putnam forma-se a partir de certo grau de analogia com as noções, anteriormente estabelecidas, de capital físico e capital humano. “Capital físico” refere-se a ferramentas e equipamentos; “capital humano”, a treino e habilidades; os capitais físico e humano são basicamente dispositivos e implementos materiais, de um lado, e competências e habilitações humanas de outro, que se destinam a melhorar a produtividade do indivíduo. Por analogia, “capital social” refere-se a alguns aspectos da organização social que facilitam a coordenação e a cooperação dos indivíduos, proporcionando-lhes, em razão disso, benefícios mútuos. Os aspectos que Putnam especificamente tem em mente na sua noção são apresentados numa lista, que aparentemente é aberta, mas cujos componentes são sempre mostrados como uma tríade: redes de relações (*networks*), confiança recíproca (*trust*) e normas (*norms*) ou princípios socialmente compartilhados que refletem valores benéficos à cooperação (GOMES; MAIA, 2008, p. 223).

Nessa linha de concepção, Gomes (2008, p. 224) entende que o capital social de Putnam “são vantagens que podem ser desfrutadas por indivíduos e grupos, como ferramentas e habilidades, com a diferença de que só podem ser produzidas e concedidas pela interação social”. Assim, de maneira geral,

[...] os aspectos que fazem parte da lista padrão de capital social, segundo Putnam, formam uma espécie de sistema de engates. As redes sociais, por exemplo, são, em primeiro lugar, contatos ou conexões. Putnam acredita que conexões sociais muito ativas podem fazer a diferença para o sucesso dos indivíduos. Ademais, em comunidades ricas em redes de relações sociais, as instituições tendem a ser mais eficientes, impulsionadas por níveis intensos de cooperação e direcionadas por controles sociais fortes (GOMES, 2008, p. 225).

Em seus estudos, Putnam procura explicar a vida pública norte-americana, tendo feito também uma série de estudos na Itália.

Na sua obra *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy*, Putnam e os seus colaboradores (1993) exploram as diferenças entre governança regional no Norte e Sul de Itália, sendo a variável explicativa a participação cívica da comunidade, concluindo que a performance social e política das instituições é poderosamente influenciada pelo envolvimento cívico dos cidadãos nos assuntos da comunidade. Em *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community* (1995), Putnam identifica o declínio generalizado em determinadas dimensões do capital social nos EUA, como o indicado pela pertença a organizações voluntárias (SILVA, 2008, p. 74).

Embora o conceito de capital social seja atualmente trabalhado por diversos autores, pretende-se aqui concentrar na apresentação desses três, considerados os principais, pois já são suficientes para apontar o entendimento necessário de capital

social neste trabalho.

3.4 CAPITAL SOCIAL NO CONTEXTO DE EMPODERAMENTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

As três principais correntes de conceituação do capital social, apesar de apresentarem convergência em certos aspectos, possuem elementos centrais que impedem sua aplicação em determinados contextos específicos.

Com seus estudos focados no desenvolvimento econômico e na educação, além de uma conceituação funcional, Coleman (1990 *apud* MATOS, 2009) dificulta a sua aplicação no contexto pretendido de movimentos sociais. Ele deixa de captar dimensões que os movimentos sociais contemporâneos propõem em seu cotidiano.

A visão de Putnam ([199-]) também não contempla aspectos importantes da proposta, contribuindo, inclusive, para manutenção de condições de invisibilidade social:

It is typical of Putnam that he does not discuss conflicts between interests (new social movements, parties). This holds true for three kinds of conflicts. First, there are conflicts between those associations that are functional in creating and supporting social consensus, and those associations and movements that are critical of the dominant political values (and of the values represented by the sports clubs and cultural associations studied by Putnam) (conflicts between different parts of civil society). A theory about conflicting interests presupposes different types of trust (and distrust) and different types of association. Some of these associations create trust only among their own members, and distrust of other (hegemonic) organizations. A large part of the groups and informal associations of civil society cannot be discerned by the Putnamian vision¹² (SIISIÄINEN, 2000, p. 6).

Ao passo que *“Bourdieu's approach is made from the point of view of actors*

¹² É típico de Putnam que ele não discuta os conflitos de interesses (novos movimentos sociais, partidos). Isso vale para três tipos de conflitos. Primeiro, há conflitos entre aquelas associações que são funcionais na criação e apoio do consenso social, e aquelas associações e movimentos que criticam os valores políticos dominantes (e dos valores representados pelos clubes desportivos e associações culturais estudadas por Putnam) (conflitos entre diferentes partes da sociedade civil). Uma teoria sobre o conflito de interesses pressupõe diferentes tipos de confiança (e desconfiança) e diferentes tipos de associação. Algumas destas associações criam confiança apenas entre seus próprios membros e desconfiam de outras organizações (hegemônicas). Uma grande parte dos grupos e associações informais da sociedade civil não pode ser discernida pela visão Putnamiana (tradução nossa).

*engaged in struggle in pursuit of their interests*¹³ (SIISIÄINEN, 2000, p. 22), sua teoria dialoga com a escolha de Melucci para basear o entendimento de movimento social neste trabalho. Assim, uma outra questão se faz relevante:

Bourdieu's main theoretical interests are in the examination of social conflicts or struggles about the stakes in different fields; forms of power/violence; and forms of domination (Herrschaft) and deprivation. Trust in the Putnamian sense of the word has no place in Bourdieu's theorization. In those areas where the two approaches overlap (e.g. social exchange, recognition/trust), the visual angles adopted are almost oppositional¹⁴ (SIISIÄINEN, 2000, p. 22).

Alguns autores também trazem outras considerações a respeito do capital social, as quais são bastante relevantes para a análise no contexto dos movimentos sociais. Dentre elas, merece destaque a classificação que Warren (2000 *apud* MATOS, 2009), que aponta possibilidade de dois tipos de capital social:

Esses dois tipos de capital social possuem qualidades e benefícios distintos: o capital social do tipo *bonding* cria uma forte lealdade dentro do grupo, o que é útil para a reciprocidade interna e para a obtenção de recursos sociais e psicológicos para grupos sociais marginalizados. Já o capital social do tipo *bridging* amplia as redes sociais e conecta grupos a recursos aos quais eles não teriam acesso de outro modo. Este capital social aumenta os fluxos de informação que circulam entre grupos e pode gerar identidades coletivas e reciprocidade (MATOS, 2009, p. 172).

Putnam ainda fará o alerta para a possibilidade de o capital social ser negativo ou positivo, sendo que o negativo é responsável pela formação das redes sociais de movimentos extremistas, por exemplo.

Nesse sentido, Silvestrin, Almeida e Patrício (2011) fazem sua contribuição destacando que o capital social dos movimentos sociais é constituído em três níveis: primeiro nível (relaciona-se com capital social do tipo *bonding* e articula as bases dos movimentos, num processo formação política e expansão das comunidades onde o movimento faz atuação, além de proporcionar a criação dos laços de solidariedade mais íntimos entre indivíduos e comunidades, estimulando a formação

¹³ Abordagem de Bourdieu é feita a partir do ponto de vista dos atores envolvidos na luta em busca de seus interesses (tradução nossa).

¹⁴ Os principais interesses teóricos de Bourdieu estão no exame dos conflitos sociais e lutas sobre as participações em campos diferentes, formas de poder / violência e formas de dominação (Herrschaft) e privação. Confiança - no sentido Putnamiano da palavra - não tem lugar na teorização de Bourdieu. Nas áreas onde as duas abordagens se sobrepõem (por exemplo, trocas sociais, reconhecimento/confiança), os ângulos visuais adotadas são quase de oposição (tradução nossa).

das identidades coletivas); o segundo nível é disponível em redes de movimentos semelhantes, como a Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais, proporcionando aos grupos que as compõem uma maior visibilidade social e também um intenso e mais organizado fluxo de informações; e, por último, o terceiro nível apresenta característica do capital social do tipo *bridging*, e é alcançado quando redes sociais afins unem-se na convergência de interesses mútuos ou solidários temporários, como em uma manifestação, por exemplo.

Assim, além da ligação já feita anteriormente com a comunicação pública, o conceito de capital social de Bourdieu também consegue dialogar com a questão colocada sobre invisibilidade social/empoderamento, tornando-se então o último elemento conceitual apresentado, abrindo espaço para que a partir de agora sejam discutidos os procedimentos metodológicos e a análise dos dados.

4 O MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Uma vez que os principais conceitos norteadores desta pesquisa já foram apresentados, este capítulo servirá para a transição que sucede na apresentação dos resultados da pesquisa empírica deste trabalho. Aqui o Movimento Aprendizes da Sabedoria será trabalhado de maneira mais aprimorada, objetivando justificar a escolha dos procedimentos metodológicos que são introduzidos logo na sequência.

Antes de prosseguir, também se faz oportuno esclarecer que o MASA vem sendo citado até agora enquanto “movimento” em respeito à autoidentificação do grupo, que toma a si próprio como tal. A análise elaborada para chegar a essa conclusão, de que o MASA é de fato um movimento, é desenvolvida de acordo com os parâmetros estabelecidos por Melucci (1996) e será feita no próximo capítulo.

4.1 O MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA: SURGIMENTO, ORGANIZAÇÃO E AVANÇOS

O Movimento Aprendizes da Sabedoria, doravante MASA, tem seu surgimento ligado à Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF). Organizada a partir de 2005, a APF representa comunidades tradicionais típicas do estado do Paraná, as quais estão presentes na região central, sul e metropolitana.

Os faxinalenses são povos tradicionais de formação social que têm a característica do uso coletivo dos recursos hídricos e florestais disponíveis em seus territórios. Em muitos casos, os animais, propriedades privadas, são criados à solta e em espaços comuns. Apesar de que uma comunidade de faxinal não viva de maneira idêntica a outra e que a convivência em território comum varia bastante entre elas, há, em geral nestes espaços, moradias cercadas em pequenas áreas de terras, lugar onde cultivam as hortas, auxiliadoras na provisão da subsistência, que são separadas do criadouro e que são compostas de verduras, legumes, frutas, dentre outros. Também é comum, embora não em todas as comunidades, que haja áreas de lavoura cercadas para a policultura alimentar, composta de milho, feijão, batata, etc. Assim, um território composto e complexo que pode combinar uso comum de recursos e apropriação privada da terra é característica que se pode encontrar nos faxinais, apesar de que essas não sejam as únicas possíveis de se verificar nestas comunidades tradicionais (MENIM, 2011, p. 1).

Organizada a partir dos conflitos sociais em torno de sua territorialidade, “a APF surgiu como um movimento social que tem como proposta a valorização cultural e social juntamente com o direito de existir dos faxinalenses, bem como a luta pela terra e por um modelo sustentável de produção adaptado ao seu modo de vida” (MENIM, 2011, p. 1).

Dentre as estratégias de mobilização da APF, o movimento articulava os detentores de práticas tradicionais de cura para a valorização e perpetuação desses conhecimentos tradicionais, além disso, também buscava a inserção de práticas agroecológicas nas comunidades faxinalenses. E foi a partir desses fatores que surgiu a Associação Aprendizes da Sabedoria (ASA).

A Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia (ASA) e a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF) sabem do imenso valor dessas pessoas para as comunidades de Faxinais. Pois muitos de nós nascemos de parteira, vamos a uma benzedeira ou a uma costureira para tirar a nossa dor, por isso a Associação Aprendiz da Sabedoria combate toda discriminação e preconceito contra esses conhecimentos. Lutando para o reconhecimento junto aos órgãos públicos da função social dessas práticas e de seus agentes (ASA, 2008, p. 14).

Em 2008, os grupos ligados à ASA promoveram um encontro e a partir de então assumiram uma nova forma de organização, autoidentificados como o Movimento Aprendizes da Sabedoria:

Mediante a invisibilidade social, o preconceito e marginalização dos ofícios tradicionais de cura detidos por centenas de Benzedeiras, Benzadores, Curadeiras, Curadores, Rezadeiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiras, inicialmente um grupo formado por Benzedeiras e Benzadores dos municípios de Irati, Rebouças e São João do Triunfo em 2008, dispostos a lutar contra as diversas formas de repressão às práticas tradicionais de cura e do livre acesso ao uso sustentável de ervas e plantas medicinais é proposto o I Encontro das Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná realizado em setembro de 2008, na cidade de Irati, momento que foi formado o MASA - Movimento Aprendizes da Sabedoria, espaço de organização dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, objetivando a Luta contra o descaso dos órgãos governamentais e demais instituições da sociedade, que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco o repasse dos conhecimentos e saberes tradicionais às gerações futuras, ocasionando a perda da cultura tradicional e uso sustentável dos recursos naturais, conhecimentos estes, detidos pelas Benzedeiras (MASA, 2011, p. 2).

Esse primeiro encontro também definiu as diretrizes de organização e funcionamento do MASA. Uma das principais mudanças na característica do grupo

foi a sua desvinculação da estrutura da APF e a ampliação de sua base para fora das comunidades faxinalenses, expandindo sua articulação para comunidades urbanas e outras comunidades rurais do estado do Paraná. Assim, tendo o histórico do movimento definido, será apresentada a seguir a forma de organização e atuação do MASA.

4.1.1 Formas de organização e atuação

Formado por um público que se constitui em boa parte por senhores e senhoras idosas, o MASA foca seus trabalhos nos municípios da região centro-sul do Paraná, principalmente nas cidades de Rebouças e São João do Triunfo. A região é conhecida como uma das mais pobres do estado. Com estatísticas do censo demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicando uma população média de ambos os municípios próxima aos 14 mil habitantes, dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) indicam que os mesmos apresentam taxa de pobreza na faixa dos 40%, além de caracterizarem-se por ainda manter parte considerável de sua população no campo: 43% em Rebouças e 70% em São João do Triunfo.

Dentre as principais formas de atuação do grupo, deve ser destacado que:

O MASA através de encontros de troca de experiências, debates e seminários com o poder público, parcerias com entidades de apoio, articulação com outros movimentos sociais e participação na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, tem fortalecido e encorajado as Benzedeiras a reivindicarem seus direitos, assumindo espaços políticos de interesse dos Benzedores, propondo alternativas para o fortalecendo das praticas tradicionais de cura, produzindo materiais de apoio, e principalmente conhecendo seus direitos. Para tanto o MASA, tem construído sua organicidade em alguns espaços, são eles: comunidades; municípios; coordenação geral; e, coordenação executiva (MASA, 2011, p. 3).

Com a realização do primeiro encontro, diversas demandas foram levantadas a partir do objetivo principal, que era a união dos benzedores de diversas localidades. “Com a grande presença de Benzedores no Encontro, foi despertada a

preocupação em saber onde estavam os Benzedores e quais eram suas principais práticas de cura e seus conflitos e ameaças que ocasionam a invisibilidade social” (MASA, 2012a, p. 4). E é por esse motivo que os conceitos desenvolvidos no capítulo anterior se fazem importantes, para demonstrar o porquê de tal invisibilidade e, talvez, apresentar formas que possam solucionar tal problema.

Assim, após esse encontro e através de parcerias estabelecidas com ONGs da região e universidades, o MASA dedicou-se nos últimos anos ao mapeamento dos detentores de ofícios tradicionais de dois municípios: São João do Triunfo e Rebouças, cuja escolha se deu pela quantidade de recursos disponíveis e também pelo potencial de organização já disponível nas comunidades destas localidades. Abaixo segue uma foto retirada em um dos momentos do mapeamento realizado na região, o que se apresenta como um registro interessante do trabalho desenvolvido pelo movimento.



FOTOGRAFIA 1 - MAPEAMENTO SOCIAL EM SÃO JOÃO DO TRIUNFO
FONTE: ARQUIVO MASA (2011)

Dessa maneira, como resultado dessa ação realizada pelo MASA, foram elaborados dois mapeamentos sociais, com um total aproximado de 300 benzedores e benzedoras em Rebouças e 150 no município de São João do Triunfo. Essa ação foi fundamental para a continuação do trabalho do movimento, que objetiva acabar

com a invisibilidade social vivida pelos grupos mapeados.

4.1.2 Contexto político no qual o MASA está inserido atualmente

O Movimento Aprendizes da Sabedoria, além de atuar localmente, também participa de espaços de visibilidade estadual e nacional. Localmente, as ações do movimento têm resultado em conquistas como a aprovação de leis que reconhecem os praticantes de ofícios tradicionais em Rebouças e São João do Triunfo. Essa legislação permite a livre prática dos benzimentos e identifica os benzedeiros através de uma carteirinha, conforme pode ser observado na fotografia abaixo.



FOTOGRAFIA 2 – Benzedeira exibindo sua carteirinha de identificação em Rebouças.
FONTE: ARQUIVO MASA (2011)

Regionalmente, o grupo está articulado, desde 2010, à Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná e de Santa Catarina (REDE PUXIRÃO). A Rede Puxirão é formada por oito movimentos distintos: Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF); Coordenação Regional das Comunidades Quilombolas do Vale do Iguaçu (COREQUI); Fórum das Religiões de Matriz

Africanas (FRMA); Movimento dos Ilhéus do Rio Paraná (MOIRPA); Movimento Interestadual dos Cipozeiros e Cipozeiras do Paraná e de Santa Catarina (MICI); Movimento dos Pescadores Artesanais do Paraná (MOPEAR); Articulação Regional dos Povos Indígenas do Sul (ARPINSUL); e Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA). Além do trabalho nos níveis estaduais, ela representa os movimentos da região nos espaços nacionais, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Dentre as ações desenvolvidas, pode-se citar a de organizar a assessoria política e jurídica dos movimentos a ela associados e representá-los politicamente nos espaços de negociação com o governo. Um dos resultados do trabalho da Rede Puxirão foi a conquista da lei estadual que institui, a partir de janeiro deste ano, o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. Além disso, o MASA promove encontros locais e regionais para unir e fortalecer o movimento. Um exemplo desses encontros pode ser observado na fotografia abaixo.



FOTOGRAFIA 3 - BENZEDEIRAS NO 2º ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS
CENTRO-SUL DO PARANÁ
FONTE: ARQUIVO MASA (2012)

O evento aí representado consiste no 2º Encontro das Benzedoiras do Centro Sul do Paraná, o qual foi realizado pelo MASA no final do ano de 2012. Tal evento mostra o início de um novo ciclo de ações.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de caso foi o procedimento adotado para conduzir este trabalho e é na maioria das vezes identificado como um método qualitativo. Uma das definições mais citadas é a de Yin (2010), apresentada em duas partes:

1. O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes [...]
2. Investigação do estudo de caso enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado conta com múltiplas fontes de evidência, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e como outro resultado beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e análise de dados (YIN, 2010, p. 39-40).

Além dessa definição elaborada por Yin, também há outros autores que contribuem para definir o que é e quais são as principais características de um estudo de caso. Bruyne, Herman e Schoutheteete (*apud* DUARTE, 2005) consideram-no como uma análise intensiva de organizações reais num trabalho que reúne diversas informações detalhadas para tornar possível a compreensão de uma situação em sua totalidade, podendo ser de três tipos: de exploração para descobrir novas problemáticas, e revisão das perspectivas e sugestão de hipóteses para novas pesquisas; de caráter monográfico, buscando descrever um caso concreto e complexo; ou de objetivo prático, para diagnosticar uma organização. Ainda sobre o tema, Márcia Y. M. Duarte também traz a contribuição de Charles Ragin, Houward Becker e Sharram Merriam, que buscam definir o que é um 'caso' para as ciências sociais, conforme o que segue:

[...] para que um caso exista, precisamos ser capazes de identificar uma característica única, cuja uniformidade é dada em experiências históricas concretas. Esta unidade deve ser observada, mas não tem significado em si mesma. Ela só é significativa se um observador puder referenciá-la em uma categoria analítica ou teórica. Não é suficiente observar um fenômeno social, um evento histórico ou destacar certos comportamentos com o objetivo de declará-los "casos". Se desejamos falar sobre um "caso", precisamos dos meios de interpretá-los ou contextualizá-lo em uma realidade. Um caso compõe sua uniformidade não das ferramentas teóricas

usadas para analisá-lo, mas do modo como ele toma forma; nomeado como um fato social ou histórico que combina toda a sorte de elementos dentro de um conjunto de papéis sociais, uma instituição, um movimento social, ou a lógica de ação de uma comunidade (RAGIN; BECKER, 1992 *apud* DUARTE, 2005, p. 218).

Ao resgatar alguns elementos já tratados acima, como a natureza do problema e a justificativa, pode-se perceber uma estreita relação entre as condições necessárias para a utilização do estudo de caso e o tipo de pesquisa que se pretende desenvolver neste trabalho. Em decorrência do objetivo pretendido, tem-se bastante presente a questão da contemporaneidade e a dificuldade de limitação entre fenômeno e contexto, ambos defendidos por Yin (2010). O objeto também permite buscar características de uma experiência histórica concreta, com a possibilidade de ser referenciada em uma categoria teórica, contextualizada numa realidade que é de fato sócio-histórica, dentro de um movimento social (Aprendizes da Sabedoria), e que vai ao encontro do que indicam Ragin e Becker (1992).

Partindo da apresentação e defesa da escolha do procedimento metodológico, faz-se necessário apresentar os demais elementos de um projeto de estudo de caso. Para tanto, este trabalho segue as orientações de Yin (2010), através de seu manual de orientação para realização de pesquisas de estudo de caso.

Yin (2010, p. 49) aponta cinco elementos essenciais para a constituição de um bom projeto: as questões de estudo, as proposições, a(s) unidade(s) de análise, a lógica que une os dados às proposições e, por fim, os critérios para interpretar as constatações. As questões do presente estudo e as proposições já foram desenvolvidas anteriormente. A escolha da unidade de análise, ou o caso propriamente dito, corresponde ao caso do movimento social “Aprendizes da Sabedoria”. O autor ainda ressalta a necessidade de desenvolvimento de uma teoria para o trabalho com estudos de caso, uma vez que “é essencial o desenvolvimento de teoria como parte da fase de projeto, caso a finalidade do estudo de caso subsequente seja desenvolver ou testar a teoria” (YIN, 2010, p. 58). Além disso, se faz necessária também a revisão da literatura, “para superar as barreiras do desenvolvimento da teoria” (YIN, 2010, p. 60). Nesse sentido, foi elaborado um referencial teórico a partir de levantamento bibliográfico sobre os temas/assuntos em questão.

A partir desse momento, faz-se necessário adentrar nas especificidades

metodológicas que guiam esse trabalho, uma vez que a escolha do procedimento metodológico já foi apresentada nos capítulos 2 e 3. Assim, o primeiro passo é a demonstração do tipo de estudo de caso que será levado adiante. Yin (2010) aponta quatro possibilidades, sendo o caso único holístico, o caso único integrado, casos múltiplos holísticos e casos múltiplos integrados.

Ainda de acordo com o mesmo autor, são apontadas cinco justificativas para o uso de caso único: “quando ele representa o *caso crítico* no teste de uma teoria bem-formulada”, para confirmação, refutação ou ampliação da teoria; “quando ele representa um caso *extremo* ou *peculiar*”; para “captar as circunstâncias e as condições de uma situação diária ou de um lugar-comum”, em um caso “*representativo* ou *típico*”; “quando um investigador tem a oportunidade de observar um fenômeno previamente inacessível à investigação da ciência social”, em um “caso *revelador*” ou, finalmente, para realizar “o estudo de um mesmo caso único em dois ou mais pontos diferentes do tempo”, em um caso “*longitudinal*” (YIN, 2010, p. 70-72, grifos do autor).

Conforme já foi levantado, os casos únicos podem ser holísticos ou integrados, ou seja, “o mesmo estudo de caso único pode envolver *mais do que uma unidade de análise*. Isso ocorre quando, em um caso único, a atenção também é dirigida a uma subunidade ou mais” (YIN, 2010, p. 73, grifo do autor). Os estudos de caso holístico são indicados quando a teoria relevante do estudo for de natureza holística. Suas desvantagens são a possibilidade de conduzir o estudo a um nível “indevidamente abstrato”, ou então podem aparecer mudanças imprevistas na natureza do estudo de caso. “As questões iniciais do estudo podem ter refletido uma orientação, mas à medida que ele prossegue, pode emergir uma orientação diferente e a evidência ameaça abordar questões de pesquisa diferentes” (YIN, 2010, p. 74). Uma das principais orientações para evitar esse deslize é utilizar um conjunto de subunidades, ou seja, o projeto integrado, cuja principal desvantagem é a possibilidade de concentração do estudo somente na subunidade, falhando no retorno à unidade maior de análise.

A outra possibilidade de estudo é o projeto de casos múltiplos, cuja escolha justifica-se pelo:

[...] seu entendimento das replicações literais e teóricas. O projeto de casos múltiplos mais simples seria a seleção de dois ou mais casos considerados

replicações literais, como um conjunto de casos com resultados exemplares em relação a algumas questões de avaliação, como “como e por que uma determinada intervenção foi implementada sem sobressaltos”. A seleção de tais casos exige conhecimento anterior dos resultados, com a investigação de casos múltiplos, concentrada em como e por que os resultados exemplares podem ter ocorrido e com a esperança de replicações literais (ou diretas) dessas condições de caso para caso (YIN, 2010, p. 83).

Essa classificação também permite que os casos estudados sejam holísticos ou integrados. Isso se dá uma vez que “o fato de o projeto exigir estudos de casos múltiplos não elimina a variação identificada anteriormente com os casos únicos: cada caso individual ainda pode ser holístico ou integrado” (YIN, 2010, p. 83).

Será adotado nesta pesquisa o estudo de caso único integrado, entendendo que o caso do movimento social Aprendizizes da Sabedoria abre caminho para se trabalhar o desenvolvimento da relação do movimento com as noções de empoderamento, capital social e com a comunicação pública como subunidade.

4.2.1 Das fontes de evidência

Yin aponta para seis possibilidades de fonte de evidência: documentação, registros em arquivo, entrevistas, observações diretas, observação participante e artefatos físicos. O autor ressalta a necessidade de seguir três princípios: “uso de múltiplas fontes de evidência, não apenas uma; a criação de um banco de dados de estudo de caso; a manutenção de um encadeamento de evidência” (YIN, 2010, p. 127). O cumprimento dessa necessidade se dá pela busca da eliminação de problemas de validade do constructo e da confiabilidade.

Por documentação o autor exemplifica uma grande possibilidade de fontes, podendo ser cartas, memorandos, documentos administrativos, recortes de notícias, etc. “Os documentos são úteis mesmo que não sejam sempre precisos e possam apresentar parcialidades. Na realidade, os documentos devem ser usados cuidadosamente e não devem ser aceitos como registros literais dos eventos ocorridos” (YIN, 2010, p. 128). Tais documentos são indicados pela possibilidade de uma revisão contínua, por não terem sido criados em razão do estudo de caso, conter detalhes dos eventos e trazer cobertura de eventos em diversos períodos e

lugares. No entanto, a dificuldade de se encontrar esses documentos, a incompletude de coleções, a parcialidade desconhecida dos autores e a dificuldade de acesso podem ser desafios para a utilização desse tipo de evidência. Nesta pesquisa, o movimento social permitiu total acesso à sua documentação, que inclui atas de reuniões, cartas, *clipping*, projetos e arquivos fotográficos.

Em relação aos registros em arquivo, cujas características são semelhantes às da documentação, foram acessados alguns arquivos das câmaras municipais das cidades onde o movimento social atua, objetivando o acesso à legislação e projetos de leis que envolvem o grupo.

Este trabalho também utiliza as entrevistas como fonte de dados e “essa observação pode ser surpreendente devido à associação habitual entre as entrevistas e o método de levantamento” (YIN, 2010, p. 133). Assim, foram entrevistadas as lideranças do movimento. Além disso, é importante observar que a história oral ainda apresenta grande importância para a população camponesa, principalmente para os grupos formados por senhores e senhoras em idade já avançada, que não tiveram acesso à escolarização. Isso coloca as entrevistas como o centro das fontes de dados e evidências nesta pesquisa. A opção feita foi pelas entrevistas em profundidade e semiestruturadas, uma vez que, de acordo com Duarte (2005, p. 62), elas buscam “com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas definitivas. Por isso, a noção de *hipótese*, típica de pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de *pressupostos*, um conjunto de conjeturas antecipadas que orienta o trabalho de campo. Estabelecidas limitações e condições de realização a entrevista pode ser ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos da interpretação e experiências, assumindo-se que não será obtida uma visão objetiva do tema da pesquisa (DUARTE, 2005, p. 63, grifos do autor).

Este trabalho não cogita a opção de utilizar a observação participante, pela indisponibilidade de tempo para a imersão junto ao grupo, e também pela não utilização dos artefatos físicos. Ou seja, a pesquisa aqui desenvolvida não é de

caráter etnográfico.

4.2.2 Análise das evidências

A análise dos dados é uma fase fundamental em qualquer pesquisa. As pesquisas empíricas não fogem a esta regra. Num estudo de caso, que utiliza “um conjunto diversificado de evidências, você precisa desenvolver, portanto, suas próprias estratégias analíticas” (YIN, 2010, p. 157). O autor traz cinco delas: a combinação padrão, que “compara um padrão baseado empiricamente com um padrão previsto (ou com várias previsões alternativas)”; a construção de explanação, cujo “objetivo é analisar os dados de estudo de caso construindo uma explanação sobre o caso”; a análise de séries temporais, “diretamente análoga à análise de séries temporais conduzida nos experimentos e quase-experimentos”; os modelos lógicos, que estipulam “deliberadamente um encadeamento complexo de eventos durante um período longo de tempo”; e a técnica de síntese cruzada de dados, aplicada somente na análise dos múltiplos casos (YIN, 2010, p. 65-72).

A problemática e a natureza da unidade de análise levam à escolha da técnica de construção da explanação, uma vez que se pretende explicar certos acontecimentos através da presunção de elos causais entre eles, e também a partir de proposições teóricas. Seu procedimento é assim descrito:

- Realização de uma declaração teórica inicial ou uma proposição inicial sobre o comportamento político ou social
- Comparação das descobertas de *um caso inicial* com essa declaração ou proposição
- Revisão da declaração ou da proposição
- Comparação dos outros detalhes do caso com a revisão
- Comparação da revisão com os fatos de um *segundo, terceiro ou mais casos*
- Repetição deste processo tantas vezes quanto necessário (YIN, 2010, p. 171-172).

Esse modo interativo de confrontar as proposições da teoria com as evidências levantadas ocorre de maneira “similar ao processo de refinamento de um conjunto de ideias, em que um aspecto importante é, novamente, considerar outras

explicações plausíveis ou rivais” (YIN, 2010, p. 172). Assim, isso permite uma melhor compreensão da dinâmica do movimento social em questão neste estudo de caso, uma vez que as análises necessitam ser feitas através de teorias complementares, dentro do caso único integrado.

5 A ANÁLISE DOS DADOS

Na primeira parte deste capítulo, a análise consiste em apresentar e sistematizar os dados coletados sobre o Movimento Aprendizes da Sabedoria, relacionando-os com a fundamentação teórica desenvolvida nos dois primeiros capítulos. Na segunda etapa, a análise pretende buscar os processos políticos que favorecem o empoderamento do MASA e também compreender como se caracteriza a comunicação nesses casos, partindo da hipótese de que a invisibilidade de alguns grupos sociais é de fato política, forçada por seus antagonistas sociais.

5.1 AS FASES QUE CONTROEM A HISTÓRIA POLÍTICO-ORGANIZATIVA DO MASA

Ao focar a análise através dos processos de mobilização do MASA, é possível construir uma história linear, dividida em três etapas: período pré-APF (Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses), período ASA (Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia) e período que segue após o primeiro encontro, quando o MASA surgiu e se consolidou. O primeiro dos períodos evidenciados remete à organização inicial dos grupos, entre os anos de 2002 e 2005. O segundo período, por sua vez, retrata a mobilização dos portadores de ofícios tradicionais enquanto setor da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses. O terceiro e último corresponde ao período mais recente da história do MASA, entre 2008 e 2012, que coincide com o ciclo que separa o 1º e o 2º Encontro Regional dos Benzedores e Benzedeadas.

5.1.1 O período pré-APF (2002 a 2005)

A partir da década de 1990, a região Sul passou a ser palco de diversas

iniciativas que buscavam alternativas de produção agrícola de base ecológica. Organizações não governamentais tomaram frente desse processo, organizando comunidades e realizando diversas experiências.

É nesse contexto que se referiu a todo o meio rural brasileiro, mas de forma mais intensa à região Sul do país, que surgem experiências de outros modelos de produção de alimentos, baseados em paradigmas que consideram a ecologia como referencial e que passaram por um processo de consolidação, fortalecimento e expansão nas últimas três décadas. A criação da Associação dos Grupos de Agricultores Ecológicos (AGAECO) de Turvo, em 2001, foi um dos resultados das muitas iniciativas que proliferaram mais intensamente no Paraná a partir da década de 1990. O trabalho do Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) no município desencadeou um processo de sensibilização de famílias camponesas em relação à possibilidade da prática da agricultura ecológica (RIGON, 2005, p. 278).

Nas regiões de Turvo e Irati, o Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP) teve papel fundamental na organização e assessoria de grupos de agricultores para conversão agroecológica. Além de incentivar a formação da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica de Turvo (AGAECO), a entidade também fomentou a organização da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis (ASSIS), em 2003, de acordo com Almeida (2008). A partir de 2004, com a aprovação do projeto “Manejo Sustentável da Floresta com Araucária em Faxinais: Uma Proposta de Sustentabilidade Socioambiental e Econômica para Agricultura Familiar na Região Centro-Sul do Paraná”, em conjunto com o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), o IEEP também passa a fomentar a formação de grupos de agricultura ecológica em comunidades faxinalenses.

Em 2002, começa essa discussão em torno das associações de agroecologia e medicinais. São formados os grupos de mulheres nas comunidades, nas regiões de Turvo, Irati, Rebouças e Fernandes Pinheiro. Nesses grupos vai se separando mais essa questão desse grupo de mulheres para produção de medicinais. Tinha grupo em Irati, no Faxinal dos Antônio, em Guamirim e Rio do Couro, mas o Rio do Couro é um pouco mais pra frente, em 2004. Isso fomentado pelo Instituto. Em 2004 que vai formar os grupos que serão base do movimento depois, que é o grupo dos Seixas; Faxinal Marmeleiro de Cima, em Rebouças; e Faxinal Rio do Couro, em Irati; que vai ser estruturado esses grupos com equipamentos para produção de pomadas e tinturas com recursos do FNMA, que é o recurso que tinha, por meio do IEEP. Aqui era mais essa formação dos grupos, do resgate das plantas medicinais, mais visando, por exemplo, a economia doméstica, que as mulheres possam fazer remédios para suas famílias, disponibilizar isso pra comunidade, resgatar as sementes e as mudas. Aqui tinha assessoria, intercâmbio com outras comunidades, outros lugares, buscando comércio. Mais ou menos em 2005 que começa, também por

meio do Instituto, vai começar a discutir essa questão dos Faxinais. Formação da Articulação Puxirão do Faxinais (LEWITZKI, 2013, entrevista).

As atividades de catalogação da disponibilidade e uso das plantas medicinais em comunidades faxinalenses revelaram sua ligação com as atividades dos portadores de ofícios tradicionais. O trabalho em torno da valorização dos remédios caseiros foi o primeiro passo para distinção do grupo, restrito ainda às comunidades Faxinal dos Seixas (São João do Triunfo), Faxinal Marmeleiro de Cima (Rebouças) e Faxinal do Rio do Couro (Irati), as quais passaram a se articular em torno da Associação Aprendizes da Sabedoria, cujos membros (boa parte deles mulheres) passaram a ser conhecidos como “aprendizes”.

5.1.2 Período Aprendizes da Sabedoria

Devido aos trabalhos desenvolvidos com plantas medicinais nas comunidades faxinalenses, a equipe de assessoria do IEEP é convidada a participar de um evento promovido pela Articulação Pacari, de Goiás, que trabalha identificando os usos medicinais das plantas na região do cerrado brasileiro e também já desenvolvia a organização das benzedadeiras do cerrado. Paralelamente, os faxinalenses passavam por um processo organizativo amplo, envolvendo diversas comunidades, o que resultou no 1º Encontro dos Povos Faxinalenses, no mês de agosto do ano de 2005.

O contato com a organização dos benzedores do cerrado fez com que a assessoria buscasse implantar a mesma estratégia de valorização dos portadores e portadoras de ofícios tradicionais de cura, reconhecendo os benzedores e benzedadeiras como parte da cultura faxinalense. Uma das lideranças do MASA, que àquela época ainda era denominado Associação Aprendizes da Sabedoria, relata como um dos assessores da APF a abordou para informar que haveria uma discussão específica sobre benzedores e benzedadeiras, sob a forma de grupo de trabalho:

Ele chegou e já veio direto me cumprimentar me chamando de benzedeira.

Eu disse: mas como o senhor sabe? Daí eu entrei como benzedeira nos faxinalenses. Ele já me levou lá, explicando o negócio das benzedeiras e tudo, ia me ensinar tudo como é que era. Eu já fiquei como benzedeira e rezadeira de romaria. E eu fui indo, fui indo [...] Nós era aquele grupo. O R. marcou o primeiro encontrão em 2005. Eu já fui lá pra representar os benzedor e os faxinalenses. No primeiro dia eu fui com as benzedeira, o seu R. falou pra mim: a senhora vai com as benzedeira. Eu: ó, seu R., o senhor veja bem, porque nós tava escondido, fazia benzimento escondido, por causa das críticas. Ele disse: nós imo limpar o caminho da senhora. Vai ter a oficina das benzedeiras. Eu disse: que coisa boa. Quando não atrapalha é coisa boa (BENZEDEIRA, 2013, entrevista).

O reconhecimento por parte da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses, formada no encontro de 2005, impulsionou a organização da ASA, promovendo sua inclusão no mapeamento social dos faxinalenses. Tal mapeamento foi conseguido em parceria com o Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, coordenado pelo Professor Alfredo Wagner Berno de Almeida, da Universidade Federal do Amazonas, apoiador da APF.

O fascículo de cartografia social dos benzedores e benzedeiras da APF (ASA, 2008), realizada entre 2006 e 2007, concentra-se em três comunidades, as mesmas onde a associação é mais bem articulada: Faxinal dos Seixas, Faxinal Marmeleiro de Cima e Faxinal do Rio do Couro.



FIGURA 2 Fascículo que trata das Benzedeiras
FONTE: ASA (2008)

A realização da cartografia possibilitou o mapeamento dos portadores de ofícios tradicionais das comunidades e também explicitou a situação em que se encontravam essas pessoas. Esse processo de mobilização teve grande importância para a organização das benzedadeiras, criando as bases para o 1º Encontro Regional dos Benzedores e Benzedadeiras do Centro-Sul do Paraná.

A visão desse período de mobilização para um dos membros do grupo é a que segue:

Ficava criação sem tratá. Fica horta sem plantá, sem carpí. [...] E eu lá... Lá na onde a Sônia morava. Chegava e nós era em doze de lá e oito daqui. E eu fui negociando aqui, mas disse: isso aqui num tá certo. Porque eu sô boa de conhecê. Num sô boa de escrever. Um dia eu cheguei em casa e pensei: não vai dar em nada isso aí. Cheguei lá e disse pro M.: M., eu preciso ter uma conversa séria com você. Ele: opa, o quê? Deixa eu te explicar: não tem como fazer um projetinho pra fazer um encontro grande das benzedeira, pra nós saí? Por que eu sei que tem. Aqui tão tudo escondido. Sai perguntando duma parte eu sou, de outra parte também sou... Para reunir pelo menos umas dez. Somo dez ou doze benzedadeiras, mas eu quero um lá da justiça. Porque eu quero um da saúde. Porque eu quero um padre. Quero uma série de seja lá quem for. Se puder ser, eu quero um dos governo, seja lá quem for do governo, mas que venha um do governo pra nos ajudar. Porque daí nós já vemos. Se eles acharem que tem fundamento o nosso trabalho, que eles nos aprovasse. Se achar que não tem daí a gente fica de fora. Pra não perder esse tempo, rapaz! Porque veja bem: todo mundo acredita mais na escrita que na palavra. Digo: nós fazemos aí um movimentinho e paramo num documento, por faltar esse documento.¹⁵

A organização em torno da cartografia possibilitou reflexões importantes para o grupo, de modo que ele pudesse colocar um olhar sobre si próprio e estruturar sua forma de organização. Abaixo seguem alguns exemplos de respostas à pergunta 'o que é ser Aprendiz da Sabedoria?', as quais foram publicadas no fascículo acima mostrado pela Figura 2:

São Mulheres que são Faxinalenses, que trabalham em grupo e estão fazendo os remédios caseiros, de ervas. Também fazemos xampu, sabonete, específico. Também tem gente que faz simpatia, específico, resgatando aquilo que ficou para trás que os mais novos não dão importância para que continue (ASA, 2008, p. 3).
Somos as faxinalenses, não só as faxinalenses, têm muita pessoa que tem esse dom, pessoas procuradas para tratar a saúde na comunidade (ASA, 2008, p. 3).

Além disso, a mobilização em torno do mapeamento possibilitou revelar as

¹⁵ Benzedeira entrevistada em São João do Triunfo. Pesquisa de campo 2013.

principais dificuldades enfrentadas pelo grupo.

O que está ameaçando é a desmatção, também a falta de apoio em nosso grupo. Os médicos que também são contra nossos remédios, no que ameaça as pessoas que tem que consumir os remédios que nós fazemos. Ameaça as benzedeiros, aquela falta de apoio, discriminação por ser benzedor, por ser um curador, por ser uma pessoa que faça simpatia, algumas ameaças que não incentivam as pessoas a continuar que eu vou fazer alguma coisa que ninguém incentive eu vou parar né, falta de incentivo, também né, por que tava se perdendo agora nós vamos resgatar os conhecimentos trazendo as pessoas mais velhas para o nosso grupo para ensinar os que elas já sabem, acho que estamos resgatando (ASA, 2008, p. 4).

Da mesma maneira, uma das falas sintetiza os principais desafios dos membros da Associação Aprendizes da Sabedoria:

Fazer elas perderem um pouco do medo que elas tenham dos padres, dos médicos, tentar legalizar para nós podê vender os nossos remédios né, que são naturais que não tenham contra indicação nada, acho que é isso, tentar passar pro jovem que não é só televisão que traz coisa boa, porque televisão não traz só coisa ruim, traz coisa boa, mas não é só televisão, que os antigos pode trazer muito mais, aprender bastante com os antigos (ASA, 2008, p. 12).

Dentre os fatores que merecem destaque nesta etapa está o intercâmbio promovido entre as comunidades, através do qual elas puderam conhecer umas às outras, favorecendo a construção da identidade coletiva enquanto benzedores e benzedeiros. Além disso, puderam perceber os elementos comuns e específicos de cada comunidade, a conquista dos espaços comunitários para elaboração de remédios fitoterápicos nas três comunidades envolvidas e também os diversos cursos de fitoterapia e agroecologia oferecidos.

Com a metodologia voltada para o fortalecimento político de movimentos sociais, grupos e comunidades, o processo de cartografia possibilitou também que a ASA traçasse os objetivos de sua mobilização. Assim, ainda em 2007 e durante o 2º Encontro dos Povos Faxinalenses, foram encaminhadas as seguintes propostas:

- 1 - Resgatar e repassar os conhecimentos sobre ofícios tradicionais e ervas medicinais;
- 2 - Lutar junto aos órgãos públicos para construção de Políticas Públicas de reconhecimento e fortalecimento dos ofícios tradicionais e dos remédios caseiros;
- 3 - Construir leis municipais que regulamentem os ofícios tradicionais e remédios caseiros;
- 4 - Lutar para que a floresta rica em ervas medicinais permaneça livre de

qualquer tipo de contaminação e o remédio de livre acesso a toda a população Faxinalense (ASA, 2008, p. 14)¹⁶.

Além disso, o fascículo ainda traz como reivindicação das comunidades o “respeito e reconhecimento dos órgãos públicos e religiosos das práticas de cura tradicionais” e a presença de médico “que respeite as práticas de cura utilizadas” (ASA, 2008, p. 15).

As ações de mobilização geradas pelo fascículo (desde as oficinas de cartografia nas comunidades até sua publicação) resultaram em diversas ações, como o 1º Encontro Comunitário de Benzedeiras de Rebouças, que ocorreu em março de 2008, a apresentação do material e também definição de estratégias de continuidade do trabalho. A soma de todos estes atos resultou, por sua vez, no 1º Encontro Regional das Benzedeiras da Região Centro-sul do Paraná, em setembro do mesmo ano.

Por fim, é importante destacar que o grupo foi convidado a participar do 1º Encontro Regional de Povos e Comunidades Tradicionais, realizado em maio de 2008, e que deu origem à Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná e de Santa Catarina. Assim, embora os “aprendizes da sabedoria” ainda fossem um segmento de mobilização dentro da APF, eles já tiveram seu reconhecimento enquanto benzedores e benzedeadas, em um indício de que já se iniciava a valorização da identidade própria.

5.1.3 Período pós-primeiro encontro – Surgimento e consolidação do MASA

Este período da história do MASA é bastante denso e importante, pois é ele que faz possível um aprofundamento nas análises e a obtenção das principais respostas que são buscadas através deste trabalho. Por esse motivo, a explanação será contada em três etapas: (1) a realização do encontro, (2) os mapeamentos sociais dos portadores de ofícios tradicionais nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo e (3) o período que antecede o segundo encontro.

¹⁶ Propostas discutidas pelas Aprendizizes da Sabedoria e Articulação dos Povos Faxinalenses no 2º Encontro dos Faxinalenses, para os ofícios, práticas e conhecimentos tradicionais.

5.1.3.1 O 1º Encontro Regional das Benzedeiras da Região Centro-sul do Paraná

O 1º Encontro Regional das Benzedeiras da Região Centro-sul do Paraná foi um divisor de águas na história do grupo. Mesmo a entidade já realizando encontros comunitários, este pode ser considerado o seu primeiro evento de grande visibilidade e manifestação pública. Com o objetivo de reunir benzedores e benzedeadas de toda a região, o evento mobilizou portadores de ofícios tradicionais de cerca de dez municípios da região, conforme consta em sua carta final, representada pela figura abaixo:

CARTA DO 1º ENCONTRO REGIONAL das Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Costureiras

Nós, Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Costureiras, Massagistas e Parteiras portadores de ofícios tradicionais de cura, vindos dos municípios de Palmeira, Irati, Boa Ventura do São Roque, Turvo, Guarapuava, Inácio Martins, Rebouças, São João do Triunfo, Laranjeiras do Sul e Prudentópolis, reunidos em Irati, Estado do Paraná, no dia 06 de setembro de 2008, convidados pelas Aprendizizes da Sabedoria, manifestamos nossa existência mediante dezenas de relatos, depoimentos, conhecimentos e práticas de cura acumulados há centenas de anos e transmitidos de geração em geração em benefício de toda a sociedade e, em defesa da vida.

Nossa importância sempre foi reconhecida pela população local, seja no campo e na cidade, pelas incontáveis curas realizadas sobre diversas enfermidades, de forma acessível e sem custos, o que possibilita saúde a milhares de pessoas, sem que isto signifique prejuízo ou risco à sociedade. Muito pelo contrário, nossa presença e atenção à saúde básica, muitas vezes tem se tornado o principal acesso nas distantes comunidades e garantido saúde de inúmeras pessoas.

Denunciamos o desprezo aos nossos dons e as diversas violações aos nossos direitos de praticar nossos ofícios e dons, através dos conhecimentos e práticas de cura tradicionais onde vivemos, revelada através de preconceitos e repressão dos órgãos públicos de saúde e muitas igrejas, que nos combatem de forma a tentar criminalizar nossos ofícios e dons. Também denunciamos o avanço dos monocultivos de soja, pinus e eucaliptus causando destruição das florestas nativas e aguadas em nossas comunidades, locais que historicamente extraímos nossas ervas medicinais nativas para os tratamentos de saúde das nossas comunidades e bairros; Nos preocupa, também, intensamente, a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais, unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores desses ofícios para coleta de ervas medicinais nativas para continuarmos cuidando da vida.

Clamamos de forma organizada aos poderes constituídos pelo nosso direito ao reconhecimento formal de nossos ofícios e dons e o livre acesso aos recursos naturais que necessitamos para realizarmos nossas práticas de curas.

Dessa forma, decidimos coletivamente, neste evento, que apesar das ameaças e repressão aos nossos ofícios tradicionais e dons de cura, assim como aos nossos conhecimentos tradicionais, manteremos nossa fé e coragem, e decidimos como sempre, continuar cuidando da vida, pois cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós.

Irati, 06 de setembro de 2008.

FIGURA 3 Carta do 1º encontro Regional das Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Costureiras
FONTE: MASA (2008)

A dinâmica do evento, realizado na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), constava em um primeiro momento da apresentação dos convidados, expondo o seu ofício e localidade de onde vinham. Também houve espaços para oficinas de remédios, benzimentos, direitos coletivos, troca de

experiências e falas sobre as realidades vividas por cada um dos convidados. Ao resgatar a memória do encontro, uma das lideranças entrevistadas o descreve da seguinte maneira:

Dia de Nossa Senhora da Luz, setembro de 2008, o primeiro encontro, que nós se reunimo. Estava em 73, 76. Tinha o Tadeu Veneri, o Alfredo, o Dionísio, O Zé, o Dr. Rosinha, o Péricles, tava um diácono num sei de onde. Lá de longe um diácono, um tar de padre Diego, Tava uma mulher lá de Goiás, eu tenho até o livro que ela me deu aqui. Reunimo o povo. Daí foi daonde que surgiu a cartografia, aquela cartografiuzinha primeira que saiu. Daí é que estorou o movimento.¹⁷

A entrevistada, ao dizer “primeira cartografiuzinha”, refere-se ao fascículo já citado anteriormente (FIGURA 2), que teve seu lançamento oficial durante o encontro. A fala rememora a presença de convidados externos, como o professor Alfredo Wagner, que já foi citado enquanto coordenador do Projeto Nova Cartografia Social. Também houve a participação de representantes da Articulação Pacari (responsável pela representação das benzedeadas e benzedores do cerrado brasileiro), de Goiás, e dos então deputados Dr. Rosinha (Federal), Tadeu Veneri e Péricles (Estaduais). O evento contou ainda com a presença do padre Diego, representando (mesmo que não oficialmente) uma ala progressista da Igreja Católica e Dionísio Vandresen e José Carlos Vandresen, ambos do Centro Missionário de Apoio ao Campesinato (CEMPO), entidade de assessoria aos movimentos da região, atuando em conjunto com o Instituto Equipe, que assessora diretamente o MASA.

Outro elemento levantado no encontro foi a denúncia pública coletiva da situação vivida pelos presentes, conforme demonstra a carta final (FIGURA 3), principal documento do encontro: “denunciamos o desprezo aos nossos dons e as diversas violações aos nossos direitos de praticar nossos ofícios e dons, através dos conhecimentos e práticas de cura tradicionais onde vivemos” (MASA, 2008). O documento aponta como principais responsáveis por essa situação os “órgãos públicos de saúde” e “muitas igrejas”, que agem combatendo os portadores de ofícios tradicionais, tentando criminalizar seus ofícios e dons.

Além da elaboração da carta final, o encontro também teve outros encaminhamentos importantes, como o mapeamento social dos benzedores de

¹⁷ Entrevista realizada com Benzedeadas em São João do Triunfo. Pesquisa de campo 2013.

Rebouças e São João do Triunfo.

No I Encontro Regional de Benzedeiras, realizado em 2008, o principal objetivo era reunir Benzedeiros de diferentes lugares, fomentando a troca de experiências e identificar as diferentes realidades. Com a grande presença de Benzedeiros no Encontro, foi despertada a preocupação em saber onde estavam e quais suas principais práticas de cura e seus conflitos e ameaças que ocasionam a invisibilidade social, também com o intuito de identificar lideranças e mobilizar os Benzedeiros para conhecerem seus direitos. Para tanto, foi encaminhada a realização de um levantamento preliminar dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, primeiramente nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, a definição dos municípios foi dada no Encontro, pois no momento o MASA recém-nascido ainda não teria condições de realizar a pesquisa em demais municípios (MASA, 2012a, p. 4).

A proposta de mapeamento social dos portadores de ofícios tradicionais nos dois municípios citados mostra-se como um importante desafio para o MASA, com características próprias que merecem ser analisadas separadamente, logo na sequência.

5.1.3.2 Os mapeamentos sociais de Rebouças e São João do Triunfo

A metodologia dos Mapeamentos Sociais de Povos e Comunidades Tradicionais foi desenvolvida pela equipe liderada pelo professor Alfredo Wagner de Almeida, da Universidade Federal do Amazonas, que, ao trabalhar com as populações tradicionais da região amazônica, expandiu seu trabalho buscando o mapeamento dos povos e comunidades tradicionais do restante do Brasil. Na região Sul, os faxinalenses foram os primeiros a passar pelo processo, o qual teve como resultado a publicação dos dados dos Aprendizes da Sabedoria, ou seja, foi esse grupo que teve o primeiro fascículo de cartografia publicado (Série Faxinalenses do Sul do Brasil). O mapeamento, por sua vez, é um procedimento mais amplo e complexo, baseado na mobilização prévia dos sujeitos possíveis de serem mapeados. Tal mobilização é seguida de encontros comunitários (nos quais os grupos interagem entre si e definem elementos do mapa, como as legendas) e visitas de campo para a aplicação de questionários específicos e marcação georreferenciada da localização física dos sujeitos e demais elementos que

precisam ser mapeados.

Além da disponibilização da metodologia, outro fator que impulsionou a realização do mapeamento foi a aprovação, pela entidade de assessoria, o Instituto Equipe de Educadores Populares, de um projeto junto ao Programa Universidade Sem Fronteiras, do governo estadual, que possibilitou ao grupo um acesso a recursos humanos e financeiros fundamentais para realização da atividade.

O MASA já sendo parceiro do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais/Núcleo Sul, avaliaram que o Mapeamento Social seria a melhor ferramenta para identificar onde estavam os Benzedores e em que condições os mesmos se encontravam. Portanto em fevereiro de 2009, um grupo de lideranças do MASA de Rebouças e São João do Triunfo, juntamente com pesquisadores do PNCS-PCTs, realizaram vários momentos de capacitação em noções de GPS, máquina fotográfica, gravador de voz e elaboração de um modelo de questionários a fim de colher informações sobre os ofícios tradicionais de cura, as praticas tradicionais de cura, as praticas tradicionais religiosas e/ou culturais, os conflitos e ameaças, nome, idade, endereço, georeferencia, além de perguntas complementares sobre, como realiza as práticas tradicionais, com quem aprendeu, qual o santo de devoção, e como está se dando o repasse desses conhecimentos (MASA, 2012a, p. 4).

Iniciados respectivamente em fevereiro e março de 2009, os mapeamentos sociais de Rebouças e São João do Triunfo promoveram diversos encontros comunitários, não somente no campo, mas também em áreas urbanas.

Em Rebouças foram realizados 08 encontros comunitários nas comunidades de Faxinal Marmeleiro de Baixo, Faxinal Barro Branco, Rebouças (área urbana), Água Amarela, Poço Bonito, saltinho, Salto, Rio Bonito. No município de São João do Triunfo foram realizados 09 encontros Comunitários nas comunidades de Canudos, Cachoeira, Barra Bonita, Faxinal dos Rodrigues, Rio Baio, Mato Queimado, Porto Feliz, São João do Triunfo (área urbana) e Vitorinópolis, lembrando que, nos dois municípios em todos os Encontros ou na medida do possível, Benzedores de comunidades vizinhas também participaram (MASA, 2012a, p. 6).

Os relatos de entrevista e a análise dos materiais demonstram um fator característico nessa mobilização, uma vez que “para viabilizar os Encontros a solidariedade e união dos benzedores superaram os desafios de se reunir” (MASA 2012a, p. 6). Os avisos sobre as reuniões eram repassados por meio de ligações de telefone celular e comunicação interpessoal nas próprias comunidades. Nos locais mais afastados, os avisos eram enviados via emissoras de rádio. Realizados diversas vezes de maneira precária, “foi extremamente importante a disposição dos Benzedores e o apoio da comunidade para viabilizar local e alimentação” (MASA,

2012a, p. 6) para as reuniões. Ainda de acordo com a entidade:

Estes espaços tiveram como objetivo promover à troca de experiências e apresentar a metodologia do Mapeamento às comunidades, momento especificamente dos Benzedeiros para falarem e se expressarem, deixando os mesmos livres para decidir sobre a adesão do Mapeamento Social em suas comunidades, em todos os casos a resposta foi positiva, todos se sentiam excluídos e relatavam a necessidade de saber onde se encontravam e em que condições estavam os demais Benzedeiros. Nos Encontros aos poucos a identidade coletiva o grupo foi sendo assumida, pois um Benzedeiro se autorreconhecia vendo que as práticas e os conflitos enfrentados pelo grupo eram semelhantes ou iguais aos do mesmo (MASA, 2012a, p. 6).

Ao final de 2009, todas as comunidades de Rebouças já haviam sido visitadas. Ao todo “foram mapeados 133 Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, Benzedeiras, Benzedeiros, Curadeiras, Curadores, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiras, sendo que 34 deles detêm mais de um Ofício Tradicional e nove são Detentores de Ofícios Tradicionais Culturais” (MASA, 2012a, p. 6). Esses últimos autoidentificaram-se enquanto: “Rezadores, Capelão e Romeiro de São Gonçalo”.

Em novembro do mesmo ano, o MASA promoveu o 1º Encontro Municipal de Benzedeiras, Benzedeiros, Curadeiras, Curadores, Capelões, Costureiras, Costureiros de Rendidura, Machucadura e Pateiras. Os principais objetivos do encontro, de acordo com as lideranças entrevistadas, consistiam em realizar o lançamento do Mapeamento Social dos portadores de ofícios tradicionais de Rebouças e também promover o diálogo com o poder público para aprovação de lei municipal que reconhecesse a utilidade pública e regulamentasse o exercício desses ofícios. E foi por esse motivo que foram convidadas autoridades do poder público local e demais parceiros para participar do evento.

O documento final desse encontro mantém os elementos de denúncia da carta final do 1º Encontro Regional, relatando que são “alvo de preconceitos, críticas e repressão dos órgãos públicos de saúde e algumas pessoas ligadas a igrejas”, além do prejuízo que o desmatamento e poluição dos recursos naturais promovidos pelo agronegócio de soja e madeira causam à água, ervas e plantas medicinais utilizados em suas práticas, incluindo a negação do acesso aos mesmos, como podemos ver abaixo:



CARTA DO 1º ENCONTRO MUNICIPAL
Benzedeiras, Bezedores, Curadeiras, Curadores, Capelões, Costureiras,
Costureiros de Rendidura Machucadura e Parteiras

Nós, Benzedeiras, Bezedores, Curadeiras, Curadores, Costureiras, Costureiros de Rendidura e Machucadura, Parteiras, Romeiros de São Gonçalo, Capelões, moradores do Município de Rebouças, reunidos no dia 28 de novembro de 2009, manifestamos nossa existência e importância social mediante dezenas de relatos, depoimentos, conhecimentos, saberes e práticas de cura, acumulados há centenas de anos e transmitidos de geração em geração em benefício de toda a sociedade e, em defesa da vida.

Este Encontro Municipal é resultado de inúmeras reuniões, encontros e mapeamento nas comunidades ao longo deste ano. Sua realização reafirma a força do Movimento das Aprendizizes da Sabedoria – MASA, formado em 2007, por um grupo de detentores de ofícios tradicionais de saúde popular, moradores na região Centro-Sul do Estado do Paraná.

Nossa importância sempre foi reconhecida pela população local, seja no campo e na cidade, pelas incontáveis curas realizadas sobre diversas enfermidades, de forma acessível e sem custos, o que possibilita saúde a milhares de pessoas, sem que isto signifique prejuízo ou risco a sociedade. Muito pelo contrário, nossa presença e atenção à saúde básica, muitas vezes tem se tornado a principal garantia de saúde básica para inúmeras pessoas.

Denunciamos em nosso Encontro, o desprezo aos nossos dons e as diversas violações aos nossos direitos de praticar nossos ofícios tradicionais de saúde popular, através dos conhecimentos, saberes e práticas tradicionais de cura. Onde vivemos, somos alvo de preconceitos, críticas e repressão dos órgãos públicos de saúde e algumas pessoas ligadas a igrejas, que nos combatem de forma a tentar criminalizar nossos ofícios e dons. Também denunciamos o avanço dos monocultivos de soja, pinus e eucalipto causando destruição das florestas nativas e aguadas em nossas comunidades, locais sagrados que historicamente extraímos nossas ervas medicinais nativas e água, para os tratamentos da saúde das pessoas das comunidades e bairros; Nos preocupa também, intensamente, a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais, unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores desses ofícios para coleta de ervas medicinais nativas para continuarmos cuidando da vida.

Clamamos de forma organizada aos poderes constituídos pelo nosso direito ao reconhecimento formal de nossos ofícios e dons, o uso desses conhecimentos e práticas, ervas medicinais e fitoterápicos no sistema Único de Saúde-SUS e o livre acesso aos recursos naturais que necessitamos para realizarmos nossas práticas de curas.

Dessa forma, decidimos coletivamente, neste evento, que apesar das ameaças e repressão aos nossos ofícios tradicionais de saúde popular e dons de cura, assim como aos nossos conhecimentos tradicionais, fortaleceremos nosso movimento com a proposta de Lei Municipal a ser apresentada à Câmara de Vereadores, bem como o Decreto Municipal que tem a intenção de criar comissão para reelaborar a Política Municipal de Saúde a fim de incluir os ofícios tradicionais e fitoterápicos no sistema municipal de saúde.

Confirmamos com nosso Encontro a força que vem das comunidades e se reforça no Movimento das Aprendizizes da Sabedoria, para sermos reconhecidos e alcançarmos nosso lugar de direito em Rebouças e, no Estado do Paraná. Essa luta está só no começo, e este Encontro pretende estimular nosso ânimo de continuar cuidando da vida, com este lema, Na luta contra repressão, pela saúde da população, pois cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós.

Rebouças, 28 de novembro de 2009.

MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA

FIGURA 4 Carta final do 1º Encontro Municipal de Detentores de Ofícios Tradicionais de Rebouças
 FONTE: MASA (2009)

A partir do que pode ser observado na carta, o elemento que se destaca é o seguinte trecho:

Clamamos de forma organizada aos poderes constituídos pelo nosso direito ao reconhecimento formal de nossos ofícios e dons, o uso desses conhecimentos e práticas, ervas medicinais e fitoterápicos no Sistema Único de Saúde – SUS e o livre acesso aos recursos naturais que necessitamos para realizarmos nossas práticas de cura.

Dessa forma, decidimos coletivamente, nesse evento, que apesar das ameaças e repressão aos nossos ofícios tradicionais de saúde popular e dons de cura, assim como aos nossos conhecimentos tradicionais, fortalecermos nosso movimento com a proposta de Lei Municipal a ser apresentada à Câmara de Vereadores, bem como o Decreto Municipal que tem a intenção de criar comissão para reelaborar a Política Municipal de Saúde a fim de incluir os ofícios tradicionais e fitoterápicos no sistema municipal de saúde (MASA, 2009, s/p).

A partir desse encontro, já em 2010, os esforços do grupo caminharam no sentido da aprovação da lei municipal em Rebouças e procuraram a retomada da mobilização para o mapeamento em São João do Triunfo, abandonado devido à falta de recursos.

5.1.3.3 O período que antecede o 2º Encontro Regional das Benzedeiras

Para o MASA, o início de 2010 é marcado por rodadas intensas de negociação com o poder público local, para a aprovação do projeto de lei apresentado ao prefeito e à câmara dos vereadores. Negociações com representantes do setor de saúde também são marcadas. Assim, uma vez aprovada na câmara e sancionada pelo prefeito, em 24 de fevereiro foi publicada a lei de reconhecimento dos detentores de ofícios tradicionais em Rebouças.

Dessa maneira, os portadores de ofício tradicional reconhecidos pelo MASA passaram a receber seus certificados e sua carteirinha de identificação, os quais estão representados abaixo pela figura seis e cinco, respectivamente.



FIGURA 5 Certificado de reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular do município de Rebouças
FONTE: O Autor (2013)



FIGURA 6 Carteira de reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Saúde Popular do município de Rebouças
FONTE: O Autor (2013)

Ainda como complementação da Lei Municipal, foi baixado o decreto número 027/2010, que cria a comissão de saúde popular, composta por: dois representantes do Conselho Municipal de Saúde, três representantes dos Detentores de Ofícios Tradicionais, indicados pela organização dos próprios Detentores do município, um representante da Câmara Municipal de Rebouças, um representante da Secretaria Municipal de Saúde, um representante da Assessoria Jurídica dos Detentores de Ofícios Tradicionais e um representante da Entidade de Assessoria da organização própria dos detentores de Ofícios Tradicionais (REBOUÇAS, 2010). Isso além de incluir as modalidades de ofícios tradicionais e suas práticas de saúde na Política Municipal de Saúde.

Mesmo com as conquistas locais em Rebouças, o MASA deu continuidade à sua dinâmica de mobilização através de encontros comunitários, tornando possível a manutenção do fluxo de informação e animação das suas bases. Também nesse período foi retomado o processo de mapeamento social no município de São João do Triunfo.



FOTOGRAFIA 4 Encontro Comunitário no Bairro Vila Linha, em Rebouças, com a presença de representantes da organização Heifer International, que apoiou um projeto de Direitos Étnicos e Coletivos da Rede Puxirão, do qual o MASA foi beneficiário indireto.

FONTE: MASA (2010)

O ano de 2010 também foi importante para o MASA nos cenários regional e estadual. Ainda no início do ano, o grupo foi incorporado oficialmente à Rede Puxirão, deixando de exercer representação indireta enquanto um segmento da Articulação Puxirão dos Faxinalenses, para ser reconhecida como um segmento da rede. Isso traz como resultados efetivos, além do reconhecimento coletivo do grupo, um maior potencial de acesso aos recursos disponibilizados pela Rede Puxirão, como assessoria técnica, jurídica e política através dos projetos desenvolvidos através dela. A partir disso, o MASA passa também a compor o quadro de direção da Rede, ganhando mais visibilidade nos espaços políticos, passando a acompanhar diretamente as reuniões de negociação política com os órgãos ambientais e Ministérios Públicos Estadual e Federal, uma vez que dentre as pautas da Rede Puxirão estão o reconhecimento e defesa dos direitos coletivos étnicos e ambientais.



FOTOGRAFIA 5 Benzedores e benzedoiras participantes de Oficina de Direitos Étnicos e Coletivos ofertada pela Assessoria Jurídica da Rede Puxirão
FONTE: MASA (2010)

Nesse período, a Rede Puxirão passava por um processo de mobilização para a aprovação de lei estadual para constituir o Conselho Estadual de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais. Os relatos indicam que havia sido criado um grupo de trabalho dentro da Assembleia

Legislativa do Estado do Paraná, mas seu funcionamento estava aquém das expectativas, com muita morosidade no levantamento de dados e proposição do projeto de lei. Em razão disso, todos os segmentos componentes da Rede Puxirão passaram por um processo mobilizatório, intensificando o trabalho de base e também de articulação política com o governo e outros segmentos, como organizações e movimentos sociais parceiros. Diversas audiências públicas foram convocadas. No entanto, as negociações não foram satisfatórias, levando a Rede à realização de um ato público para manifestação de sua desaprovação quanto ao andamento da construção do projeto de lei. Assim, em setembro de 2010, o MASA, os demais movimentos que compõem a Rede Puxirão e alguns parceiros promoveram, em Curitiba, o 1º Acampamento dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. A partir da manifestação foi organizada uma caminhada pelas ruas da cidade e um acampamento nas proximidades da sede do governo, onde foram convidados autoridades e parceiros para estudar e propor ações que dessem agilidade na elaboração e aprovação do projeto de lei de constituição do conselho requerido.



FOTOGRAFIA 6 Representantes do MASA em manifestação pelas ruas de Curitiba durante o 1º Acampamento de Povos e Comunidades Tradicionais
FONTE: Rede Puxirão (2010)



FOTOGRAFIA 7 Representantes de populações e comunidades tradicionais durante manifestação pelas ruas de Curitiba.
FONTE: Rede Puxirão (2010)



FOTOGRAFIA 8 Lideranças e assessores da REDE PUXIRÃO durante a manifestação
FONTE: Rede Puxirão (2010)

Ainda no ano de 2010, o MASA foi selecionado para receber o Prêmio Saúde e Cultura, em uma ação promovida pelo Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC/MinC), e pela Fundação

Osvaldo Cruz (FIOCRUZ) de Brasília. Através da premiação, o MASA passou a fazer parte da “Rede Saúde e Cultura”.

A Rede Saúde e Cultura tem como objetivo fortalecer práticas que integram saúde e cultura voltadas para a promoção da saúde, cidadania e da qualidade de vida da sociedade brasileira. Por meio do modelo de gestão colaborativa, reúne agentes que atuam no intercâmbio entre Saúde e Cultura.

A Rede visa a fortalecer políticas públicas e, consequentemente, as diversas ações relacionadas a essa interface, por meio da mobilização de recursos diversos da saúde, cultura, educação, entre outros setores, a fim de apoiar a produção de conhecimento e as práticas que consideram a importância da cultura como determinante e condicionante da saúde (REDE SAÚDE E CULTURA, 2013, s/p).

Através dessa rede, estruturada em cinco eixos de atuação: investigação, construção de conhecimento; educação; mobilização, articulação e *advocacy*, informação e comunicação, e mais o eixo de registro e memória, o MASA passa a incorporar novas discussões feitas por trabalhos semelhantes em todo o país (REDE SAÚDE E CULTURA, 2013).

O ano de 2011 foi marcado pela intensificação da articulação das comunidades locais de São João do Triunfo, para conclusão do mapeamento. Em nove de junho do mesmo ano foi realizado o primeiro encontro municipal dos benzedores e benzedeiras do município, nos mesmos moldes do encontro municipal de Rebouças. Em São João do Triunfo estiveram presentes 104 dos 161 benzedores e benzedeiras mapeados.

Os Encontros Municipais foram momentos de conquista e celebração, que tiveram objetivo de reunir as Benzedeiras, Benzedores, Curadores, Costureiras e Costureiros de Rendidura, Remedieiros e Parteiras, proporcionando a troca de experiências e a proposição de políticas públicas de reconhecimento formal das Benzedeiras ao poder público municipal. Nesses espaços aproveitando a grande participação dos Benzedores e a presença de autoridades locais, estaduais e sociedade civil organizada foram lançados os Mapeamentos Sociais (MASA, 2012a, p. 12).

Em setembro e novembro de 2011 também foram realizados novos Encontros Municipais em Rebouças, para um acompanhamento dos encaminhamentos do encontro anterior e também para o desenvolvimento de novas negociações.



FOTOGRAFIA 9 2º Encontro Municipal das Benzedeiras de Rebouças
FONTE: MASA (2011)

Ao final do ano de 2011, o MASA direciona seus esforços para o fortalecimento de suas ações na região Centro-sul paranaense e amplia suas atividades em outras cidades, como Irati, Prudentópolis, São Mateus do Sul, Santa Maria do Oeste, Guarapuava e Fernandes Pinheiro. Também tem uma atuação forte no nível regional, através da intensa articulação política gerada na Rede Puxirão para a aprovação da lei estadual de reconhecimento dos Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. Além disso, uma premiação realizada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional (IPHAN) faz com que o movimento tenha projeção nacional.

O MASA foi vencedor nacional da categoria “Salvaguarda de bens de natureza imaterial”, em reconhecimento ao Mapeamento Social feito em Rebouças e São João do Triunfo. De acordo com o grupo, “a conquista de dois prêmios nacionais nesse período acaba fortalecendo a ação do MASA na construção de políticas públicas de maior abrangência na dimensão de efetivação de direitos dos Benzedeiros” (MASA, 2012a, p. 12).



FOTOGRAFIA 10 Cerimônia de premiação dos indicados a 24ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Faria de Andrade, realizada pela Superintendência Estadual do IPHAN
 FONTE: MASA (2011)



FOTOGRAFIA 11 Cerimônia de premiação dos indicados ao 24ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Faria de Andrade, realizada pela Superintendência Estadual do IPHAN
 FONTE: MASA (2011)

No ano de 2012, a visibilidade gerada pelas ações do MASA, e também suas premiações, chamaram a atenção da mídia e foram feitas reportagens para os principais veículos do país, como a Folha de São Paulo, Isto É Independente e portal G1:



FIGURA 7 Matéria sobre as benzedadeiras publicada no jornal Folha de São Paulo
 FONTE: Folha de São Paulo (2012)

O grupo manteve sua agenda de expansão para as outras cidades da região e atuou também em inúmeras audiências públicas, na articulação com outros segmentos da Rede Puxirão para a aprovação de lei de criação da Política Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais. Dessas ações, obtiveram dois resultados expressivos.

O primeiro deles foi a realização do 2º Encontro Regional de Benzedadeiras da Região Centro-sul do Paraná, no município de Rebouças, em novembro de 2012. Segue abaixo uma fotografia que registra o rito de abertura do referido evento, no qual foi registrada a presença de aproximadamente oitenta detentores de ofícios tradicionais de cura, entre os quais havia benzedadeiras, benzedores, curandeiras, curadores, costureiras e costureiros de rendidura e/ou machucadura, rezadeiras e rezadores, remedieiras e remedieiros, massagistas tradicionais, parteiras e aprendizes de benzedura, todos de diversos municípios da região.



FOTOGRAFIA 12 Mística de abertura do 2º Encontro Regional das Benzedeiras, em Rebouças.
 FONTE: MASA (2012)

Ainda se faz importante ressaltar que nesse evento, além dos participantes acima citados,

também participaram e contribuíram [...] cerca de 20 convidados entre autoridades, pesquisadores e apoiadores representantes da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (APF), Centro Missionário de Apoio ao Camponato Antonio Tavares Pereira (CEMPO), Centro de Apoio Operacional as Promotorias de Direitos Constitucionais (CAOP) do Ministério Público do Estado do Paraná (MPE/PR), Instituto Ambiental do Paraná (IAP), Heifer Internacional, Instituto Chico Mendes de Proteção à Biodiversidade (ICMBio), Instituto Equipe de Educadores Populares (IEEP), Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil (PNCS), Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Secretária de Estado da Saúde (SESA), Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC) do Ministério da Cultura (MinC) (REDE PUXIRÃO, 2012).

No acompanhamento desse encontro, pode ser observada a forma de atuação do MASA, dividindo o encontro em dois espaços: trocas de experiências e relação política externa. O espaço para troca de experiências serve para que os grupos possam entrar em contato e conhecer a realidade daqueles detentores convidados que ainda não conhecem a dinâmica de organização do grupo. Além disso, há uma intensa troca de saberes relacionados aos ofícios tradicionais: receitas, simpatias, uso de plantas e ervas medicinais, etc.



FOTOGRAFIA 13 Mística de abertura do 2º Encontro Regional das Benzedadeiras, em Rebouças.
FONTE: MASA (2012)

Outros três elementos do evento merecem destaque. O primeiro foi a presença da equipe do Ministério Público Estadual do Paraná (um promotor e assistentes), reforçando o compromisso de apoiar as reivindicações do MASA e também mantendo-se aberto ao diálogo, em uma relação que vem sendo construída com os povos e comunidades tradicionais desde 2005, através da Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses.

O segundo elemento foi a presença da representante da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural, do Ministério da Cultura, que veio diretamente de Brasília (DF) para acompanhar o encontro e também abrir possibilidades de parcerias e apoio ao grupo, reconhecendo sua importância na preservação da cultura imaterial.

Também vale destacar a presença do representante da 4ª Regional de Saúde de Irati, órgão do governo estadual que faz a gestão da saúde nos municípios de atuação do MASA. Os indivíduos presentes relataram que essa foi uma das primeiras vezes que conseguiram de fato expor suas demandas diretamente ao órgão. O representante mostrou-se favorável à abertura de diálogo para que se possa elaborar uma maneira de oficializar e valorizar o papel das benzedadeiras no sistema público de saúde.

Por fim, a “Carta Final”, documento oficial do encontro, reforça o caráter do evento enquanto parte do processo organizativo, “tendo como principal desafio o

reconhecimento público e valorização das práticas tradicionais desenvolvidas por nós nesta região” (MASA, 2012b, s/p). O MASA também se compromete a

Ampliar o processo de mobilização, valorização e reconhecimento dos detentores de ofícios tradicionais de cura nos municípios já organizados e também em outras regiões do estado e do Brasil.

Fortalecer nosso movimento com o desafio de motivar nossas comunidades por intermédios de encontros de troca de experiências, para que nossos conhecimentos sejam de uso das comunidades; resgatar as práticas tradicionais que manifestam nossa cultura (Romaria de São Gonçalo, Mesada de Anjo, Olhos d'Água do Monge João Maria, Festas de Santo, Novenas, Procissões); envolver as gerações mais jovens nos espaços que nos organizamos, a fim de que estes respeitem nosso modo de vida tradicional e acolham tais conhecimentos tradicionais, assegurando o repasse da tradição.

Intensificar a luta por políticas públicas de reconhecimento das identidades coletivas das benzedeiras e de seus serviços de saúde prestados de forma gratuita e solidária à comunidade em geral.

Lutar contra todas as formas de repressão e marginalização dos conhecimentos e saberes tradicionais de cura associados ao uso sustentável da biodiversidade como estratégia de manutenção e repasse de tais conhecimentos (MASA, 2012b, s/p).

Além disso, da carta também resulta uma lista de reivindicações, que fazem relação principalmente com a expansão da rede de articulação, buscando experiências semelhantes em outras regiões do país; estratégias para o reconhecimento de suas práticas perante os prestadores de serviços de saúde; e preservação e acesso aos recursos ambientais necessários a suas práticas. Abaixo segue um quadro com as reivindicações advindas do encontro:

REIVINDICAÇÃO	OBJETIVOS
1. Realização de encontros, seminários e reuniões com médicos e funcionários do sistema público de saúde	Amenizar os conflitos existentes entre as práticas e conhecimentos tradicionais e o sistema formal de saúde, sendo estes espaços articulados pela Secretaria de Estado da Saúde do Estado do Paraná
2. Diálogo com a Secretaria de Estado da Saúde do Estado do Paraná	Regulamentar o livre acesso das benzedeiras aos postos e hospitais de saúde a fim de realizar benzimentos e costuras de rendidura aos pacientes internados que solicitarem a realização das práticas tradicionais de cura de forma complementar aos seus tratamentos convencionais de saúde
3. Diálogo com o poder público	Fortalecer o reconhecimento e a valorização de políticas públicas voltadas às demandas dos povos autodefinidos como detentores de ofícios tradicionais de cura, fortalecendo localmente e regionalmente a efetivação da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e

REIVINDICAÇÃO	OBJETIVOS
	Comunidades Tradicionais do Brasil e Leis Municipais de Reconhecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura
4. Instituição do Conselho Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná	Propor um espaço institucional de articulação e implementação de políticas públicas voltadas aos povos e comunidades tradicionais do Paraná, entre estes, os detentores de ofícios tradicionais de cura
5. Efetivação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares de Saúde no Sistema Público de Saúde	Possibilitar a participação efetiva dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura
6. Fomento para a criação do Ponto de Cultura das Benzedadeiras a nível regional	Valorizar e reconhecer as benzedadeiras como agentes de promoção cultural, bem como, proporcionar estratégias para o processo organizativo mobilizado pelo Movimento Aprendiz da Sabedoria (MASA)
7. Realização do Encontro Nacional das Benzedadeiras	Possibilitar visibilidade social e a articulação entre os vários detentores de ofícios tradicionais de cura no Brasil e suas experiências organizativas e de práticas tradicionais de cura, por meio da Secretária da Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura
8. Elaboração de estratégias junto aos órgãos de fiscalização e gestão ambiental - para a regulamentação do livre acesso as plantas e ervas medicinais e Olhos d'Água do Monge João Maria em áreas de unidades de conservação; implementação de viveiros de ervas e plantas medicinais nas comunidades e município	Preservar e resgatar a biodiversidade de plantas medicinais de uso das benzedadeiras; fiscalização do desmatamento desenfreado que ocasiona a extinção das plantas e ervas medicinais das matas nativas; proibição do uso de agrotóxico em áreas de plantas medicinais nativas e Olhos d'Água do Monge João Maria, locais sagrados de uso da coletividade dos detentores de ofícios tradicionais de cura.

QUADRO 1 REIVINDICAÇÕES DO MASA NO 2º ENCONTRO REGIONAL DE BENZEDEIRAS DO CENTRO SUL DO PARANÁ
 FONTE: O Autor (2013)

Finalizando, em novembro de 2012 foi aprovada a Lei Estadual n.º 567, que institui o Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná, atendendo às demandas da Rede Puxirão. A lei traz um elemento simbólico destacado nas entrevistas: os benzedores e benzedadeiras são o primeiro grupo citado na lei para a composição dos representantes de povos indígenas e comunidades tradicionais. Sendo sancionada no início de 2013, o MASA e todos os segmentos da Rede Puxirão estão trabalhando para a efetivação do Conselho.

5.2 A LEITURA DA NARRATIVA HISTÓRICA DO MASA SOB A ÓTICA DO REFERENCIAL TEÓRICO DA PESQUISA

Aqui são apresentadas algumas análises feitas através do confronto entre o relato histórico apresentado e o referencial teórico escolhido para este trabalho. Dessa forma, pretende-se visualizar melhor o processo de empoderamento, a constituição do MASA enquanto movimento social, o desenvolvimento de seu capital social e o uso que faz dos processos de comunicação, principalmente da comunicação pública, nesta trajetória.

5.2.1 A construção analítica enquanto movimento social segundo Melucci

Ao elaborar uma análise de acordo com os princípios apontados por Melucci, é preciso perceber a presença dos três elementos obrigatórios que constituem um movimento social: solidariedade, conflito e rompimento dos limites de compatibilidade.

No período em que as benzedadeiras e os benzedores eram organizados a partir da ASA, a questão da solidariedade é percebida em dois momentos: o primeiro tem relação com o reconhecimento externo enquanto faxinalenses e também com o seu autorreconhecimento como tais, pertencendo a uma mesma unidade social. Ou seja, enquanto benzedores e benzedadeiras reconhecem uns aos outros e reconhecem a si próprios.

Em relação ao conflito, percebe-se que ele fica evidente após o processo de cartografia e, a princípio, é tridimensional, fazendo menção ao agronegócio, aos profissionais da saúde e igrejas.

Nessa etapa inicial, pouco pode ser percebido sobre o rompimento dos limites de compatibilidade do sistema. Dentro do que é indicado pela APF como proposta para a ASA, realmente não há fatores além de apontamentos e não se chega ao terceiro princípio de análise de Melucci, comprometendo o entendimento do MASA enquanto movimento social nesse estágio. É durante o processo dos mapeamentos sociais que o MASA propõe um rompimento com os limites de

compatibilidade. Se antes ele reivindicava sua introdução no sistema, agora ele propõe sua revisão e ampliação.

O Mapeamento é um indicador da solidariedade do grupo (reconhecer, ser reconhecido e pertencer à mesma unidade social). No entanto, é necessário esclarecer algumas questões sobre o conflito. Inicialmente, o conflito vivido pelo MASA foi apontado como tridimensional (profissionais de saúde, igrejas e agronegócios), porém, o conflito acontece pela disputa de um recurso valorizado por ambos. Os recursos naturais são disputados com o agronegócio. Por sua vez, o conhecimento sobre práticas de saúde básica popular são disputados com os profissionais de saúde, sobretudo os médicos. Olhando para essas duas questões, existem propostas do grupo em relação a esses dois conflitos. No entanto, as benzedadeiras não disputam o poder de intervenção divina com os religiosos, principalmente os padres. Nesse caso, o MASA pede apenas que se aceite suas práticas, descaracterizando o conflito neste caso.

Ao propor um decreto que amplie o Sistema Municipal de Saúde, o grupo demonstra características de movimento político, ou seja, procura acesso aos processos de tomada de decisão, ou até mesmo aumentar sua influência neles, alargando, por vezes, o sistema político no qual está incluso.

O MASA já chega à etapa que antecede o segundo encontro caracterizado enquanto movimento social. Articulado pela Rede Puxirão, amplia o entendimento de solidariedade, que não é somente o (auto)reconhecimento dos membros de sua base, mas também é o (auto)reconhecimento dos membros da Rede enquanto movimentos sociais de Povos e Comunidades Tradicionais. O que acaba por romper também os limites de compatibilidade suportados pelo sistema, com suas reivindicações atreladas ao modo específico de reprodução e vida. Uma vez preenchidas as três dimensões básicas (solidariedade, conflito e rompimento dos limites do sistema), o movimento político passa a aumentar o conteúdo simbólico, com objetivos cada vez menos negociáveis.

5.2.2 O empoderamento do grupo

O período no qual a Associação Aprendizes da Sabedoria passa a ser reconhecida como espaço de articulação dos benzedores e benzedadeiras, é fundamental para compreender como o grupo deixa sua situação de invisibilidade social e caminha em direção ao empoderamento. É nesse período que se começa a construir a identidade coletiva do grupo.

Seguindo o primeiro dos cinco momentos em que ocorre o empoderamento, segundo Lisboa (2007), o Contexto (ou evento) que coloca os indivíduos e grupos diante de uma grande contradição foi o grupo de trabalho sobre benzedores e benzedadeiras no encontro da APF. Ao terem contato com a experiência vivida em Goiás, de articulação dos detentores de ofícios tradicionais de cura no cerrado, o grupo percebeu que poderia também sair do anonimato através de uma forma organizativa semelhante. Esse fator serviu de Motivação, uma vez que puderam confrontar ambas as histórias, entretanto, foi a cartografia que possibilitou um olhar mais apurado sobre como estavam vivendo os semelhantes nas três comunidades envolvidas. Tratando do Engajamento e Reivindicação, os espaços para a reflexão sobre a dimensão coletiva da situação e intervenção dos mediadores são os encontros, principalmente o Encontro Regional. Nesse período específico, o Encontro da APF foi o principal exemplo desse momento de engajamento. A etapa de Integração e Ação, na qual se compartilham conflitos e relações com grupos diversos, é contemplada pela articulação da ASA (ainda que indiretamente enquanto segmento faxinalense) na Rede Puxirão. A etapa de Conscientização começa a ser delineada, como pode ser percebido através do conteúdo do fascículo, mas ainda não são apresentadas formas de materializar o processo de transformação pretendido.

Ao analisar o empoderamento do MASA durante o período de realização do 1º Encontro Regional, baseado nas quatro dimensões propostas por Horochovski e Meirelles (2007), percebe-se que os indivíduos, ao propor autonomamente o Mapeamento Social como estratégia de ação, delineiam o empoderamento intrapessoal. A gestão do grupo através de direção colegiada com representantes comunitários (cada comunidade onde MASA atua indica uma liderança) orientando uma direção executiva e as decisões tomadas nos encontros (tal qual uma assembleia) contemplam o empoderamento organizacional e o comunitário.

Tratando da segunda dimensão proposta, a motivação do empoderamento é

proativa, ou seja, desejada conscientemente.

Continuando os critérios, percebe-se que o grupo já adquiriu poderes identitários, seja pelo número expressivo de participantes presentes no encontro, seja também pelo reconhecimento dos parceiros e demais movimentos com os quais tem relação. Em relação aos poderes econômicos, nessa etapa o grupo possuía, através das entidades de assessoria, alguns recursos aprovados, garantindo a execução das atividades. Ao analisar os poderes sociais, o MASA nessa etapa já dispunha de um bom capital social, além de visibilidade e coesão de grupo. Tratando-se dos poderes políticos, a participação e a construção dos espaços de decisão ainda estavam incipientes.

Durante o período dos mapeamentos sociais, observando os elementos trazidos por Lisboa (2007), o MASA contempla agora mais visivelmente a etapa da Integração e da Ação (compartilhamento de conflitos e surgimento de redes sociais), como pode ser ilustrada pela participação na Rede Puxirão e na Rede Cultura e Saúde. O leque de avanços e a maturidade das reivindicações no 2º Encontro demonstra que o movimento atingiu a Conscientização, além de colocar-se como sujeito ativo do processo de transformação.

Em relação às dimensões do empoderamento apresentadas por Horochovski e Meirelles (2007), o MASA alcança o poder político, exemplificado pela aprovação das leis municipais e pela lei de implantação do Conselho Estadual.

Da mesma forma, a maturidade do grupo, o nível de capital social e os resultados apresentados fazem com que o ele possa ser considerado empoderado substantivamente, instrumentalmente e formalmente (a exemplo das Comissões de Saúde Popular e do próprio Conselho Estadual).

5.2.3 Capital social e redes sociais: como são constituídos e o papel fundamental no comportamento político do MASA

A organização dos grupos que servem de base para o surgimento do MASA é fundamentada numa tentativa de expansão do capital social das associações de grupos de agricultura ecológica. As associações ASSIS e AGAECO perceberam nas

comunidades faxinalenses um potencial de solidariedade relacionado ao enfrentamento do modelo agrário predominante. Isso se deu em razão do modo de vida faxinalense que estava intimamente ligado à preservação ambiental e também à manutenção das formas de cultivo tradicionais (bandeira também levantada pela agroecologia), o que é um possível reconhecimento. No entanto, o objetivo das associações, que é o de constituir uma rede de grupos para produção de alimentos agroecológicos, não teve convergência com o que se começou a desenvolver predominantemente nos grupos das comunidades faxinalenses. Ou seja, a discussão relacionada ao manejo e preservação de plantas e ervas medicinais e também suas formas de uso pela cultura tradicional dos moradores dos faxinais. Mesmo com essa falta de reconhecimento mútuo entre os grupos e a agricultura ecológica diante dos grupos nas comunidades faxinalenses, esses últimos puderam aproveitar para assimilar a forma organizativa, e também elementos como a assessoria do Instituto Equipe de Educadores Populares, disponível na rede de articulação agroecologista, impulsionando os trabalhos da Associação Aprendizizes da Sabedoria.

O capital social no período em que o grupo se identificava pela Associação aprendizizes da Sabedoria pode ser discutido a partir da participação da Articulação Pacari na organização do trabalho das benzedeiras. Nesse sentido, temos o acionamento do capital primário da rede goiana, a qual, por ser uma rede de representantes do mesmo segmento, abre caminho para o entendimento da expansão de base da rede de benzedeiras em nível nacional. Assim, esse início dado pela Articulação Pacari tem a possibilidade de ser compreendido como um capital social do tipo *bonding*.

Já durante o 1º Encontro Regional das Benzedeiras, é possível perceber como o grupo aciona seus estoques de capital social de terceiro nível (capital de outras redes para um fim específico, geralmente de curta duração). Com isso, ele acaba fazendo do Encontro uma espécie de audiência pública, uma vez que consegue garantir, em um espaço público (universidade), a presença não somente da sua base, mas também de parceiros e representantes do poder legislativo, que trazem ao MASA parte do poder político que ele almeja. Esses elementos apontam para uma sofisticação política, obtida pelo seu capital social acumulado. Essas características também permitem interpretar a comunicação do MASA como pública

em sua essência, fomentando debates de temas que refletem em toda sociedade.

O período que antecede o 2º Encontro Regional traz um exemplo de acionamento do terceiro nível de capital social, quando grupos afins interagem momentaneamente por uma causa única, como foi a mobilização pelo 1º Acampamento dos Povos e Comunidades Tradicionais. A manifestação contou com a participação não somente da Rede Puxirão, mas também com outras redes, como a de estudantes e outros movimentos sociais. O capital social do MASA atingiu bons níveis de sofisticação nesse período, atuando nos três níveis e também atingindo o governo federal. Tais fatores só foram possíveis graças às conquistas obtidas pelo bom fluxo de comunicação que o movimento criou, seja através de espaços como reuniões, audiências e encontros, seja através de instrumentos como a cartografia, ou o boletim informativo. Fica evidente assim a relação entre capital social e comunicação pública, ou seja, há um movimento no qual um gera o outro. Há um outro fator que também merece destaque dentre as reivindicações do 2º Encontro: a manutenção desses espaços de diálogo e também a criação de novos, indicando um grau de importância da comunicação pública/capital social, para o MASA.

5.2.4 Os processos comunicacionais (públicos) e a relação: base, Estado e sociedade

A comunicação é intimamente ligada aos processos de mobilização do MASA. Em um primeiro momento, ela é evidenciada na articulação de base (da ASA ao MASA) do grupo, assegurando um fluxo de informações que garantem a permanência e a inclusão de novos membros. Ao tornar possível a articulação e expansão da base do MASA, o processo comunicativo extremamente simples e eficaz que foi implantado produz resultados diretos no capital social e também no empoderamento do grupo. Isso ocorre uma vez que é a partir da comunicação que se fortalecem os laços de solidariedade e de identificação coletiva dos benzedores e benzedoras. Uma das questões mais interessantes é o aparato relativamente simples, mas muito eficaz da comunicação, estabelecido através de uma sistemática de reuniões nas comunidades, onde o repasse das informações é feito através de

comunicação interpessoal.

Saindo do nível comunitário de organização do MASA, sua articulação em redes, como a Rede Puxirão, proporciona canais de informação sobre a temática regional e nacional dos povos e comunidades tradicionais, além de proporcionar canais diretos de relação com atores-chave para o grupo, como acesso às promotorias estadual e federal, órgãos do governo executivo e também legislativo. Esses canais só são possíveis de ser acessados através do compartilhamento de capital social com diversos atores, que vão se acumulando nas redes das quais o MASA participa.

Uma vez que as principais demandas do movimento são políticas, principalmente a aprovação ou execução de políticas públicas, o grupo também desenvolve uma relação bastante próxima da comunicação pública, gerando discussões a respeito de temas que são de seu interesse. Não dispondo de grande estrutura comunicativa, o MASA destaca-se ao promover espaços de discussão local, através de eventos públicos, como os seus encontros e audiências, acionando sempre que necessário o seu estoque de capital social para potencializar suas ações, o que pode ser facilmente percebido nos relatos e no contexto apresentado.

O olhar para o grupo através da comunicação pode então ser descrito no nível de base, no qual se estabelece o fluxo de informações elementares sobre o movimento, consistindo em notícias, reuniões, tomadas de decisão, etc, além de possuir dois objetivos claros: a manutenção e a expansão das bases. Como já dito, esse nível de comunicação também vai potencializar as relações entre os pares, promovendo positivamente a identidade coletiva, o reconhecimento e autorreconhecimento do grupo, ligando-se aos processos de capital social primário (*bonding*) e empoderamento.

Existe também a comunicação voltada para além das bases, direcionada para os processos de mobilização pública em torno dos temas defendidos pelo MASA. Essa comunicação é relacionada ao segundo nível de capital social (quase sempre articulando outros segmentos de populações tradicionais) e também liga o movimento a outros setores da sociedade e ao Estado.

Vale ressaltar também que os instrumentos de comunicação aos quais o MASA tem acesso, como os fascículos de cartografia social e o boletim informativo, são bastante versáteis, servindo para expor as demandas do MASA tanto a uma

nova comunidade onde o grupo queira atuar, quanto ao governador do estado para a proposição de uma lei estadual de reconhecimento das benzedadeiras.

Enfim, os resultados mostram que o MASA tem seus objetivos reforçados ao utilizar-se dos potenciais comunicativos das redes sociais as quais é vinculado e também o grupo desenvolve elementos à sua maneira, como sua dinâmica própria de reuniões e encontros comunitários para mobilização dos benzedores e benzedadeiras.

As matérias publicadas em jornais de grande circulação também mostram que as ações do MASA extrapolam o nível local e regional, atingindo repercussão nacional.

5.2.5 Quadros-síntese das análises por categoria

Os quadros-síntese são apresentados como uma proposta de visualização mais rápida e facilitada dos resultados obtidos nas análises dos dados desta pesquisa. Ao todo são três quadros, que trazem em suas colunas os períodos já trabalhados da história do Movimento Aprendizes da Sabedoria e em suas linhas horizontais os elementos destacados dos conceitos adotados de movimento social, empoderamento, capital social e comunicação pública. Nas intersecções são trazidos os dados ou eventos que evidenciam cada elemento conceitual em seu respectivo espaço temporal.

		Pré-APF	Período ASA	Pós Primeiro Encontro		
				1º Encontro regional	Mapeamentos sociais	Antecede 2º Encontro
Mov Social	Conflito	-	Agronegócio, profissionais de saúde e igrejas (Cartografia social);	Intensifica-se a expressão do conflito;	As propostas não contemplam disputa de recursos (conflito) com a igreja;	-

		Pré-APF	Período ASA	Pós Primeiro Encontro		
	Solidariedade		Reconhecimento enquanto faxinalenses; Autorreconhecimento enquanto benzedores;	-	O mapeamento é o próprio indicador do reconhecimento dos pares para integração e busca desintegração à mesma unidade social;	Autorreconhecimento enquanto movimento social PCTs (ampliação de noção de solidariedade);
	Rompimento Limites do Sistema		-	-	Revisão ou ampliação do sistema (Integração das benzedadeiras ao sistema de saúde); Características de movimento político;	Reivindicações específicas atreladas ao modo de reprodução e vida; Movimento político (aumenta o conteúdo simbólico);

QUADRO 02 SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AO CONCEITO DE MOVIMENTO SOCIAL PROPOSTO POR MELUCCI
FONTE: O Autor (2013)

			Pré-APF	Período ASA	Pós Primeiro Encontro		
					1º Encontro regional	Mapeamentos sociais	Antecede 2º Encontro
Empoderamento	Lisboa	Contexto	-	GT Benzedadeiras no 1º encontro da APF;	-	-	
		Motivação		Situação semelhante em GO (Articulação Pacari); Situação semelhante dos membros das comunidades principais (Cartografia);	-	-	
		Engajamento e Reivindicação		Encontro APF; Encontro Regional;	-	-	
		Integração e Ação		REDE PUXIRÃO (ainda enquanto segmento interno da APF);	-	Ocupa espaço próprio na REDE PUXIRÃO; Integra Rede Cultura e Saúde;	
		Conscientização		Iniciado, mas ainda incipiente;	-	-	Avanços significativos e maturidade das propostas do 2º Encontro;
	H&M	Níveis/Sujeitos		-	Delineamento de empoderamento intrapessoal (Proposição do mapeamento); Empoderamento organizacional e comunitário (Gestão colegiada);	-	-

			Pré-APF	Período ASA	Pós Primeiro Encontro		
		Motivações		-	Proativa	-	-
		Poderes/Recursos		-	Poderes identitários (número de presentes no encontro) e reconhecimento de parceiros); Poderes econômicos (alguns projetos aprovados); Poderes sociais (estoque de capital social, visibilidade e coesão);	-	Poderes políticos (aprovação das leis municipais e Conselho Estadual);
		Modalidades		-	-	-	Substantivamente, instrumentalmente e formalmente (Comissões de saúde popular e Conselho Estadual);

QUADRO 03 SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AOS CONCEITOS DE EMPODERAMENTO PROPOSTOS POR LISBOA E HOROCHOVSKI E MEIRELLES
FONTE: O Autor (2013)

		Pré-APF	Período ASA	Pós Primeiro Encontro		
				1º Encontro regional	Mapeamentos sociais	Antecede 2º Encontro
Cap Social	Primeiro Nível	Tentativa de expansão dos grupos de agricultura ecológica (ASSIS e AGAECO)	Articulação com benzedadeiras do Centro-Oeste (expansão de "base nacional"); Mapeamento das benzedadeiras das comunidades já trabalhadas; Obs: <i>bonding</i>	Continuação da ampliação da base	-	-
	Segundo Nível	-	Capital social da APF - Projeto Nova Cartografia Social (não se enquadra na categorização, mas é mais próximo do segundo nível);	Ações permanentes na REDE PUXIRÃO (encontros);	-	-
	Terceiro Nível			Rede de parceiros e políticos presentes no evento;	-	1º Acampamento PCTs;
Com Pública	Processos	-	Discussão de novo modelo de saúde pública;	Discussão dentro da Universidade; Demandas diretamente aos políticos;	Mobilização das esferas públicas locais;	Imprensa nacional; Premiações;
	Instrumentos		Encontros; Fascículo de cartografia;	Encontro como audiência pública;	Encontros municipais; Mapas sociais	Reuniões; Audiências; Boletim Informativo;

QUADRO 04 SÍNTESE DAS ANÁLISES DOS DADOS EM RELAÇÃO AOS CONCEITOS DE CAPITAL SOCIAL E COMUNICAÇÃO PÚBLICA
FONTE: O Autor (2013)

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a hipótese inicial desta pesquisa, que se pautou na invisibilidade social dos movimentos sociais como algo forçado politicamente por seus antagonistas sociais, e confrontá-la com os resultados obtidos, é possível fazer tanto inferências de caráter mais conclusivo e como algumas que deixam caminhos em aberto.

O primeiro elemento a ser discutido foi a escolha do Movimento Aprendizes da Sabedoria como caso de estudo. Se, por um lado, ela trouxe dificuldades de acesso a seus membros e grupos de base, foi, por outro, muito válida, pois possibilitou um melhor entendimento da sua forma de organização e uma visualização dos seus trabalhos durante o período do primeiro ciclo político, de 2008 a 2012.

As primeiras respostas para a comprovação da hipótese surgiram nas falas e documentos analisados. Diversos relatos evidenciaram benzedores e benzedeadas sofrendo um processo de discriminação pública e também velada, recolhendo-se à invisibilidade como forma de defesa às investidas de seus antagonistas sociais. Ficou claro como as igrejas, em seus discursos, tratam as práticas tradicionais de cura como feitiçaria e bruxaria. Da mesma forma, a classe médica, ainda que não se utilizando de espaços públicos, demonstra seu poder nos consultórios e hospitais para desencorajar a população a respeito da utilização dos benzimentos e fitoterapia tradicional, defendendo a medicina alopática como única forma de tratamento dos problemas de saúde. Aliado a isso, o agronegócio também materializa seu antagonismo contaminando os recursos naturais com o uso de agrotóxicos e impede o acesso dos integrantes do MASA aos recursos naturais, seja pelo desmatamento, pelo cercamento de áreas ou utilização de jagunços.

Outro desafio foi escolher os procedimentos de pesquisa de modo a fazer com que a questão inicial fosse respondida da melhor maneira possível. A opção por compreender o processo de empoderamento do grupo mostrou-se viável pela perspectiva da construção de uma linha do tempo que contemplasse os principais eventos do período relatado que tivessem alguma ligação direta ou que exercessem alguma influência na constituição do capital social e na construção dos processos

comunicativos do MASA.

Uma das primeiras perguntas feitas durante a pesquisa foi, nesse processo, uma das últimas a serem respondidas: o MASA pode ou não ser classificado como movimento social? Escolher os critérios de Melucci para obter essa resposta provocou uma série de reflexões que deixaram clara a situação conflituosa enfrentada pelos membros do grupo diante de outros atores sociais – profissionais de saúde e religiosos, por exemplo –, mas também demonstrou que a organização coletiva em torno de um movimento social, segundo a concepção do autor escolhido, não é algo que se dá da noite para o dia. É uma ação processual, na qual diversas etapas precisam ser vencidas. Nada impede, porém, que, durante essa ação, o grupo apodere-se de alguns instrumentos que facilitem essa construção social.

É esse, pois, o contexto que torna possível falar do capital social e da comunicação. Como o MASA apropria-se desses recursos durante sua caminhada, que parte da invisibilidade e segue em busca do empoderamento? Tais elementos mostraram-se cruciais por catalisarem os processos de empoderamento do grupo e de constituição de um movimento social, o que acontece à medida que o capital social e as redes por ele proporcionadas facilitam o acúmulo de experiências, ou seja, à medida que o grupo pode escolher atalhos preciosos para atingir seus objetivos. É evidente, por exemplo, a influência que o acúmulo de conhecimento gerado pelo Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil gerou, facilitando ações importantes como a afirmação da identidade coletiva e o (inter)reconhecimento dos benzedores e benzedeadas, alcançadas por meio de metodologias como a Cartografia Social e o Mapeamento Social.

Além disso, o uso adequado da comunicação mostrou-se como fator fundamental para o alcance dos objetivos do MASA. Sua preocupação em criar fluxos de informações para manter o laço social entre a base e as lideranças, além das estratégias próprias de fomentar discussões públicas a respeito dos temas defendidos, demonstra não só a importância, mas também a maneira pela qual formas simples de comunicação baseadas em poucos produtos impressos, mas muito focados nas relações interpessoais, podem oferecer resultados satisfatórios, contradizendo a tendência de uso intensivo das tecnologias. O grupo proporciona a reflexão para pensar o meio em razão do processo, e não o contrário.

Nesse sentido, resgatar os conceitos de comunicação pública enquanto

comunicação política e o de capital social enquanto elemento ativador de redes sociais acaba por valorizar a escolha do MASA neste trabalho, uma vez que sua trajetória foi capaz de reforçar estas abordagens, comprovadas pelo empoderamento do grupo e também ao demonstrar a importância central da mobilização em redes para sucesso do grupo. Provavelmente o MASA não alcançaria os mesmos resultados, com a mesma rapidez, se não pudesse dispor da articulação e experiência das redes das quais faz parte. Isso permite a compreensão do poder intimamente ligado à rede. Além disso, a experiência do grupo provoca um retorno à raiz do conceito de rede social, hoje tão ligado aos sites de relacionamentos da internet.

Dentre as respostas que esta pesquisa traz, está a classificação positiva do MASA como movimento social em processo de amadurecimento. Apesar de atender aos requisitos colocados por Melucci, um movimento social é espaço de mobilização permanente, em uma relação bastante complexa com suas bases e também em relações sociais com outros atores através de redes, montadas com os mais diversos objetivos. A busca do movimento pelo seu empoderamento traz avanços importantes tanto no sentido formal de suas conquistas – como aprovação de leis e abertura de espaços de diálogo com o Estado –, como também na formulação de posturas para a manutenção de poderes identitários, econômicos, sociais e políticos, sem contar a manutenção de sua capacidade de poder continuar tomando decisões efetivas para a resolução de seus problemas e conflitos.

Uma questão que fica em aberto nesta pesquisa é como o capital social e a comunicação (pública) desses movimentos sociais não interferem apenas coletivamente nesses sujeitos, que se apropriam desses elementos e processos para obterem o empoderamento também em nível individual, em seus sistemas de mundo da vida, interferindo em outros níveis relacionais que não somente o político-coletivo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO APRENDIZES DA SABEDORIA DE MEDICINAIS E AGROECOLOGIA (ASA). **Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**. Série Faxinalenses do Sul do Brasil. Irati, v.1, 2008, 12 p.

ALMEIDA, D. **Relações Públicas Comunitárias**: seu papel na emancipação política dos movimentos populares: o caso da Associação dos Grupos de Agricultura Ecológica São Francisco de Assis. 55f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

ALMEIDA, D; PAGLIA, E. **Curso de Formação de Educadores Populares - Turma Esmael Telles**: a experiência de educação do campo dos movimentos das regiões Centro e Centro-sul do Paraná. 14f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação do Campo), Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Bituruna, 2010.

BENZEDEIRAS SÃO CONSIDERADAS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO PARANÁ. Disponível em < <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/05/benzedeiras-sao-consideradas-profissionais-da-saude-no-parana.html>>. Acesso em 03/04/2013.

BOURDIEU, P. Le Capital Social: Notes Provisoires. In **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 31, n.º 1, 1980, p. 2-3.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRANDÃO, E. P. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, J. (Org.). **Comunicação Pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 1-33.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: BARROS, A.. DUARTE, J. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 215-235.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: BARROS, A.. DUARTE, J. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

DUARTE, J (ORG). **Comunicação pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007.

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e redes de mobilização no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOHN, M. da G. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. São Paulo: Saúde Social, v. 13, n. 2, Ago. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n2/03.pdf>>. Acesso em: 04/04/2013.

GOHN, M da G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2002.

GOMES, W. Capital social, democracia e televisão em Robert Putnam. In: GOMES, W.. MAIA, R. **Comunicação e democracia**: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008, p. 221-264.

GOSS, K; PRUDÊNCIO, K. **O conceito dos movimentos sociais revisitado**. Florianópolis: Em Tese, v. 2, nº 1, 2, Jan-Jul. 2004. p. 75-91.

HOROCHOVSKI, R; MEIRELLES, G. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. p. 1-22.

KOÇOUSKI, M. Comunicação pública: construindo um conceito. In: MATOS, H. **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: ECA/USP, 2012.

LIMA, A. M. D. **Justiça em Nancy Fraser**. 150f. Dissertação de mestrado. Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, 2010.

LISBOA, T. K. **Empoderamento de mulheres e participação na gestão de políticas públicas**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2007. p. 1-13.

MATOS, H. **Capital social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

MASA (Org.). Carta do 1º Encontro Regional das Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Curadeiras. Irati, 2008.

MASA (Org.). Carta do 1º Encontro Municipal de Benzedeiras, Benzadores, Curadeiras, Curadores, Capelões, Costureiras, Costureiros de Rendidura Machucadura e Parteiras. Rebouças, 2009.

MASA (Org.). **Boletim informativo Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil – conhecimentos tradicionais e mobilizações políticas**: o direito de afirmação da identidade de benzedeiras e benzadores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo. Paraná. n. 1. Manaus: Editora da Universidade Estadual do Amazonas, 2012a.

MASA (Org.). Carta final do 2º Encontro Regional de Benzedeiras da região centro-sul do Paraná. Rebouças, 2012b.

MELUCCI, A. **Challenging codes**: collective action in the information age. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MENIM, E. **ARTICULAÇÃO PUXIRÃO: MOVIMENTO SOCIAL DOS POVOS**

FAXINALENSES. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: 2011.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

REBOUÇAS. Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos. Decreto-Lei n.º 1401, de 11 de fevereiro de 2010. Rebouças, Paraná.

REDE PUXIRÃO. INFORME 2º ENCONTRO DAS BENZEDEIRAS DO CENTRO-SUL DO PARANÁ. Disponível em <<http://redepuxirao.blogspot.com.br/2012/11/informe-2-encontro-das-benzedeiras-do.html>>. Acesso em: 03/04/2013.

REDE SAÚDE E CULTURA. O QUE É A REDE SAÚDE E CULTURA. Disponível em <http://www.next.iciet.fiocruz.br/sec/sobre>. Acesso em 03/04/2013.

RIGON, S. A. **Alimentação como forma de mediação da relação sociedade natureza – um estudo de caso sobre a agricultura ecológica e o autoconsumo em Turvo-PR**. 304f. Dissertação de mestrado, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SILVA. S.S.B. **Capital humano e capital social: construir capacidades para o desenvolvimento dos territórios**. 216f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras. Lisboa, 2008.

SILVESTRIN, C.; ALMEIDA, D.; PATRÍCIO, T. **Relações Públicas Comunitárias, Capital Social e Comunicação Pública nos Movimentos Sociais**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife. **Anais...** Recife: INTERCOM, 2011. p. 1-14.

SIISIINEN, M. **Two Concepts of Social Capital: Boudieu vs. Putnam**. Paper presented at the ISTR Fourth International Conference: The Third Sector: For What and for Whom? Trinity College: Dublin, 2000.

VIZER. E. Movimentos sociais: novas tecnologias para novas militâncias. In: FERREIRA. F; VIZER. E. (Org.). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE

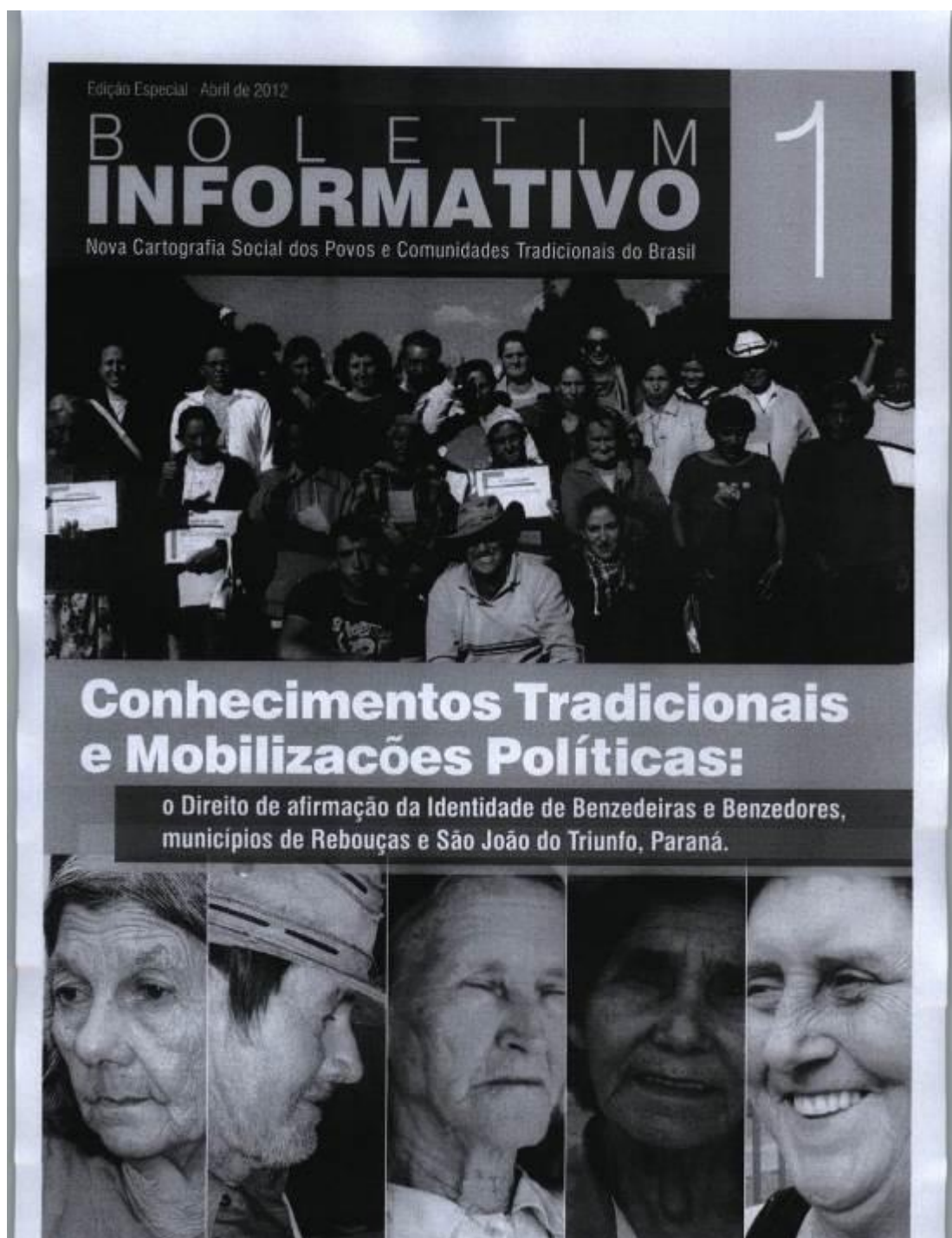
APENDICE 01

MODELO UTILIZADO DE QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS LIDERANÇAS DO MOVIMENTO APRENDIZES DA SABEDORIA

Questionário Semi-Estruturado para Lideranças do MASA
Introdução <ul style="list-style-type: none"> - O que é o grupo? - Quando foi formado? - Como está organizado? - Qual a função d@ entrevistad@ no grupo?
Área temática 01 – Invisibilidade social <ul style="list-style-type: none"> - Quais as principais dificuldades do grupo hoje? - É reconhecido socialmente? - É importante para o grupo este reconhecimento? - De quais outros grupos sociais é mais importante este reconhecimento? - O que dificulta/facilita isto?
Área temática 02 – Visão geral sobre a comunicação <ul style="list-style-type: none"> - O que entende por comunicação? - Para que serve? - Em qual sentido deve ser pensada a comunicação para o grupo?
Área temática 03 – Estruturação da comunicação do grupo <ul style="list-style-type: none"> - A comunicação é pensada isoladamente? Há uma estratégia específica? - Como é a dinâmica e o fluxo de informações entre os membros do grupo? - Como é a articulação interna entre os membros? - Quais meios e/ou ferramentas o grupo dispõe para articulação dos seus membros? - Quais os pontos estratégicos desta articulação? (Quais os objetivos principais?)

ANEXO 2

BOLETIM INFORMATIVO 01 NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E
COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL – CONHECIMENTOS
TRADICIONAIS E MOBILIZAÇÕES POLÍTICAS: O DIREITO DE AFIRMAÇÃO DA
IDENTIDADE DE BENZEDEIRAS E BENZEDORES, MUNICÍPIOS DE REBOUÇAS
E SÃO JOÃO DO TRIUNFO, PARANÁ





Encontro Comunitário de Benzedeiros na Comunidade de Rio Bonito em Rebouças 17.04.2010

"Desde criança é um conhecimento meu, que conheço a erva nativa que é o remédio, sei a qual que presta, qual que não presta, e conheço o modo de fazer..." (D. Heleninha, Benzedeira)

Mediante a invisibilidade social, o preconceito é marginalização dos ofícios tradicionais de cura detidos por centenas de Benzedeiras, Benzedeiros, Curadeiras, Curadores, Rezadeiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiros, inicialmente um grupo formado por Benzedeiras e Benzedeiros dos municípios de Iratí, Rebouças e São João do Triunfo em 2008, dispostos a lutar contra as diversas formas de repressão às práticas tradicionais de cura e do livre acesso ao uso sustentável de ervas e plantas medicinais é proposto o Encontro das Benzedeiras do Centro-Sul do Paraná realizado em setembro de 2008 na cidade de Iratí, momento que foi formado o MASA - Movimento Aprendiz da Sabedoria, espaço de organização dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, objetivando a Luta contra o descaso dos órgãos governamentais e demais instituições da sociedade, que historicamente excluíram as práticas tradicionais de cura, colocando em risco o repasse dos conhecimentos e saberes tradicionais às gerações futuras, ocasionando a perda da cultura tradicional e uso sustentável dos recursos naturais, conhecimentos estes, detidos pelas Benzedeiras. A partir desse momento o MASA através de encontros, seminários, debates, levantamentos preliminares e diálogo com o poder público, organiza e anima os Benzedeiros a reivindicar seus

direitos como povos tradicionais, buscando a valorização e reconhecimento das Benzedeiras, construindo alternativas que reconheçam e valorizem as práticas tradicionais de cura, sobretudo fomentando o acolhimento dessas práticas no sistema formal de saúde, fortalecendo os Detentores de Ofícios Tradicionais e consequentemente o repasse desses conhecimentos e saberes aos mais jovens.

Esse Boletim Informativo apoiado pelo Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Ministério da Cultura é uma ferramenta de Luta que relata a organização do MASA nesses últimos dois anos, e sobretudo as leis que amparam nossas discussões reconhecendo nossos direitos de povos e comunidades tradicionais. Assim como os levantamentos realizados por nós mesmos, provando a existência das Benzedeiras, mostrando a importância de sua presença e existência para a cultura e saúde da população, tanto da floresta como da cidade. Dedicamos esse trabalho como forma de homenagem e gratidão aos Benzedeiros que nesse pequeno tempo de convívio contribuíram muito com a Luta dos Benzedeiros, porém nos deixaram, mas em suas lembranças ganhamos força para continuar, pois nossa Luta está apenas começando. Em memória de Maria Santana (Barra Bonita, São João do Triunfo), Ailton M. dos Santos (São João do Triunfo), Tulbio dos Santos (Rio Bonito, Rebouças) e Lico Rosa (Fadnal Marmeleiro de Baixo/Rebouças).

Boa Leitura!

Coordenação do Movimento Aprendiz da Sabedoria

EXPEDIENTE

Coordenadora: Alécio Wagner Barre de Almeida - GESTUSA
Revisão: Flávia Aparecida Mello - MASA-UFPA

Direção: Tania Lencina - RIT/UFPA

Colaboração: José Carlos Vanderson (PNEC/Rede PNEC), Mireia Padilha (UFPA), Thais Fernanda da Silva (UFPA), Daniele Fabiana Santos (UFPA), Ana Maria dos Santos (MAGA), Apolônio Cavallotto (MAGA), Soraia Ferreira de Deus (MAGA), Helena de Jesus Rodrigues (MAGA), Paulo Maria de Deus (MAGA), Paulo Tracato (MAGA)

Colaboração: Ivano Becker Marques (UFPA) e Cláudia F. dos Santos

Revisão: Tania Lencina e José Carlos Vanderson

Diagramação: Flávia M. de Almeida - Emerson Carlos Pereira da Silva e Sabrina Almeida

Fotografias: Tania Lencina, Mireia Padilha, Thais Fernanda da Silva, Paulo de Deus, Rodrigo RPP/MASA

Nota: Boletim Informativo Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - conhecimentos, tradições e identidades políticas, o direito de abstração e identidade de baseados e baseados, movimentos de formação e São João do Triunfo, Paraná, Ano 1, n. 1 (junho 2012) / Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - Coordenação: Alécio Wagner Barre de Almeida - [et al.] - Marília, Editora Universidade do Estado do Amazonas, 2012. 16 p. - 6

Severina

ISSN - 2227-0022

T. Cavallotto, Soraia - Paraná - Povos e Povos Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, Alécio Wagner Barre de

CDL 316 411 (216-216)

Como o MASA se organiza?



1º Encontro Municipal das Benzedadeiras de São João do Triunfo,
09 de julho de 2011 no Barracão da Cidadania

"Portanto que nós aprendimo muita coisa sobre a lei... já passemos por vários encontros, aprendimo quanta coisa que nós não sabia, sobre o nosso direito que é muito importante... E agora nós podemos fazê os nossos benzimento, as nossa simpatia mais sem medo né?"
(Benzedeira D. Agda, Rio Bonito/Rebouças)

O MASA através de encontros de troca de experiências, debates e seminários com o poder público, parcerias com entidades de apoio, articulação com outros movimentos sociais e participação na Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais, tem fortalecido e encorajado as Benzedadeiras a reivindicarem seus direitos, assumindo espaços políticos de interesse dos Benzedores, propondo alternativas para o fortalecimento das práticas tradicionais de cura, produzindo materiais de apoio, e principalmente conhecendo seus direitos. Para tanto o MASA, tem construído sua organicidade em alguns espaços, são eles: comunidades; municípios; coordenação geral; e, coordenação executiva.

1) As Comunidades: são várias comunidades, rurais e urbanas, localizadas nos municípios de Itaiti, São Mateus do Sul, Prudentópolis, Rebouças e São João do Triunfo, essas comunidades se reúnem quando necessário. Lideranças do MASA mobilizam outros detentores de ofícios tradicionais para participarem dos encontros comunitários de Benzedores a fim de conhecer seus direitos e discutir seus problemas locais, além de trocarem saberes e conhecimentos sobre plantas medicinais, simpatias, benzimentos, defumações, rezas, costuras de rendidura, banhos, puxados, esfregações, entre outros. Os Benzedores costumam levar para participar destes espaços conhecidos, filhos e netos para que estes comecem desde cedo valorizar estes conhecimentos e aprendê-los junto aos Benzedores. Também os Detentores de Ofícios Tradicionais das Comunidades apoiam e realizam Romarias de São Gonçalo, Mesadas de Anjo, Novenas do Monge João Maria e Procissões de Santos, fortalecendo as práticas culturais religiosas encontradas nas comunidades. Lideranças destas comunidades participam das dinâmicas do município.

2) Os municípios: Rebouças, tem uma coordenação que reúne-se mensalmente, a coordenação é formada por lideranças das comunidades rurais e cidade, nesse espaço é socializado o que as comunidades têm realizado, acolhido os encaminhamentos das comunidades e discutidos estratégias de diálogo com o poder público municipal e propostas de ações para resolução de conflitos a nível municipal e regional. Demais municípios do MASA estão em processo de organização das coordenações dos municípios, porém as lideranças participam da coordenação geral.

3) A Coordenação Geral: é formada por lideranças dos municípios que integram o MASA, a coordenação se reúne a cada dois meses, esse espaço é deliberativo, de planejamento e avaliação das ações, articulando as estratégias bem sucedidas nas comunidades e somando força para reivindicar pautas comuns do MASA.

4) A Coordenação Executiva: são membros cinco Benzedadeiras e Benzedores, que foram indicados pelos grupos a representar seus municípios, reúnem-se mensalmente para encaminhar as propostas deliberadas, pelas comunidades, municípios e coordenação geral. Representam o MASA em demais espaços políticos, articulam diálogo com o poder público e discutem parcerias com entidades de apoio e demais movimentos sociais, visando o fortalecimento dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura.

Coordenação Executiva:

Ana Maria dos Santos – Rebouças
Gene Ferreira de Deus – Faxinal Marmeleiro de Baixo/Rebouças
Helena de Jesus Rodrigues – Faxinal dos Seixos/São João do Triunfo
Pedro Altamir de Deus – Faxinal Marmeleiro de Baixo/Rebouças
Roseli Fracaro – Faxinal Rio do Couro/Itaiti

Coordenação Geral:

Ana Maria dos Santos – Rebouças
Agulda Cavalcante – Rio Bonito
Aizira Kinaps – Rebouças
Castelo de Deus – Coxos
Dona Tila – Cachoeira
Leonilde – Rio Bonito
Gene Ferreira de Deus – Faxinal Marmeleiro de Baixo
Gloria Malagães – Rio Bonito
Helena de Jesus Rodrigues – Faxinal dos Seixos
Leticia Stale – Faxinal Marmeleiro de Baixo
Pedro Altamir de Deus – Faxinal Marmeleiro de Baixo
Roseli Fracaro – Faxinal Rio do Couro
Vicente Huck – Faxinal Barro Branco

4 Boletim Informativo

Os Mapeamentos Sociais das Benzedeiras

No I Encontro Regional das Benzedeiras, realizado em 2008 o principal objetivo era unir Benzedeiras de diferentes lugares, fomentando a troca de experiências e identificar as diferentes realidades. Com a grande presença de Benzedeiras no Encontro, foi despertada a preocupação em saber onde estavam os Benzedeiros e quais suas principais práticas de cura e seus conflitos e ameaças que ocasionam a invisibilidade social, também com intuito de identificar lideranças e mobilizar os Benzedeiros para conhecerem seus direitos. Para tanto, foi encaminhado a realização de um levantamento preliminar dos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, primeiramente dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, a definição dos municípios foi dada no Encontro, pois no momento o MASA recém-nascido ainda não teria condições de realizar a pesquisa em demais municípios.

Para a realização deste encaminhamento o MASA já sendo parceiro do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - PNCSPCTB/Núcleo Sul, avaliou que o Mapeamento Social seria a melhor ferramenta para identificar onde estavam os Benzedeiros e em que condições os mesmos se encontravam. Portanto em fevereiro de 2009, um grupo de lideranças do MASA de Rebouças e São João do Triunfo, juntamente com pesquisadores do PNCSPCTB, realizaram vários momentos de capacitação em noções de GPS, máquina fotográfica, gravador de voz e elaboração de um modelo de questionário a fim de colher informações sobre os ofícios tradicionais de cura, as práticas tradicionais de cura, as práticas tradicionais religiosas e/ou culturais, os conflitos e ameaças, nome, idade, endereço, georeferência, além de perguntas complementares sobre, como realiza as práticas tradicionais, com quem aprendeu, qual o santo de devoção, e como está se dando o repasse desses conhecimentos.



Elaboração de croqui, no Encontro Comunitário de Benzedeiras das Comunidades de Salto e Faxinal dos Francos, na Comunidade de Salto em Rebouças - 10.05.2009

Oficina de Legendas, na Comunidade de Rio Bonito, município de Rebouças



Mapeamento Social em Rebouças

No dia 17 de fevereiro de 2009, foi iniciado o Mapeamento Social das Benzedeiras, Benzedores, Curadeiras, Curadores, Costureiras e Costureiros de Renditura e Parteiros, do município de Rebouças. O grupo de agentes de pesquisa do MASA era formado principalmente por Benzedores do Fxinal Marmeleiro de Baixo, porém a partir das visitas nas comunidades outros Benzedores integraram o grupo, mobilizando suas comunidades e identificando os Benzedores. Os Benzedores além de participarem dos momentos de capacitação, permanentemente avaliavam a metodologia, entanto a mesma sofreu adaptações ao longo dos 9 meses (fevereiro a outubro) da realização do Mapeamento. Como metodologia, primeiramente os agentes de pesquisa visitavam os Benzedores da comunidade, ou de duas ou mais comunidades vizinhas, convidando-os a participar de um Encontro Comunitário de Benzedeiras.

Mapeamento Social em São João do Triunfo

Em São João do Triunfo o Mapeamento Social das Benzedeiras, Benzedores, Curadeiras, Remedieiras, Remedieiros, Costureiras e Costureiros de Machucadura ou e Renditura e Parteiros, teve início em março de 2009 porém o mesmo teve uma parada devido a falta de estrutura para sua realização, então a coordenação do MASA definiu que seria terminado o Mapeamento primeiramente de Rebouças e, após seria retomado o mesmo em São João do Triunfo, o que aconteceu em fevereiro de 2010 e foi finalizado em novembro de 2010. Como já havia a experiência e avaliação do grupo em relação ao Mapeamento de Rebouças, algumas adaptações foram realizadas no questionário de apoio a pesquisa, inserido algumas perguntas pertinentes a forma de vida dos Benzedores e ao uso das plantas medicinais. O grupo de agentes de pesquisa foi formado por Benzedeiras das comunidades de Cachoeira e Fxinal

dos Seixas, e na medida da realização dos encontros e visitas, novos Benzedores foram integrando o grupo de pesquisa. A metodologia foi a mesma usada em Rebouças, porém permanentemente avaliada, mas a dificuldade de sua realização foi maior, em relação ao deslocamento, pois as distâncias entre as comunidades eram maiores, também a péssima situação das estradas rurais fez com que muitas vezes não se realizassem as visitas e encontros programados prolongando o término das atividades.

Encontro das Benzedeiras da Cidade de Rebouças 09.07.2009



Encontros Comunitários de Benzedores

Em Rebouças foram realizados 08 Encontros Comunitários nas comunidades de Faxinal Marmeleiro de Baixo, Faxinal Barro Branco, Rebouças (área urbana), Água Amarela, Poço Bonito, Saltinho, Salto, Rio Bonito. No município de São João do Triunfo foram realizados 09 Encontros Comunitários nas comunidades de Canudos, Cachoeira, Barra Bonita, Faxinal dos Rodrigues, Rio Baio, Mato Queimado, Porto Feliz, São João do Triunfo (área urbana) e Vitorinópolis, lembrando que, nos dois municípios em todos os Encontros ou na medida do possível, Benzedores de comunidades vizinhas também participaram. Para viabilizar os Encontros a solidariedade e união dos Benzedores superaram os desafios de se reunir, foi realizado Encontros, em bar desocupado, estufa de fumo, casa de Benzedores, barracões de associações, centro cultural, barracões de igrejas e Igreja de Santo, a alimentação por muitas vezes comunitária, porém foi extremamente importante a disposição dos Benzedores e o apoio da comunidade para viabilizar local e alimentação.

O principal elemento animador desses momentos foi a troca de experiência, muitas mudas, sementes, cascas e raízes de plantas medicinais foram trocadas além de inúmeras simpatias, benzimentos, rezas, defumações, remédios caseiros, massagens, esfregações, puxados, banhos, entre outras práticas. Estes espaços tiveram como objetivo promover a troca de experiências e apresentar a metodologia do Mapeamento às comunidades, momento especificamente dos Benzedores para falarem e se expressarem, deixando os mesmos livres a decidir sobre a adesão do Mapeamento Social em suas comunidades, em todos os casos a resposta foi positiva, todos se sentiam excluídos e relatavam a necessidade de saber onde se encontravam e em que condições estavam os demais Benzedores. Nos Encontros aos poucos a identidade coletiva do grupo foi sendo assumida, pois um Benzedor se auto-reconhecia vendo que as práticas e os conflitos enfrentados pelo grupo eram semelhantes ou iguais aos do mesmo.



Como dinâmica, o grupo elaborava o croqui da situação da comunidade, registrando onde se localizava a casa dos Benzedores das comunidades, quais as práticas tradicionais de cura, quais as práticas tradicionais culturais, conflitos e ameaças aos ofícios, uso das plantas medicinais, e como encaminhamento indicava representantes da comunidade para acompanharem as visitas em todas as casas dos Detentores de Ofícios Tradicionais da comunidade.

Além dos Encontros, no processo final do Mapeamento após o término da visitas, foram realizadas três oficinas de legendas e revisão do mapa do Mapeamento de Rebouças, nas comunidades de Faxinal Marmeleiro de Baixo e Rio Bonito, até se chegar a versão final do Mapeamento Social.

Em São João do Triunfo aconteceram aproximadamente dez oficinas de legendas e revisão de mapas no período de setembro de 2010 à junho de 2011, na Comunidade de Cachoeira. Finalizando o mapa do município em sua 16ª versão.

Encontro Comunitário das Benzedoras das Comunidades de Cachoeira, Canudos e Faxinal dos Seixas de São João do Triunfo, na Casa da Benzedora Dona Tila na Comunidade de Cachoeira em 03.02.2010





Encontro Comunitário das
Benzedeiras das Comunidades de
Canudos e Faxinal dos Fabricios de
São João do Triunfo em 20.05.2009



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO

ESTADO DO PARANÁ
Rua Ten. Cel. Carlos Souza, 232 - Centro - CEP 84150-000 - São João do Triunfo - PR
CNPJ 08.814.221/0001-13 - Fone/Fax: (41) 3417-1552 - E-mail: cmstj@cmstj.com.br

LEI Nº 1370/11

A Câmara Municipal de São João do Triunfo, através de seu Presidente, no uso das atribuições que são conferidas por Lei, promulga a seguinte:

SÚMULA: "Dispõe sobre o processo de reconhecimento das Oficinas Tradicionais de Cura, em suas distintas modalidades benzedorês (as), curandeiros (as), benzedeiras (as), curandereiras (as) de remédios ou machucados, mensagens tradicionais e perfumaria e regulamento a livre acesso e coleta de sêres e plantas medicinais nativas, no município de São João do Triunfo, Estado do Paraná, e dá outras providências."

Art. 1º - A constituição de sua identidade de Orientador do Ofício Tradicional de Cura, associado a saberes, conhecimentos e práticas tradicionais de cura é o critério fundamental para o seu reconhecimento pelo Poder Público Municipal.

§ 1º - Para fins desta Lei, as pessoas que desejarem obter o Certificado de Reconhecimento do Detentor do Ofício Tradicional de Cura e o Carteira de Reconhecimento do Detentor do Ofício Tradicional de Cura em suas diversas modalidades, deverão solicitar a Secretaria Municipal de Saúde, mediante sua auto-declaração, que poderá ser seguida de reconhecimento da coletividade usuária da sua atividade de proteção à saúde, se o solicitante desejar.

§ 2º - Espetando-se pela auto-declaração, a manifestação consciente de sua participação em relação ao "ofício tradicional", em que o interessado manifesta a(s) atividade(s) que deseja ser reconhecido, descrevendo sua atividade em Carta de Auto-declaração informando as práticas tradicionais que detém. Tal documento deverá ser encaminhado à Secretaria Municipal de Saúde de São João do Triunfo.

§ 3º - Entende-se pelo reconhecimento da coletividade usuária do serviço de saúde, a elaboração de Atestado Autêntico de Reconhecimento do Saber e Domínio das Práticas e Ofícios Tradicionais de Cura, emendado como declaração consciente dos usuários deste serviço de saúde popular aos referidos Detentores do Ofício Tradicional de Cura que se caracterizam por reconhecer domínio de conhecimentos e práticas tradicionais, cuja finalidade é promover a saúde pública.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO TRIUNFO

ESTADO DO PARANÁ
Rua Ten. Cel. Carlos Souza, 232 - Centro - CEP 84150-000 - São João do Triunfo - PR
CNPJ 08.814.221/0001-13 - Fone/Fax: (41) 3417-1552 - E-mail: cmstj@cmstj.com.br

Art. 2º - A Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Saúde de São João do Triunfo fica obrigada a emitir o Certificado e a Carteira de Reconhecimento do Detentor do Ofício Tradicional de Cura, no prazo máximo de 90 dias, após a notificação.

Art. 3º - O Município de São João do Triunfo reconhece todos os prazos previstos de "ofícios tradicionais" entre os prazos tradicionais culturais de cura, adotada pelas seguintes razões, oferecendo todo auxílio para preservar a manifestação social e manutenção do patrimônio imaterial cultural do município.

Art. 4º - As Ervas e Plantas Nativas de uso medicinal existentes no Município e São João do Triunfo são de livre acesso a uso comum dos Detentores do Ofício Tradicional de Cura, assim como as pessoas que desejarem realizar tratamentos medicinais, desde que orientados por "Detentores do Ofício Tradicional", reconhecidos pelo Poder Público Municipal, sempre observando o uso sustentável e a conservação ambiental.

Parágrafo Único - A fiscalização do disposto neste artigo caberá a Secretaria Municipal de Saúde de São João do Triunfo-PR.

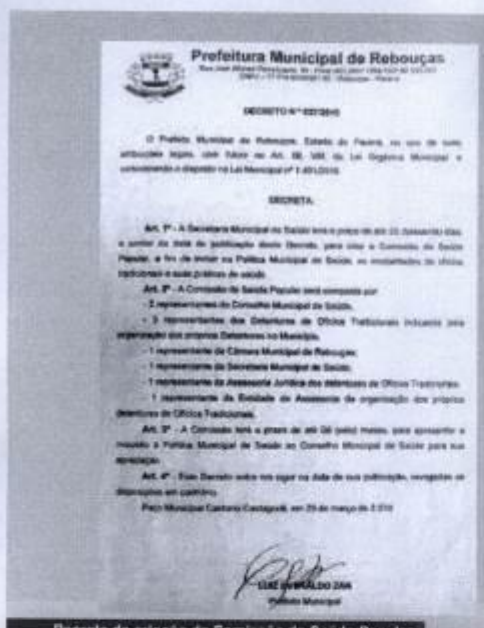
Art. 5º - O Município mediante ao decreto da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos bem como a Convenção sobre a Diversidade Biológica, através da Secretaria Municipal de Saúde, firmará parcerias com as organizações populares e movimentos sociais, para auto-regulação do uso de plantas medicinais e fitoterápicos e acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde.

Art. 6º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogando os dispositivos em contrário.

Câmara Municipal Vereador Agostinho Wisniewski, em 22 de fevereiro de 2012

Agostinho Wisniewski
Presidente

Lei Municipal 1370/11 das
Benzedeiras de São João do Triunfo
aprovada em fevereiro de 2012.



Decreto de criação da Comissão de Saúde Popular de Rebouças - CSP



Visitas a campo

Nas visitas a campo foram coletados pontos de GPS, informações de acordo com o questionário e fotografado os Benzedores, altares, quintais, etc., algumas vezes entrevistas e depoimentos foram gravados ou sistematizados. Desde sempre a intenção era visitar todos os Detentores de Ofícios Tradicionais reconhecidos pelos Benzedores ou indicados pela população local.

No caso de Rebouças, foram visitadas 32 comunidades que constavam no mapa de Rebouças, porém algumas não existem moradores, então apenas foram encontradas 23 comunidades com populações onde proporcionalmente o número de Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura mapeados foi em consonância com o número de moradores, onde haviam mais famílias sucessivamente havia mais Benzedores e afins, esta informação enfatiza a importância dos Benzedores principalmente para cuidar da saúde dos povos da floresta, dos animais e também das populações com menor poder aquisitivo, no caso da área urbana de Rebouças, os Benzedores em sua maioria estão localizados nos bairros periféricos e com menos qualidade de vida.

As comunidades visitadas foram: Água Quente dos Luz, Barra dos Andradas, Faxinal Barro Branco, Bugio, Conceição de Baixo e Conceição de Cima, Cachoeira dos Domingues, Cochos, Faxinal dos Francos, Faxinal Marmeleiro de Cima, Faxinal Marmeleiro de Baixo, Pântano, Poço Bonito, Potinga, Rebouças (área urbana), Rio Corrente, Rio Bonito, Riozinho de Baixo, Salto, Saltinho, Sunira, Serra dos Francos e Turvo. Nestas comunidades foram mapeados 133 Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, Benzedoras, Benzedores, Curadeiras, Curadores, Costureiras e Costureiros de Rendidura e Parteiros, sendo que 34 deles detêm mais que um Ofício Tradicional e 9 são Detentores de Ofícios Tradicionais Culturais, que se auto-identificaram como Rezadores, Capelão e Romeiro de São Gonçalo.

Já em São João do Triunfo foram visitadas as comunidades de Água Comprida, Ameixeiras, Barra Bonita, Canudos, Cachoeira, Coxilhão Santa Rosa, Colonia Bromado, Faxinal, Faxinal dos Fabricios, Faxinal dos Mineiros, Guaiaca dos Pretos, Gadens, Ladeira, Mato Queimado, Mela Lua, Pinhalzinho, Poços, Porto Feliz, Rio Baio, Rio Baio 1, São João do Triunfo (área urbana), São Lourenço, Taquaruçu, Vila Nova e Vitorinópolis, totalizando 25 comunidades. Visitados e mapeados 161 Detentores de Ofícios Tradicionais auto-identificados como Benzedoras, Benzedores, Curadeiras, Remedeiras, Remedeiros, Costureiras e Costureiros de Machucadura ou/ Rendidura e Parteiros, bem como identificados 47 detentores de dois ou mais Ofícios Tradicionais e 02 Romeiros e Cantadores de Romaria de São Gonçalo.

Os agentes de pesquisa do MASA, em todas as visitas foram bem acolhidos pelos Benzedores, um agravante foi a dificuldade de localizá-los, pois nem sempre a comunidade informava a existência dos mesmos, não por maldade, mas como forma de preservar os Benzedores, esse comportamento resultou de inúmeras ameaças e formas de repressão sofridas pelos Benzedores principalmente originárias das instituições religiosas e órgãos de saúde pública. Contudo, mesmo com tantas ameaças, os Benzedores resistem, a prova disso é a diversidade encontrada nas práticas tradicionais de cura, altares, costumes, formas de extração sustentável de

plantas medicinais, reprodução das ervas e plantas medicinais nos quintais como forma de preservação das espécies medicinais, e principalmente a forma em que as Benzedoras preservam os recursos naturais e constroem suas relações de solidariedade com a população cuidando da vida dos mesmos, esses são elementos de uma riqueza singular detida pelos Benzedores.

Porém, o MASA afirma que existem outros Benzedores em Rebouças e São João do Triunfo que não foram mapeados devido não se identificarem, motivados pelo grande medo que sentiam, porém esses estão se auto-reconhecendo e cada vez mais integrando-se ao MASA, reafirmando sua identidade e procurando informações sobre seus direitos.



Maria Benzedora,
Rebouças



Maria Benzedora,
Água Quente dos
Luz, Rebouças



Altar de Benzedora,
São João do Triunfo



Dona Heleninha,
Benzedora,
Faxinal dos Seixas,
São João do Triunfo



Dona Palmira, Benzedora da
Comunidade de São Lourenço,
participando do Encontro Comunitário
de Benzedoras da Barra Bonita, São
João do Triunfo em 24.07.2010



Dona Chica, Benzedora e Parteira da
Comunidade da Salto, Rebouças



Conquistas

Visivelmente o MASA teve muitas conquistas que vieram engajadas ao processo do Mapeamento Social, pois os Benzedeiros se apropriaram dessa ferramenta de pesquisa para conhecerem-se entre si e ao mesmo tempo se mobilizarem politicamente.

A partir do levantamento de informações chegando a prova formal da existência dos Benzedeiros na região Centro-Sul do Paraná, por intermédio do Mapeamento Social, a Luta do MASA ganha peso e espaço.

Exemplos disso é a ação organizada dos Benzedeiros dos municípios de Rebouças e São João do Triunfo, que realizaram Encontros Municipais dos Benzedeiros, os quais aconteceram em Rebouças na data de 28 de novembro de 2009 e em São João do Triunfo no dia 09 de junho de 2011.

Os Encontros Municipais foram momentos de conquista e celebração, que tiveram objetivo de reunir Benzedeiras, Benzedeiros, Curadeiras, Dançadores, Costureiras e Costureiros de Rendidura, Remedeiros e Parteiros, proporcionando a troca de experiências e a proposição de políticas públicas de reconhecimento formal das Benzedeiras ao poder público municipal. Nesses espaços aproveitando a grande participação dos Benzedeiros e a presença de autoridades locais, estaduais e sociedade civil organizada foram lançados os Mapeamentos Sociais.

Um dos desdobramentos dos Encontros com fundamento nos dados dos Mapeamentos Sociais, foi aprovação de legislações específicas de reconhecimento dos Benzedeiros. Desta maneira, com muita dedicação das lideranças do MASA na negociação política com as Câmaras Municipais de Vereadores, Prefeitura Municipais e demais Secretarias, em 03/02/2010 foi aprovada a primeira "Lei das Benzedeiras", isto é, a Lei Municipal nº1.401 de Rebouças. E, em 22/02/2012 foi promulgada a segunda "Lei das Benzedeiras", ou seja, a Lei Municipal nº1.370 pelo Presidente da Câmara Municipal de São João do Triunfo, concretizando desta maneira a quebra do veto do Prefeito Municipal em exercício ao Projeto de Lei das Benzedeiras de Triunfo.

Ambas as leis municipais reconhecem formalmente os Benzedeiros dos municípios, regulam o livre acesso às ervas e plantas medicinais existentes nos municípios por parte dos Benzedeiros, e prevê o acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde, que no caso de Rebouças está sendo construído por intermédio do Decreto Municipal nº027 aprovado em maio de 2010, que institui a Comissão de Saúde Popular. A Comissão de Saúde Popular tem como atribuição elaborar propostas e alternativas para o acolhimento das práticas tradicionais no sistema formal de saúde, prevendo parceria dos distintos sujeitos e agentes de saúde popular no município de Rebouças.

A conquista de dois prêmios nacionais neste período fortalece a ação do MASA na construção de políticas públicas de maior abrangência na dimensão de efetivação de direitos dos Benzedeiros.

A primeira premiação conquistada, foi pelo reconhecimento da promoção das práticas tradicionais da saúde popular, por meio do Prêmio Cultura e Saúde 2010 do Ministério da Cultura (MinC), que está viabilizando a integração do MASA na Rede Saúde e Cultura fomentada pelo Ministério da Cultura, Ministério da Saúde e Fundação Osvaldo Cruz.

Em 2011 foi conquistada a 24ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na Categoria Salvaguarda de Bens de Natureza Imaterial, com a iniciativa do Mapeamento Social das Benzedeiras dos Municípios de São João do Triunfo e Rebouças do Estado do Paraná, ação que abre portas de diálogo com IPHAN e demais instituições de preservação da cultura tradicional.

Contudo as Lutas do MASA esta apenas começando, as conquistas são um marco na afirmação de espaços de direito dos Benzedeiros e, aos poucos se rompe a invisibilidade social acerca dos Benzedeiros, e, sobretudo a consolidação do MASA como espaço legítimo de articulação dos Benzedeiros na região Centro-Sul do Paraná.

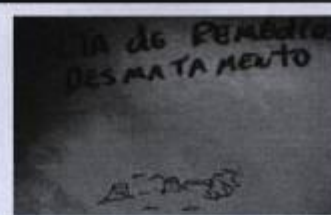
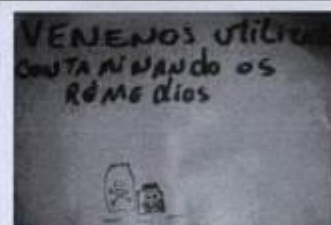
Benzedeira Ana Maria dos Santos - Rebouças

Conflitos e Ameaças aos Ofícios Tradicionais de Cura

Nós temos que lutar, não liga pro que ta acontecendo, pois sempre acontece critica, se agente ta fazendo uma cura, temo que respeita o trabalho o dom do outro, se eu respeito eles tem que respeita também, se ele não quer vir não venha, mas respeite, se alguém não ocupa, não precisa, graças a Deus, teve uma vez que um senhor ratio comigo, não quero conta o nome dele, disse que era pecado, que era o maior pecado, tava enganando Deus, daí eu disse já que é assim não vão pedir recurso para mim, tinha ido um dia antes para mim fazer uma simpatia para desafogar o cavalo dele, tenho medo de ser denunciada, aconteceu com os curado de antigamente, denuncia de um médico, na farmácia, quem vai se ferrar vai ser eu. (Dona Heleninha, Benzedeira e Costureira de Machucadura)

O MASA denuncia os principais conflitos e ameaças sofridos historicamente pelos Detentores de Ofícios Tradicionais de Cura, registrados nos Mapeamentos Sociais, expressos em falas, desabafos e depoimentos, manifestado em Encontros, Seminários, Audiências, Cartas e demais documentos, como forma de protesto e indignação a falta de políticas públicas e desatenção dos órgãos públicos aos conhecimentos e saberes dos Detentores de Ofícios Tradicionais, marginalizados pela invisibilidade social. Que de forma organizada lutam para reivindicar seus direitos, apenas para propagar uma cultura milenar que ajudou e ajuda milhares de pessoas, física e espiritualmente.

- Repressão de pessoas ligadas a igreja;
- Repressão de pessoas ligadas a órgãos de saúde;
- Preconceito, Crítica e Desvalorização;
- Ameaças;
- Perseguição;
- Medo;
- Falta de reconhecimento formal ou falta de políticas públicas de reconhecimento e acolhimento das práticas tradicionais de cura;
- Falta de fé das pessoas - abuso das práticas tradicionais de cura;
- Falta de apoio da família;
- Falta de apoio da comunidade e demais organizações;
- Proibição de acesso as plantas medicinais;
- Contaminação das plantas medicinais por venenos;
- Falta de conhecimento das plantas medicinais pelos mais jovens.
- Extinção ou falta de plantas medicinais nativas, fato ocasionado pelo desmatamento;
- Falta de interesse dos jovens.



Legendas do Mapeamento Social de Rebouças elaboradas pelos Benzedores na oficina de legenda da Comunidade de Rio Bonito, Rebouças em 22.08.2010

A Carta de Autodefinição é uma ferramenta elaborada pelo MASA para viabilizar o acesso dos Benzedeiros de Reboças ao Certificado de Reconhecimento de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular e a Carteira de Reconhecimento de Detentor de Ofício Tradicional, ambos os documentos emitidos pela Secretaria Municipal de Saúde de Reboças, no período máximo de 60 dias após o recebimento da Carta, conforme assegura a Lei Municipal nº1.401/2010. No entanto, a solicitação do Certificado e Carteira de Reconhecimento fica a critério do Benzeiro, pois a Lei nº1.401/2010 dispõe em seu art.1º, que o critério fundamental para o reconhecimento da identidade de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular pelo Poder Público Municipal é a consciência de sua identidade de Detentor de Ofício Tradicional de Saúde Popular, associado a saberes, conhecimentos e práticas tradicionais.

CARTA DE AUTO-DEFINIÇÃO

Reboças, ____ de ____ de 20__

A Secretaria Municipal de Saúde do Município de Reboças
A/C de _____

Eu _____ Detentor(a) de Ofício Tradicional de _____ portador(a) do RG nº _____, morador(a) da localidade de _____, município de Reboças - Paraná, integrante do Movimento Aprendiz da Sabedoria - MASA,

Venho através desta respeitosamente solicitar o Certificado de Detentor(a) de Ofício Tradicional de Saúde Popular e a Carteira de Reconhecimento de Detentor(a) de Ofício Tradicional de Saúde Popular. Considerando meu saber notório já reconhecido pela comunidade, manifestado no atestado-atestado de reconhecimento que segue em anexo, sobre plantas medicinais, benzeimentos, arripas, defumações, orações, compressas, rezas, compressas, costuras de remédios e demais práticas tradicionais da cura. Que ajudei e ajudo inúmeras pessoas, principalmente moradores do Município de Reboças, contribuindo diretamente com a saúde pública da população.

Considerando que esta ação está legalmente amparada pela Lei Municipal de Reboças nº 1.401 de fevereiro de 2010, no seu Parágrafo Primeiro e Art. 2. Além das demais legislações como a Constituição Federal de 1988, Art. 155 e 156, COT 169, Constituição do Estado do Paraná Art. 190 e Art.193, Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e Convênio Sobre a Diversidade Biológica.

Sei mais nada a tratar até o devido momento, nos despedirei agradecendo desde já vossa compreensão.

Movimento Aprendiz da Sabedoria - MASA

CARTA DO 1º ENCONTRO REGIONAL das Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Costureiras e Parteiros

Nós, Rezadeiras, Benzedeiras, Curadores, Costureiras, Massagistas e Parteiros portadores de ofícios tradicionais de cura, vindos dos municípios de Palmeira, Iriti, Boa Ventura do São Roque, Tervo, Guarapiranga, Inácio Martins, Reboças, São João do Triunfo, Laranjeiras do Sul e Prudentópolis, reunidos em Iriti, Estado do Paraná, no dia 06 de setembro de 2008, convidados pelas Aprendizagens da Sabedoria, manifestamos nossa existência mediante decimas de relatos, depoimentos, conhecimentos e práticas de cura acumulados há centenas de anos e transmitidos de geração em geração em benefício de toda a sociedade e, em defesa da vida.

Nossa importância sempre foi reconhecida pela população local, seja no campo e na cidade, pelas inúmeras curas realizadas sobre diversas enfermidades, de forma acessível e sem custos, o que possibilita saúde a milhares de pessoas, sem que isso signifique prejuízo ao meio a sociedade. Muito pelo contrário, nossa presença e atenção à saúde básica, muitas vezes tem se tornado o principal acesso nas distantes comunidades e garantido saúde a inúmeras pessoas.

Denunciamos o desprezo aos nossos dons e as diversas violações aos nossos direitos de praticar nossos ofícios e dons, através dos conhecimentos e práticas de cura tradicionais onde vivemos, revelada através de preconceitos e repúdio dos órgãos públicos de saúde e muitas vezes, que nos combatem de forma a tentar criminalizar nossos ofícios e dons. Também denunciamos o avanço dos monocultivos de soja, pinus e eucalipto causando destruição das florestas nativas e agudes em nossas comunidades, locais que historicamente extraímos nossas ervas medicinais nativas para os tratamentos de saúde das nossas comunidades e bairros. Nos preocupa, também, intensamente, a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais, unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores desses ofícios para coleta de ervas medicinais nativas para continuarmos cuidando da vida.

Clamamos de forma organizada aos poderes constituídos pelo nosso direito ao reconhecimento formal de nossos ofícios e dons e o livre acesso aos recursos naturais que necessitamos para realizarmos nossas práticas de cura.

Dessa forma, decidimos coletivamente, neste evento, que apesar das ameaças e repúdio aos nossos ofícios tradicionais e dons de cura, assim como aos nossos conhecimentos tradicionais, manteremos nossa fé e coragem, e decidimos como sempre, continuar cuidando da vida, pois cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós.

Iriti, 06 de setembro de 2008.

CARTA DO 1º ENCONTRO MUNICIPAL Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Curadores, Capelões, Costureiras, Costureiras de Renditura Manchada e Parteiros

Nós, Benzedeiras, Rezadeiras, Curadores, Curadores, Costureiras, Costureiras de Renditura e Manchada, Parteiros, Benzeiros de São Gonçalo, Capelões, moradores do Município de Reboças, reunidos no dia 28 de novembro de 2009, manifestamos nossa existência e importância social mediante decimas de relatos, depoimentos, conhecimentos, saberes e práticas de cura, acumulados há centenas de anos e transmitidos de geração em geração em benefício de toda a sociedade e, em defesa da vida.

Este Encontro Municipal é resultado de inúmeras reuniões, reuniões e expontamento nas comunidades ao longo deste ano. Sua realização ocorreu a força do Movimento das Aprendizagens da Sabedoria - MASA, formado em 2007, por um grupo de detentores de ofícios tradicionais de saúde popular, ancorados na região Centro-Sul do Estado do Paraná.

Nossa importância sempre foi reconhecida pela população local, seja no campo e na cidade, pelas inúmeras curas realizadas sobre diversas enfermidades, de forma acessível e sem custos, o que possibilita saúde a milhares de pessoas, sem que isso signifique prejuízo ao meio a sociedade. Muito pelo contrário, nossa presença e atenção à saúde básica, muitas vezes tem se tornado o principal acesso da saúde básica para inúmeras pessoas.

Denunciamos os nossos direitos, o desprezo aos nossos dons e as diversas violações aos nossos direitos de praticar nossos ofícios tradicionais de saúde popular, através dos conhecimentos, saberes e práticas tradicionais de cura. Onde vivemos, somos alvo de preconceitos, críticas e repúdio dos órgãos públicos de saúde e algumas pessoas agitas a igreja, que nos combatem de forma a tentar criminalizar nossos ofícios e dons. Também denunciamos o avanço dos monocultivos de soja, pinus e eucalipto causando destruição das florestas nativas e agudes em nossas comunidades, locais sagrados que historicamente extraímos nossas ervas medicinais nativas e água, para os tratamentos de saúde das pessoas das comunidades e bairros. Nos preocupa também, intensamente, a privatização dos recursos naturais por parte de fazendeiros, empresas florestais, unidades de conservação que impedem a livre circulação dos detentores desses ofícios para coleta de ervas medicinais nativas para continuarmos cuidando da vida.

Clamamos de forma organizada aos poderes constituídos pelo nosso direito ao reconhecimento formal de nossos ofícios e dons, o uso desses conhecimentos e práticas, em nossa comunidade e florestas no sistema Único de Saúde-SUS e o livre acesso aos recursos naturais que necessitamos para realizarmos nossas práticas de cura.

Dessa forma, decidimos coletivamente, neste evento, que apesar das ameaças e repúdio aos nossos ofícios tradicionais de saúde popular e dons de cura, assim como aos nossos conhecimentos tradicionais, fortaleceremos nosso movimento com a proposta de Lei Municipal a ser apresentada à Câmara de Vereadores, bem como o Decreto Municipal que tem a intenção de criar comitê para regularizar a Política Municipal de Saúde a fim de incluir os ofícios tradicionais e florestais no sistema municipal de saúde.

Concluamos com nosso Encontro a força que vem das comunidades e se reflete no Movimento das Aprendizagens da Sabedoria, para nossas reconhecidas e alcançarmos nosso lugar de direito em Reboças e, no Estado do Paraná. Esta luta não só no campo, e este Encontro pretende entender nossa luta de continuar cuidando da vida, com amor, fé, no bem contra o repúdio, pois cuidar da vida é a nossa missão, missão Sagrada, dada por Deus e assumida por nós.

Reboças, 28 de novembro de 2009.

Movimento Aprendiz da Sabedoria

Pauta de Luta do MASA

"Nós lutamos pela defesa da vida, né a gente tem que proteger a vida da gente aí, né, com remédio, com benzimento, com simpatia, sai mais barato porque num precisa gastar tanto dinheiro com médico..." (Benzedeira D. Agda)



Encontro Municipal das Benzedeiras de Rebouças em 28.11.2010, no Centro Cultural de Rebouças

- Políticas públicas de reconhecimento formal e respeito às Benzedeiras, Benzedores, Curadoras, Curadores, Remedieiros, Rezadores, Costureiras e Costureiros de Renditura e Parteiros;
- Acolhimento das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde;
- Livre acesso à coleta de plantas medicinais e acesso aos demais recursos naturais essenciais ao modo de vida dos Benzedores;
- Livre acesso às plantas medicinais em Unidades de Conservação Ambiental;
- Valorização e promoção da cultura religiosa tradicional dos Benzedores, Romarias de São Gonçalo, Recomenda de Quaresma, Mesadas de Anjo, Prossições de Santo, Festas de Santo, Novenas do Monje João Maria, realização de batizados nos Olhos d'Água do Monje João Maza, etc.
- Promoção e repasse dos ofícios tradicionais de cura e uso da biodiversidade de plantas medicinais às gerações mais jovens;
- Construção de farmácias vivas e viveiros de referência em plantas medicinais nativas da região, associado aos saberes tradicionais;
- Que o IAP identifique as espécies florestais em extinção, e que proíba e fiscalize o desmatamento das mesmas;
- Que o IAP crie e mantenha, em parceria com os Benzedores, viveiros florestais para reflorestamento de espécies nativas medicinais em risco de extinção;
- Que o governo reconheça as identidades coletivas dos Benzedores e Afins e efetive maior facilidade na concessão de benefícios sociais da previdência social;
- Que o Governo do Estado garanta - que os territórios de comunidades de povos tradicionais - que geram ICMS ecológico, por meio de Unidades de Conservação ou Área Especial de Uso Regulamentado - ARESUR, recebam diretamente o valor do rapasse para as comunidades e/ou que o mesmo valor seja investido de forma integral na comunidade segundo demandas apresentadas pelas mesmas;
- Que as atividades de subsistência tradicionalmente praticadas (roças, extrativismo, pesca, criações e outros) sejam garantidas junto com o reconhecimento do uso dos territórios;
- Que a SEED adote nos currículos escolares a educação sobre a cultura local, reconhecendo os Benzedores como agentes de promoção da cultura local;
- Que as instituições de ensino, realizem pesquisas que venham contribuir na identificação do uso sustentável dos recursos naturais, inclusive as plantas medicinais para que os Benzedores conquistem o livre acesso sobre essas áreas.

Realização:



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



FORD FOUNDATION

BRASIL

ANEXO 3

FASCÍCULO 01 – NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL – SÉRIE FAXINALENSES DO SUL DO BRASIL – FAXINALENSES: FÉ, CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E PRÁTICAS DE CURA



Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia – ASA

Coordenação Executiva

Genir Ferreira de Deus (Faxinal Mameleiro de Baixo)
Beatrice Luzia Ramos (Faxinal Mameleiro de Baixo)
Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel (Faxinal Mameleiro de Cima)

Coordenação Geral

Elizabete Longato, Rosana Eliza Berger, Idalina Fracaro
Deonizia Fracaro, Mario Bockner, Helena de Jesus Rodrigues, Deonilda da Costa Lima, Nanci Rocha Cordeiro, Maria do Carmo dos Santos, Marli Terezinha Scorsin



Lista de participantes nas Oficinas de auto cartografia das ervas medicinais e ofícios tradicionais, em Faxinais

Faxinal do Mameleiro de Cima

Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel, Maria da Luz Blan Borges, Claudineia Aparecida Silva, Helena Ferreira, Nanci Rocha Cordeiro, Regiane Perek, Ozinir Cordeiro de Paula, Malu de Paula Lara Borges, Paulina Farias dos Anjos, Marli Scorsin, Iraldes Ribas da Silva, Lindamir Borcath, Conceição de Lurdes Ferreira, Mauri Carlos Treichel, Joaquim Scorsin, Catarina Lourenço, Francisco Cordeiro de Paula, Francisco dos Anjos, Daluz Borges

Faxinal do Rio do Ouro

Ana Maria Berger, Bernadete Longato, Deonizia Fracaro, Maria Gislaine Fracaro, Rosane Eliza Berger, Idalina Fracaro, Rosa Fracaro, Mariza B. Fracaro, Elizabete Longato, Roseli Fracaro, Claiton Longato

Faxinal dos Seixas

Rosa de Jesus Rodrigues, Deonilda da Costa de Lima, Nilza Aparecida Domingues, Antonio Miguel Rodrigues de Lima, João Carlos de Lima, José Amílto Gonçalves, Helena de Jesus Rodrigues, Adão Neri, Maria do Carmo dos Santos, Heloisa Aparecida Domingues.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Série: Faxinalenses do Sul do Brasil

FASCÍCULO 1

Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura

Iraty/PR, fevereiro 2008

ISBN 85-86037-20-6

Contato

Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia / ASA

Genir Ferreira de Deus - (042) 9106-6729

Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel - (042) 9125-2854

Coordenação do PNCSA-PCTB

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Rosa Acevedo Marin
(NAEA-UFPA, UNAMAZ)

Joaquim Shiraishi Neto
(PPGDA-UEA)

Equipe de pesquisa

Roberto Martins de Souza
Antonio Michel Kuller Meira
José Carlos Vandresen

Colaboração na viabilização das disciplinas

Lúcia Fante Carneiro

Fotografia

Antônio Michel Kuller Meira

Cartografia temática

Cláudia I.S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia – ASA

Coordenação Executiva

Genir Ferreira de Deus (Faxinal Mameleiro de Baixo)
Beatrice Luzia Ramos (Faxinal Mameleiro de Baixo)
Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel (Faxinal Mameleiro de Cima)

Coordenação Geral

Elizabete Longato, Rosana Eliza Berger, Idalina Fracaro
Deonizia Fracaro, Mario Bockner, Helena de Jesus Rodrigues, Deonilda da Costa Lima, Nanci Rocha Cordeiro, Maria do Carmo dos Santos, Marli Terezinha Scorsin



Lista de participantes nas Oficinas de auto cartografia das ervas medicinais e ofícios tradicionais, em Faxinais

Faxinal do Mameleiro de Cima

Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel, Maria da Luz Blan Borges, Claudineia Aparecida Silva, Helena Ferreira, Nanci Rocha Cordeiro, Regiane Perek, Ozinir Cordeiro de Paula, Malu de Paula Lara Borges, Paulina Farias dos Anjos, Marli Scorsin, Iraldes Ribas da Silva, Lindamir Borcath, Conceição de Lurdes Ferreira, Mauri Carlos Treichel, Joaquim Scorsin, Catarina Lourenço, Francisco Cordeiro de Paula, Francisco dos Anjos, Daluz Borges

Faxinal do Rio do Ouro

Ana Maria Berger, Bernadete Longato, Deonizia Fracaro, Maria Gislaine Fracaro, Rosane Eliza Berger, Idalina Fracaro, Rosa Fracaro, Mariza B. Fracaro, Elizabete Longato, Roseli Fracaro, Claiton Longato

Faxinal dos Seixas

Rosa de Jesus Rodrigues, Deonilda da Costa de Lima, Nilza Aparecida Domingues, Antonio Miguel Rodrigues de Lima, João Carlos de Lima, José Amílto Gonçalves, Helena de Jesus Rodrigues, Adão Neri, Maria do Carmo dos Santos, Heloisa Aparecida Domingues.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Série: Faxinalenses do Sul do Brasil

FASCÍCULO 1

Faxinalenses: fé, conhecimentos tradicionais e práticas de cura

Iraty/PR, fevereiro 2008

ISBN 85-86037-20-6

Contato

Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinais e Agroecologia / ASA

Genir Ferreira de Deus - (042) 9106-6729

Maristela Cordeiro dos Anjos Treichel - (042) 9125-2854

Coordenação do PNCSA-PCTB

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Rosa Acevedo Marin
(NAEA-UFPA, UNAMAZ)

Joaquim Shiraishi Neto
(PPGDA-UEA)

Equipe de pesquisa

Roberto Martins de Souza
Antonio Michel Kuller Meira
José Carlos Vandresen

Colaboração na viabilização das disciplinas

Lúcia Fante Carneiro

Fotografia

Antônio Michel Kuller Meira

Cartografia temática

Cláudia I.S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

O que é ser Aprendiz da Sabedoria?

"É ser uma pessoa à procura de conhecimento de Deus, é querer aprender mais, ir atrás dos remédios e tirar suas finalidades, chás, extratos, tinturas, específicos, pomadas, para procurar ter uma saúde melhor, sem se contaminar muito com químicas de remédios industrializados."

Maristela Treichel, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007

"Somos mulheres que fazem remédios, as misturas, que trabalham com ervas medicinais, para curar as pessoas, para não está gastando muito na farmácia, porque faz um chá, qualquer gripe, qualquer coisa já sara. As vezes vai na farmácia não adianta aquele remédio." **Rosa Fracaro**, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007

"É uma pessoa que tem inteligência para saber as coisas da sabedoria, sobre as plantas medicinais, os remédios pomadas, as coisas que do passado, os antigos ensinaram para a gente."

Ana Maria Berger, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007

"Na minha opinião, Aprendiz da sabedoria é uma profissão, um dom que a pessoa tem, que o espírito santo coloca na gente, vou lá no fulano que cura, não é eu que curo, eu peço para Deus abençoá o remédio, a oração que a gente faz, que Deus faça o possível de melhorar. Eu, graças a Deus, fui sempre atendida." **Helena de Jesus Rodrigues**, Faxinal dos Seixas/São João do Triunfo, Novembro 2007



Croqui, Faxinal do Rio do Couro

Quem são as Aprendizizes da Sabedoria?

"São Mulheres que são Faxinalenses, que trabalham em grupo e estão fazendo os remédios caseiros, de ervas. Também fazemos xampu, sabonete, específico. Também tem gente que faz simpatia, específico, resgatando aquilo que ficou para trás que os mais novos não dão importância para que continue." **Rocha Cordeiro/Rebouças**, Setembro 2007

"Somos um grupo de mulheres que estamos na comunidade aqui do faxinal, fazemos de tudo um pouco, trabalhamos com remédios, pomadas, com específicos, com tudo essas coisas que é de plantas medicinais." **Ana Maria Berger**, Faxinal do Rio Couro/Irati, Outubro 2007

"Somos as faxinalenses, não só as faxinalenses, têm muita pessoa que tem esse dom, pessoas procuradas para tratar a saúde na comunidade." **Helena de Jesus Rodrigues**, Faxinal dos Seixas/São João do Triunfo, Novembro 2007

Quais as ameaças aos saberes e práticas tradicionais de cura?

"A recriminação das igrejas, dos médicos, o esquecimento, a falta de interesse pelos jovens, pois acham que é uma coisa de antigamente, o jovem quer só o que é moda, que passa na TV. Como tá acham que é difícil de ir atrás desses conhecimentos, dessas ervas." *Maristela Treichel, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

"Acreditam mais nos postos, que nos remédios naturais. A parteira nós já perdemos por causa que os médicos denunciaram, tiraram as parteiras de linha. Sobre os remédios, está difícil ter um remédio, porque dá muita peste, por causa dos venenos em roda, principalmente lá na minha morada, lá tem esse tipo de coisa, tem uns remédios que vai até uns cinco, seis meses, depois morrem tudo, com certeza o veneno que não está deixando, esse ano deu muito transgênico. Nós moramos dentro, no meio do veneno. Os grandão lá tão drenando todas as águas, tá acabando tudo as sangas, não existe mais as sangas, as cabeceiras nossa que vem para dentro do nosso criador, das nossas criação, eles desseccaram tudo para o lado de cima. Nós estamos com medo de mais tarde ficar sem água, nós temos aguada boa dentro dos nossos piquetes, mas tem as cabeceiras que é fora de outros donos de terras, está sujeito de nós ficarmos ameaçados de ficar até sem água lá. Lá muito remédio não vai por causa dos venenos, dá peste, dá uma muchadeira, lá você não sabe o que está acontecendo quando vê, de um dia para outro. Salvinha é um deles, de uma hora para outra dá uma muchadeira e desaparece, se você não cuida." *Marli Terezinha Scorsin, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

"O que está ameaçando é a desmatção, também a falta de apoio em nosso grupo. Os médicos que também são contra nossos remédios, no que ameaça as pessoas que tem que consumir os remédios que nós fazemos. Ameaça as benzedeiras, aquela falta de apoio, discriminação por ser benzedor, por ser um curador, por ser uma pessoa que faça simpatia, algumas ameaças que não incentivam as pessoas a continuar que eu vou fazer alguma coisa que ninguém incentive eu vou parar né, falta de incentivo, também né, por que tava se perdendo agora nós vamos resgatar os conhecimentos trazendo as pessoas mais velhas para o nosso grupo para ensinar os que elas já sabem, acho que estamos resgatando."

Nanci Rocha Cordeiro, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007

"Se terminar tudo, os curadores, benzedeiras, as costureiras, daí não vai ter, pois se os mais novos não aprenderem, esses morrem, daí fica sem os jovens não querem aprender, não dão valor para essas coisas, porque quando está com uma dor forte aí se lembram do curador do benzedor, vão lá no curador no benzedor. Que não acreditam tem um monte de gente que não acredita muito, têm que ir no médico. Se não for no médico não sara. No médico as vezes não adianta, sem costura as vezes só no médico não adianta, vai no médico não sara, vai procura uma costureira, aí vão na costureira." *Rosa Fracaro, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007*

"Até que agora não está tanto, dizer fulano é feitiço, diminuiu um pouco a procura de cura, pois os carismáticos, fazem e é bom, os crentes fazem e é bom, é tudo bom para a gente, sempre tem um que



Oficina de Auto-Cartografia, 21 de julho 2007, Faxinal Marmeleiro de Cima

diz é Jesus que cura, é claro que é Jesus, mais a gente tem o dom de pedir, cada simpatia, cada benzimento é um santo, pra queimadura é um, pra ofensa de cobra é outro, pra costura é outro, mas Jesus esta junto toda vida, a gente tem os advogados da gente, pra cura criança de susto é são Benedito e Santo Antonio, porque eles cuidaram do menino Jesus depois que nossa senhora apartou. *Helena de Jesus Rodrigues, Faxinal dos Seixas/São João do Triunfo, Novembro 2007*

Qual importância desses conhecimentos tradicionais de cura para a comunidade?



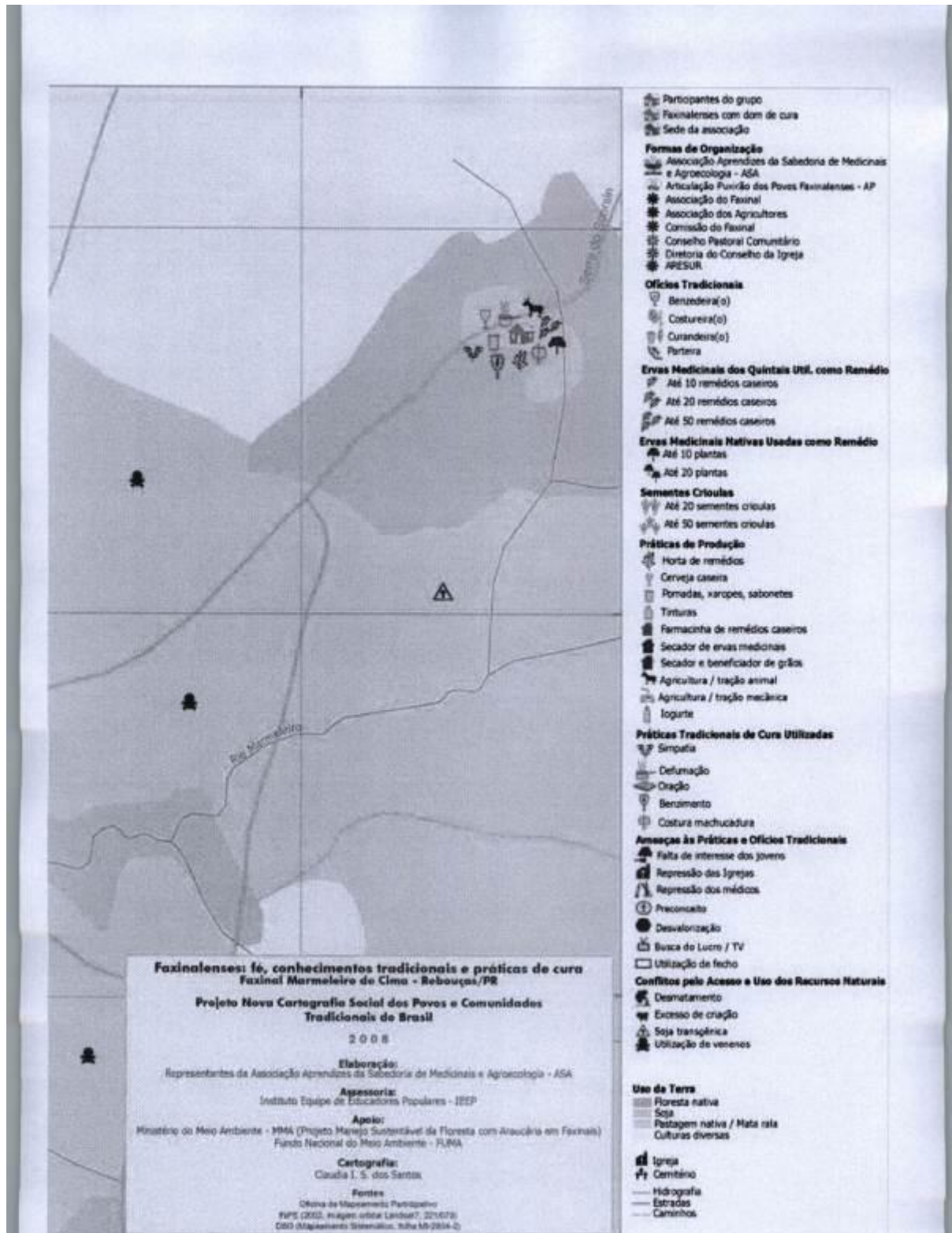
Croqui, Faxinal dos Seixas

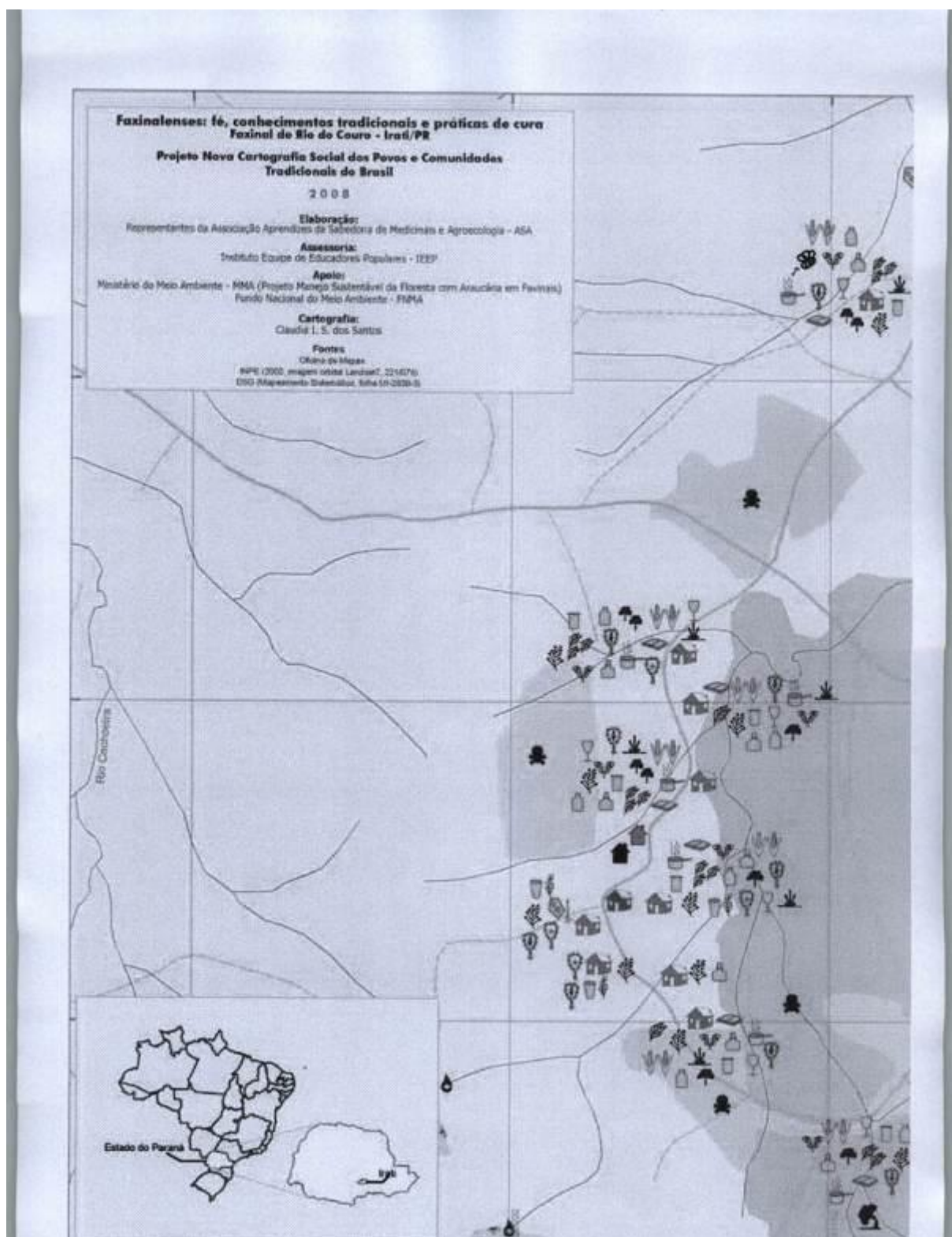
"Como eu já falei, pra trazer uma saúde mais acessível. Porque com os remédios industriais são caros e fazem bem para uma doença, mas provocam outras, esses não, esses remédios são naturais, só vão fazer bem, não tem perigo de complicar outras coisas. Porque tem doenças que médicos não curam, que nem machucadura, se você for no médico, ele vai dar uma injeção para passar a dor, mas ele não cura e muitas doenças de nenê também que médico não cura, é os remédios caseiros é os benzimentos das pessoas antigas que dão resultado, que a gente sabe que a gente tem prova disso. Já com a gente mesmo deu resultado. Aqui tem poucas benzedadeiras, acho que nunca teve muitas, sempre foi poucas, são bem vista pela maioria da comunidade, é importante para elas passar um conhecimento delas mais antigo, porque hoje em dia muitas coisas de Deus não são comentadas e por elas a gente pode saber bastante, por que acreditar na cura, nos remédios estar passando para nós." *Maristela Treichel, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro, 2007*

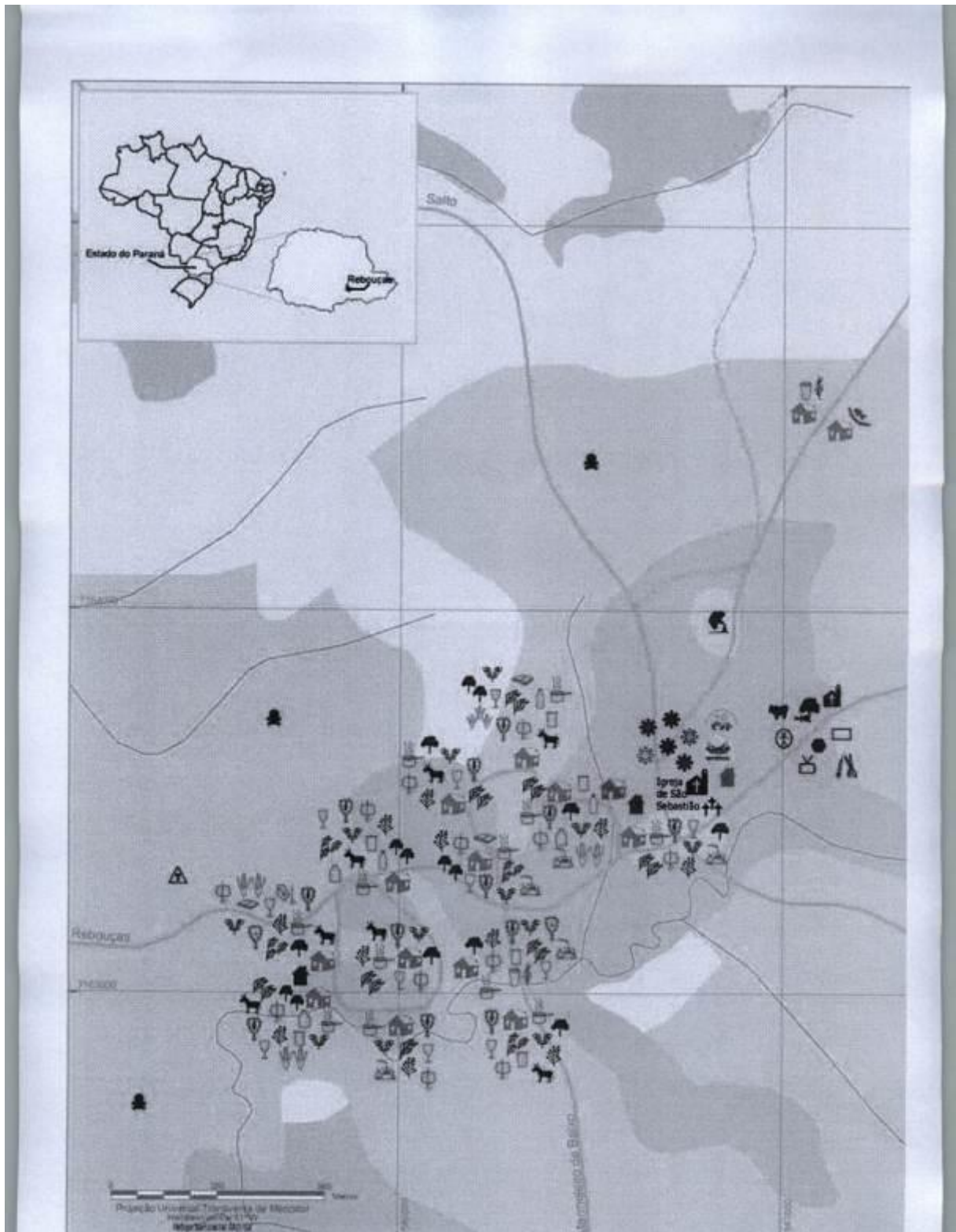
"Porque é um socorro, um socorro mais perto, mais fácil, não precisa você corre atrás de dinheiro, não precisa corre atrás de uma corrida, um carro para levar você para a cidade, esperar aguentar um chingão de um médico, na primeira vez, se pagou o hospital ou não pagou, para daí ser atendido, daí o remédio caseiro é um socorro, daí se você acha que não vai ser suficiente você consegue, vai ter que correr atrás das benzedadeiras." *Marli Terezinha Scorsin, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

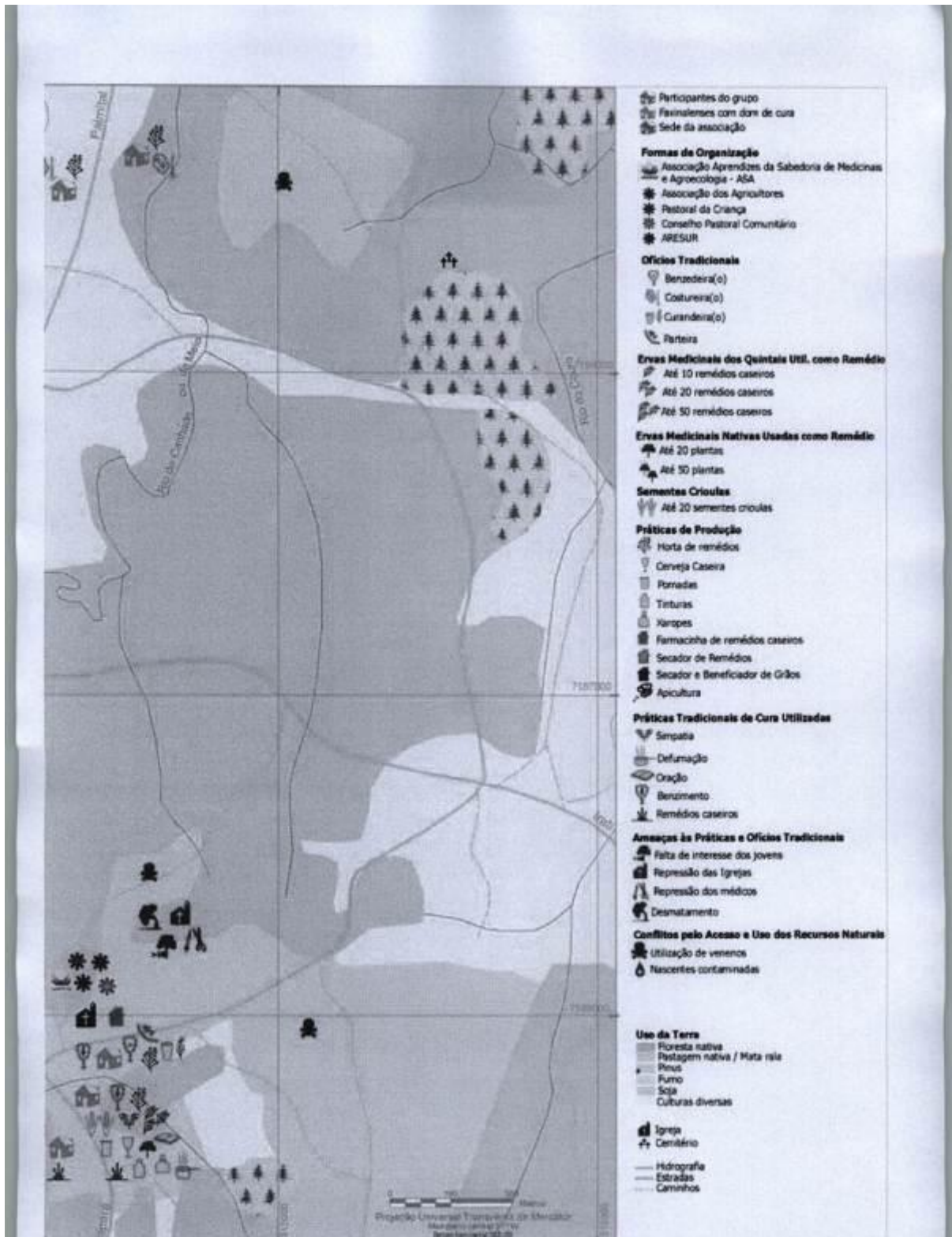
"É muito importante porque antes todo mundo ficava doente e tomava remédio caseiro, era benzedor era curador, era de erva, isso foi deixado pra trás, então o importante é estar resgatando e fazendo essas práticas de tratamento. É importante porque se você tem algum problema você vai lá no benzedor, não sabe fazer algum remédio vai lá a pessoa ensina, não conhece vai lá, no Faxinal alguém conhece vai lá, retira a erva toma o remédio é muito importante o acesso a saúde em casa." *Nanci Rocha Cordeiro, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

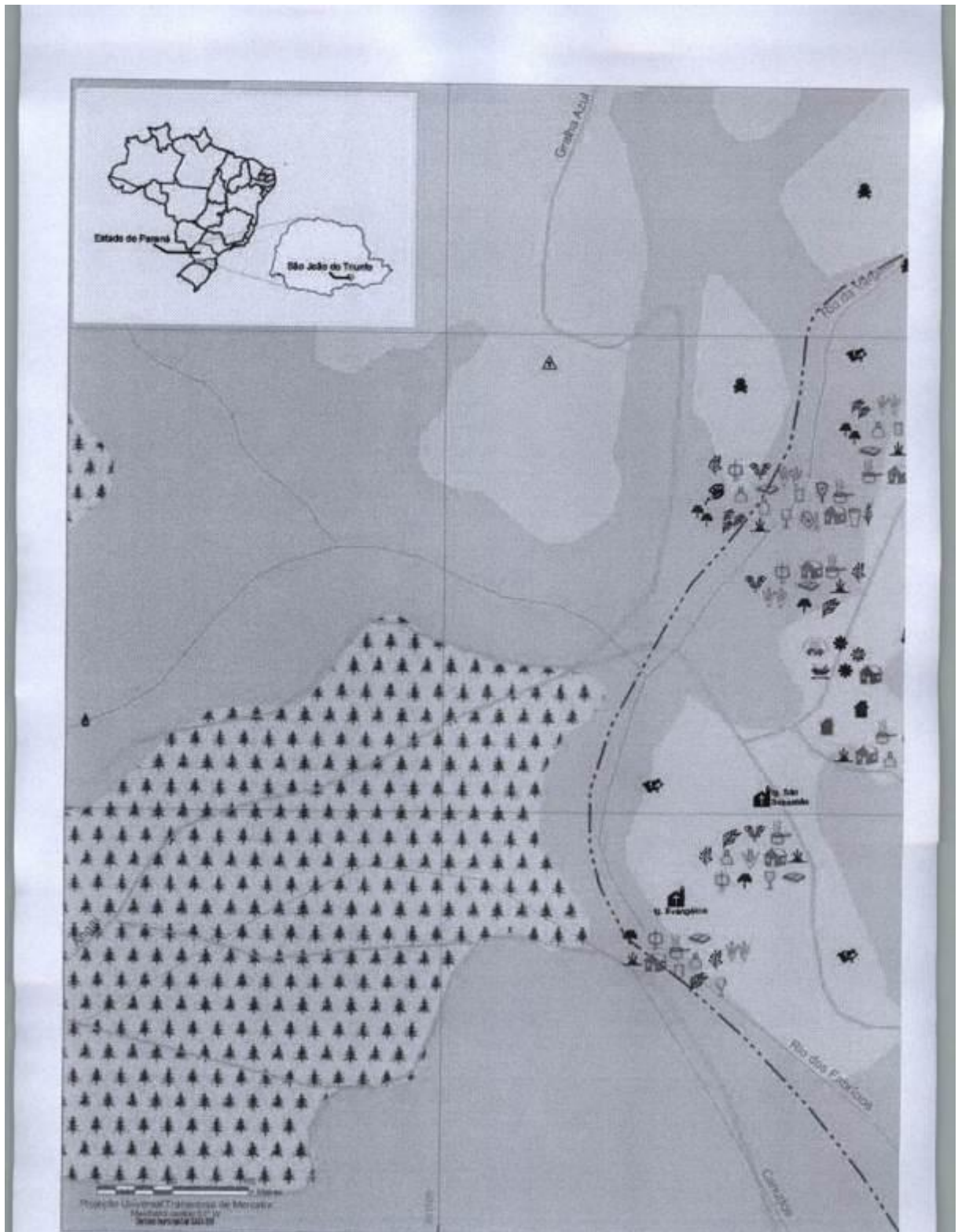
"Para nós é muito importante, porque a gente sempre fala pra um pra outro, ensina uma coisa outra ensina outra coisa, então é importante isso pra gente, pois porque tem muita gente que não acredita nas coisas né, então, mas quem tem fé, é importante essas coisas, é importante pra a comunidade para o grupo, para todo mundo né, que procura as coisas, ta machucado vai lá na curadeira, ela costura é importante para a saúde do povo." *Ana Maria Berger, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007*

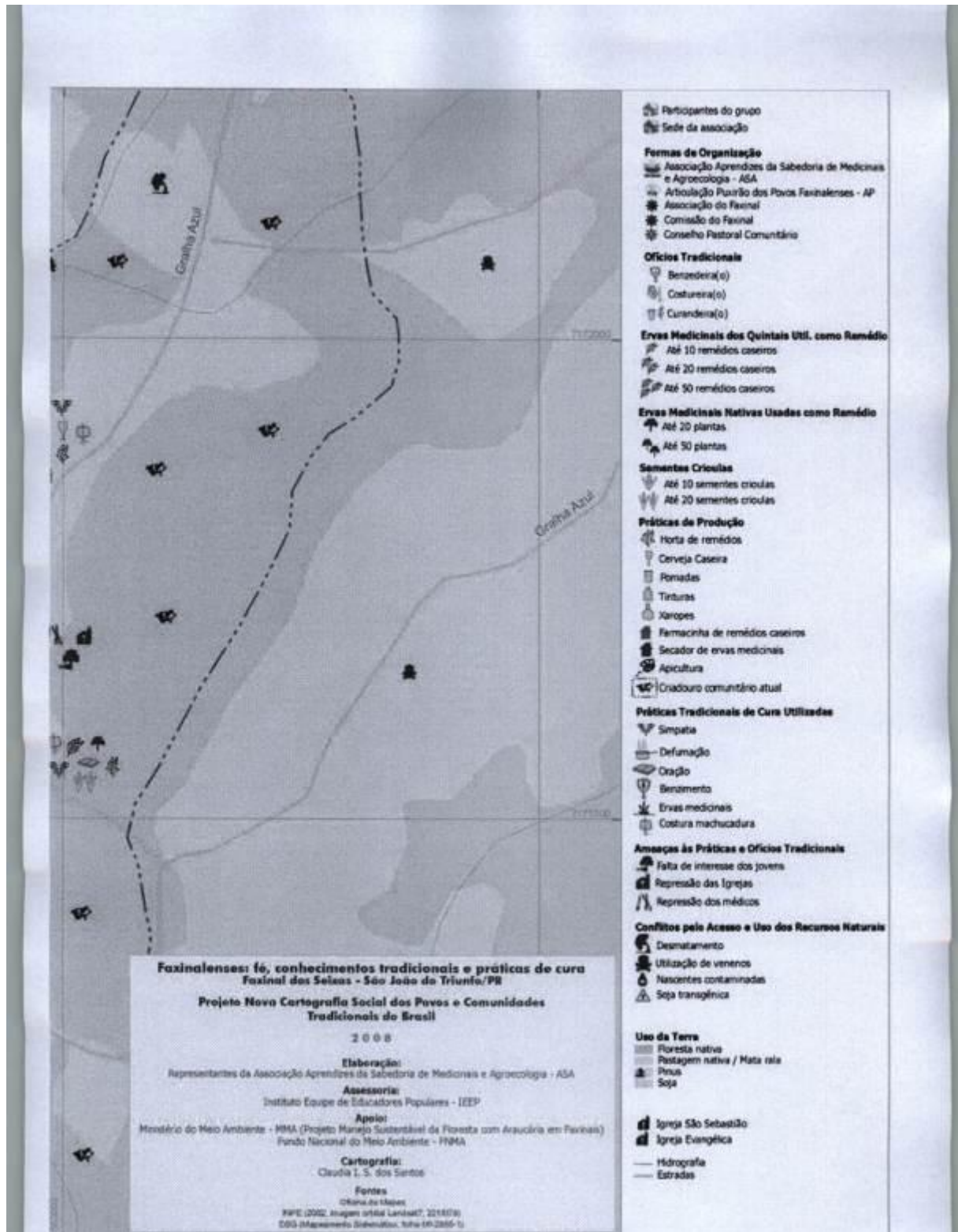












Quais os desafios para as Aprendizizes da Sabedoria?

"Fazer elas perderem um pouco do medo que elas tenham dos padres, dos médicos, tentar legalizar para nós podê vender os nossos remédios né, que são naturais que não tenham contra indicação nada, acho que é isso, tentar passar pro jovem que não é só televisão que traz coisa boa, porque televisão não traz só coisa ruim, traz coisa boa, mas não é só televisão, que os antigos pode trazer muito mais, aprender bastante com os antigos." *Maristela Treichel, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

"Sei lá, na nossa opinião, cada uma de nós imo ter de se responsabilizar de aprender melhor, lidar com os remédios, não esquecer das simpatias, dos remédios das crianças, para nós mesmos, para que não se esqueça, porque de primeiro nós não sabia, ia atrás dos benzedor, agora esta se acabando, nos temos que aprender nós mesmos, aprender para repassar." *Marli Terezinha Scorsin, Faxinal do Marmeleiro de Cima, Rebouças, Setembro, 2007*

"Tem que estar sempre procurando esses benzedor, esses curador e que pra eles continuem até passar para frente ensinando os mais novos pra que consigam fazer essa prática de benzi-mento, de ser curador, simpatia para que continue sempre passando de um para outro." *Nandi Rocha Cordeiro, Faxinal do Marmeleiro de Cima/Rebouças, Setembro 2007*

"Tem que aprender mais, ensinar um pro outro cada vez mais, tem que ir repassando, repassando, tem que ir repassando." *Rosa Fracaro, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007*

"Nós temos que lutar, não ligá pro que ta acontecendo, pois sempre acontece crítica, se a gente tá fazendo uma cura, temo que respeitá o trabalho, o dom do outro, se eu respeito eles

tem que respeita também, se ele não quer vir não venha, mas respeite. Se alguém não ocupa, não precisa, graças a Deus. Teve uma vez que um senhor ratiô comigo, não quero conta o nome dele, disse que era pecado, que era o maior pecado, tava enganando Deus, daí eu disse já que é assim não vão pedir recurso para mim, tinha ido um dia antes para mim fazer uma simpatia para desafogar o cavalo dele, tenho medo de ser denunciada, aconteceu com os curador de antigamente, denúncia de um médico, na farmácia, quem vai se ferrar vai ser eu." *Helena de Jesus Rodrigues, Faxinal dos Seixas/São João do Triunfo, Novembro 2007*



*Reunião das Aprendizizes da Sabedoria
(Elizabete, Maristela, Nanci, Rosane)*

Porque os Faxinais ajudam a guardar esses conhecimentos?

"Ajuda porque têm muitos remédios nos faxinais, tem bastante remédio, cataia, bastante pau de Andrade, tem outros tipos de remédio, tem bastante remédio." *Rosa Fracaro, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007*

"Tem bastantes remédios que a gente procurava, nos faxinais ainda tem remédio, que é para gripe, tosse, muita coisa, muita gente curada com remédios dos faxinais." *Ana Maria Berger, Faxinal do Rio do Couro/Irati, Outubro 2007*

"Ajuda porque tem bastante remédio nos faxinais, muita gente mora e não conhece, vem pessoas de longe morar aqui, não sabe daí é só medico. Uns daqui saíram, o conhecimento foi

junto, muitos que sabiam e podiam deixar a sabedoria para a gente morreram, o papai ensinou pra mim, outro curador que sempre ficava aqui com nós, ensinou bastante, aquele véio me deixou muita coisa, muita sabedoria, que aquele véio tinha, muita sabedoria, era sabido mesmo, Godofredo Lopes era o nome dele morava no Bituva dos Machado. Benzia Água e



Oficina de Mapas, 21/11/2007

era bom, por isso eu tinha fé, era bêbado, mas parece quanto mais bêbado ficava mais melhor, pegava uma garrafinha de água dizia Dorinha, traga a caixa de Homeopatia, as vezes nem pingava o remédio na água o remédio e trazia para doente e era bom, aquele tinha o dom de curador mesmo, ele via as coisas, eu não tenho o dom de ver as coisas, eu sei quando uma criança se assusta, eu sei o que assustou, eu vejo na cera, só que eu não faço cura na cera a maioria é na peneira no rio." Helena de Jesus Rodrigues, Faxinal dos Seixas/São João do Triunfo, Novembro 2007



Heleninha, Benzedeira, exercendo seu Dom de Cura

A Saúde Popular nas Comunidades Tradicionais de Faxinais

As comunidades Faxinalenses viviam isoladas de serviços de saúde até a década de 80, e por isso dependiam dos conhecimentos das pessoas das próprias comunidades, pessoas detentoras de uma vasta sabedoria e fé. Hoje o médico chegou, mas muitos remédios ainda não. A saúde das famílias das comunidades de faxinais é obtida na maioria das vezes através das ervas medicinais dos quintais e da floresta, juntamente com as práticas de cura

Dicas de Sabedoria para um bom uso das ervas medicinais para preparo dos Chás

- 1| Colocar as ervas em um recipiente esmaltado, colocar água quente, deixar por 08 a 10 minutos, depois é só usar. Raiz e madeira ferver 2 minutos;
- 2| Não usar vasilhas de alumínio ou plástico, de preferência material esmaltado;
- 3| De preferência fazer consultas de bionergia antes de usar os chás;
- 4| Coletar ervas medicinais em lugar livre de contaminação, (venenos, transgênicos, etc.);
- 5| Saber a quantidade e como usar;
- 6| Saber identificar as ervas medicinais e saber sobre sua possível toxicidade.

e dos conhecimentos tradicionais presentes nas benzedeiras, curadores, costureiras. A maioria das ervas empregadas no tratamento das pessoas são espécies nativas da própria região ensinadas por pessoas de uma enorme sabedoria e fé, como as Parteiras, benzedores, benzedeiras, Curandeiras e Curadores, Costureiras e Costureiros da região.

Essas pessoas detentoras desse dom de cura são muito procuradas e valorizadas pelas comunidades rurais e urbanas, pois conhecem o valor de uso das ervas e usam para curar e salvar vidas de muita gente. Onde através das garrafadas, chás, xaropes, pomada, homeopatia, simpatias benzedimentos, costuras e oração, salvaram e deram a luz muitas vidas nas comunidades. Com remédios de acesso livre, no quintal e no Faxinal, que Deus deixou, ao lado de casa, para o uso das comunidades, livres de contaminação. Esses conhecimentos encontram-se hoje escondidos e reprimidos, seja pelas poucas pessoas conhecedoras dessas práticas de cura, ou seja, por órgãos públicos e religiosos, assim como também por ação de desmate, poluição por venenos e transgênicos.

A Associação Aprendizes da Sabedoria de Medicinalis e Agroecologia (ASA) e a Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses (AP), sabem do imenso valor dessas pessoas para as comunidades

de Faxinais. Pois muitos de nós nascemos de parteira, vamos a uma benzedeira ou a uma costureira para tirar a nossa dor, por isso a Associação Aprendiz da Sabedoria combate toda discriminação e preconceito contra esses conhecimentos. Lutando para o reconhecimento junto aos órgãos públicos da função social dessas práticas e de seus agentes. É com essa mensagem que a Aprendiz da Sabedoria convida a você nessa luta de valorização dos conhecimentos tradicionais de cura, para que possamos resgatar a verdadeira cura e saúde para o nosso povo Faxinalense. Sendo que para 2008, as Aprendiz da Sabedoria elegeram quatro linhas prioritárias de ação.



Altar de Romaria de São Gonçalo, Faxinal dos Seixas

Propostas discutidas pelas Aprendiz da Sabedoria e Articulação dos Povos Faxinalenses no 2º Encontro dos Faxinalenses, para os ofícios, práticas e conhecimentos tradicionais

- 1 | Resgatar e repassar os conhecimentos sobre ofícios tradicionais e ervas medicinais;
- 2 | Lutar junto aos órgãos públicos para construção de Políticas Públicas de reconhecimento e fortalecimento dos ofícios tradicionais e dos remédios caseiros;
- 3 | Construir leis municipais que regulamentem os ofícios tradicionais e remédios caseiros;
- 4 | Lutar para que a floresta rica em ervas medicinais permaneça livre de qualquer tipo de contaminação e o remédio de livre acesso a toda a população Faxinalense.

	Conquistas	Reinvidicações
Faxinal do Marmeleiro de Cima	Fundação e Sede da Associação do Faxinal dos Seixas/ACOFAS;	Respeito e reconhecimento dos órgãos públicos e religiosos das práticas de cura tradicionais;
	Criação de uma comissão local do Faxinal;	Leis municipais que garantam as práticas de remédios caseiros e dom de cura;
	Cercas para fecho criador comunitário;	Criação de uma Comissão local para encaminhar questões referentes ao Faxinal;
	Farmácia comunitária para o preparo dos remédios caseiros;	Médico mensal na comunidade que respeite as práticas de cura utilizadas;
	Encaminhamento da área do criador para ARESUR;	Cercas para hortas;
	Cursos de agroecologia e preparo de medicinais;	Portões de ferro nas entradas do Faxinal;
	Intercâmbio para visitas em outras propriedades;	Telefone público;
	Proteção de fontes;	Terreno para plantar;
	Campo de multiplicação de mudas de pastagens;	
Faxinal dos Seixas	Criação de uma comissão local para encaminhar questões do Faxinal;	Respeito e reconhecimento dos órgãos públicos e religiosos das práticas de cura tradicionais;
	Farmácia comunitária para preparo dos remédios caseiros;	Leis municipais que garantam as práticas de remédios caseiros e dom de cura;
	Cursos de agroecologia e preparo de medicinais;	Sede para a Farmacinha do grupo das Aprendizizes da Sabedoria;
	Intercâmbios para visitas em outras propriedades;	Tela para hortas agroecológicas;
		Dentista na comunidade;
Faxinal do Rio do Couro		Cursos de culinária, aproveitamento de alimentos;
	Farmácia comunitária para o preparo dos remédios caseiros;	Respeito e reconhecimento dos órgãos públicos e religiosos das práticas de cura tradicionais;
	Cursos de agroecologia e preparo de fitoterápicos de medicinais;	Leis municipais que garantam as práticas de remédios caseiros e dom de cura;
	Intercâmbios para visitas em outras propriedades;	Médico quinzenalmente na comunidade que respeite as práticas de cura utilizadas;
	Campo de multiplicação de mudas de pastagens.	Sede definitiva das Aprendizizes da sabedoria;
		Transporte para a cidade;
		Volta da urna de votação;
		Água tratada funcionando;
		Portão e cercas em bom estado de conservação.

Nova Cartografia Social dos Povos e
Comunidades Tradicionais do Brasil

Série: Faxinalenses no Sul do Brasil

- 1 Faxinalenses: Fé, Conhecimentos
Tradicionais e Práticas de Cura
- 2 Faxinalenses no Setor Centro do Paraná
- 3 Faxinalenses no Setor Sul do Paraná
- 4 Faxinalenses no Setor Metropolitano
de Curitiba

REALIZAÇÃO



APOIO



UFAM

Pastoral da Terra
Guarapuva



fnma
FUNDO NACIONAL DO
MEIO AMBIENTE

Ministério do
Meio Ambiente

16

